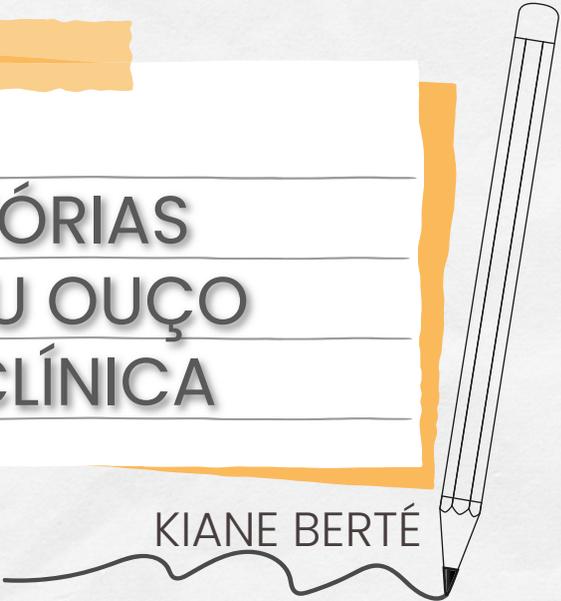


HISTÓRIAS
QUE EU OUÇO
NA CLÍNICA

KIANE BERTÉ



EDITORA
UNOESC

© 2024 Editora Unoesc
Direitos desta edição reservados à Editora Unoesc
É proibida a reprodução desta obra, de toda ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios, sem a permissão expressa da editora.

Fone: (49) 3551-2000 - Fax: (49) 3551-2004 - www.unoesc.edu.br - editora@unoesc.edu.br

Editora Unoesc

Coordenação
Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro
Revisão linguística e metodológica: Esther Arnold
Projeto gráfico e capa: Simone Dal Moro
Diagramação: Simone Dal Moro
Arte original da capa: Kiane Berté

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B537h Berté, Kiane.
Histórias que eu ouço na Clínica / Kiane Berté. –
Joaçaba: Editora Unoesc, 2024.
158 p. : il. ; 23 cm

ISBN: 978-85-98084-83-1
ISBN e-book: 978-85-98084-82-4

1. Saúde mental. 2. Centros de reabilitação. 3.
Instituições de saúde. I. Título.

CDD 613.86

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

Reitor
Ricardo Antonio De Marco

Vice-reitores de Campi
Campus de Chapecó
Carlos Eduardo Carvalho
Campus de São Miguel do Oeste
Vitor Carlos D'Agostini
Campus de Videira
Carla Fabiana Cazella
Campus de Xanxerê
Genesio Téó

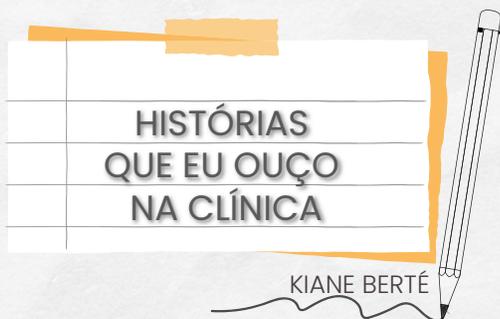
Pró-reitora de Ensino
Jaciney Aparecida Danielli

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-
Graduação, Extensão e Inovação
Kurt Schneider

Diretor Executivo
Jarlei Sartori

Conselho Editorial

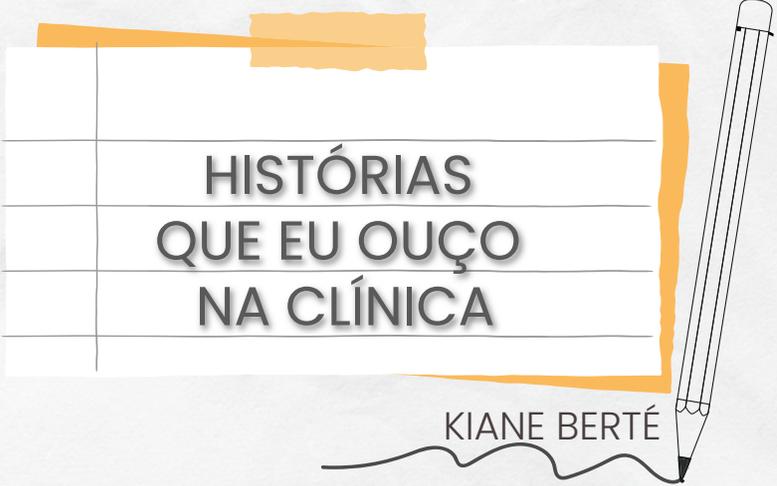
Tiago de Matia	Silvio Santos Junior
Sandra Fachineto	Carlos Luiz Strapazzon
Aline Pertile Remor	Wilson Antônio Steinmetz
Lisandra Antunes de Oliveira	César Milton Baratto
Marilda Pasqual Schneider	Marconi Januário
Claudio Luiz Orço	Marceli Maccari
Ieda Margarete Oro	Daniele Cristine Beuron



Esta obra foi desenvolvida com o apoio da Associação de Assistência Hospitalar Santo Expedito/Hospital Santa Luzia, de Ponte Serrada.



**EDITORA
UNOESC**



HISTÓRIAS
QUE EU OUÇO
NA CLÍNICA

KIANE BERTÉ

EDITORA
UNOESC

Dedico este livro a todos aqueles que precisam de uma segunda chance.

Sumário

A busca por reconhecimento social.....	11
Nota da autora	13
O lugar da cura.....	15
De profissional para amigo.....	19
Por que a diferença é considerada loucura?	33
Meu irmão foi o meu maior inimigo	37
Meu ex-marido droga o meu filho de dois anos	44
Era para ser um conto de fadas	52
Quero entender o que as vozes dizem	60
Meu amigo me abandonou.....	66
A solidão me adotou	74
Minha mãe também tem culpa no cartório	80
As cicatrizes que carrego em meu braço são fruto da dor que sinto.....	87
Cresci em um lar regado de violência	94
“Quem bate não se lembra, mas quem apanha nunca esquece”	99
Não aceitei a amante dentro de casa e levei um tiro	105
Vendi meu carro por 120 gramas de pó.....	111
Meu tio prometeu matar meu estuprador quando saísse da cadeia	117

Flagrei minha irmã casada na cama com o meu marido	123
Fiquei revoltada depois que meu avô abusou de mim	129
Estou feliz que meu pai tenha morrido	133
Criei um grupo no Whatsapp para me despedir	140
Um paraíso chamado drogas	148
A importância da clínica de reabilitação na vida das pessoas.....	153

A busca por reconhecimento social

A sociedade contemporânea é extremamente competitiva e exige cada vez mais das pessoas. Os desafios do dia a dia cobram bom senso, equilíbrio e energia. A saúde mental muitas vezes é colocada em risco. Há quem não suporte a pressão do cotidiano.

Todos conhecem casos, no ambiente familiar, entre amigos ou pessoas próximas, de alguém que precisa de suporte emocional para enfrentar um período turbulento na vida. Alguns conseguem superar a fase difícil com o apoio familiar, ou de apoios pontuais de profissionais especializados. Outros precisam de acompanhamento terapêutico mais intenso. Mas, há casos em que o indivíduo enfrenta crises severas e pode colocar em risco sua vida ou as de outras pessoas.

Desajuste familiar ou social, dificuldade extremada para enfrentar situações como crises que geram ansiedade e depressão, processos que levam ao uso compulsivo de drogas lícitas e ilícitas e várias outras comorbidades muitas vezes conduzem a situações extremas, que só um processo de atenção máxima permite controlar.

Algumas pessoas, em momentos assim, ainda percebem que precisam buscar ajuda. Outras estão com percepções alteradas e alguém precisa intervir para que sejam preservadas. Nessas circunstâncias, instituições como os hospitais psiquiátricos se tornam fundamentais.

Quem já viveu uma emergência nessa área da saúde sabe a importância de instituições e dos profissionais especializados. A sociedade, contudo, tem dificuldade em reconhecer e valorizar o relevante serviço social e humanitário que é prestado em clínicas e hospitais focados na saúde mental. Para muitos, o hospital psiquiátrico fica no sopé da escala, e isso vale, inclusive, para a destinação de recursos públicos.

Fiz essa introdução para afirmar que reconheço a importância da Associação de Assistência Hospitalar Santo Expedito, de Ponte Serrada, que há 15 anos focou sua atuação no atendimento de pacientes psiquiátricos. Com área de abrangência em atendimento pelo SUS desde o extremo Oeste até o Planalto Norte, com mais de 500 internos/ano e 80% de vagas públicas em seus 30 leitos, é uma instituição que luta para desmistificar o atendimento na área da saúde mental e desenvolver empatia com os pacientes por meio de um processo clínico humanizado, trabalhando na linha das Práticas Integrativas e Cuidados Complementares de Saúde (PICCS).

Depressão, transtorno de ansiedade, esquizofrenia, adição a álcool, tabaco e outras drogas e borderline são alguns dos transtornos contemporâneos que lá encontram tratamento. Quadros de procura crescente na sociedade, em tempos em que já se antevê como uma possível futura pandemia a questão da saúde mental. Doenças que atingem pessoas na faixa etária produtiva, que são crônicas e causam intensa demanda de atendimentos de apoio, com impacto nos serviços públicos.

Por isso, valorizo a obra da jornalista Kiane Berté, que dá visibilidade a histórias de vida de alguns dos pacientes do Santo Expedito. Com a proposta de desmistificar o atendimento especializado em psiquiatria, mostrando que todos merecem uma nova oportunidade para se encontrar e construir um novo caminho. E, de forma mais ampla, provocar uma nova visão da sociedade para os pacientes acometidos por essas patologias, que precisam de muita empatia e gentileza para conquistar espaços, e uma vida com expectativas de engajamento e produtividade.

Deputado Mauro De Nadal

Presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina

Nota da autora

Muitas vezes reclamamos de coisas tão pequenas, que esquecemos que outras pessoas estão passando por uma situação bem pior do que a nossa. A dor do outro só pode ser sentida por nós mesmos, quando presenciamos tal caso e passamos a conhecer mais a fundo as dificuldades que são praticamente constantes na vida de quem precisa de ajuda.

Ao entrar na clínica de reabilitação, eu senti que poderia ajudá-los de alguma forma e não há nada mais gratificante do que ver o sorriso no rosto das pessoas ali presentes, quando eu entrava por aquela porta para trocar ideias e conversar sobre a vida, sobre os problemas, sobre os sonhos...

Cada paciente tem sua história, às vezes parecida com a do colega, mas nunca totalmente. Alguns com mais de 50 anos, outros, com menos de 18, mastodonte com o mesmo obstáculo e buscando por ajuda e por uma qualidade de vida melhor.

Ouvir as histórias no começo não foi nada fácil, pois o sentimento que todos trazem é bastante emocionante, tirando dos olhos de muitos deles — em certos casos, até dos meus — as lágrimas acumuladas de tantos anos, resultado da dor sentida e que continua dentro de cada um. Tudo o que eles querem ali é amizade, atenção, carinho e respeito, coisa que, muitas vezes, não se tem do lado de fora.

As histórias que serão contadas a seguir são verdadeiras e foram detalhadas pelos próprios pacientes da clínica que visitei durante meses nos últimos anos. Nem todos os pacientes se sentiram confortáveis em participar deste projeto, mas alguns deles aceitaram e apoiaram a ideia desde a minha primeira visita. Alguns deles, que antes não queriam se abrir, mudaram de ideia no decorrer do tempo e expuseram seus

medos, inseguranças, problemas, e também tudo o que os faz bem. Porém, para preservar a imagem deles, no projeto não haverá fotos de seus rostos, e muito menos seus nomes verdadeiros e cidades de onde vieram. Por conta disso, cada um deles escolheu como gostaria de ser chamado.

São histórias tristes, pesadas e que, com certeza, irá emocionar quem estiver lendo. Através delas, vamos conseguir olhar para as pessoas de uma maneira diferente e passar a compreender que existem pessoas precisando de ajuda e que necessitam da nossa atenção e carinho.

Se cada um de nós fizer a sua parte, o mundo será um lugar melhor para se viver.

Deixo o meu agradecimento ao Hospital Santa Luzia pela oportunidade de desenvolver esse projeto tão importante.

Figura 1 – Porta que leva à ala feminina da clínica de reabilitação em Ponte Serrada



Fonte: Kiane Berté (2023).

O lugar da cura

O dia começa cedo na Clínica de Reabilitação, ambientada no Hospital Santa Luzia, em Ponte Serrada, no Oeste de Santa Catarina. Para alguns, antes mesmo de clarear o dia. Os pacientes da ala de saúde mental recebem um tempo de uma hora e meia para se levantar, tomar um banho, organizar os pertences que carregam consigo e se preparar para o café da manhã que é servido às 7h30. Até as 8h30, eles também já formaram uma fila e receberam as medicações que fazem uso diariamente.

Essa é uma das rotinas que os mais de 40 pacientes, homens e mulheres

– jovens e adultos – têm desde que se hospedaram em seus quartos numerados da ala feminina e masculina, aos fundos da unidade hospitalar.

Não há muita coisa que possa ser admirada do lado de dentro da clínica, exceto pelo céu e algumas árvores que ali habitam, mas que estão localizadas do lado de fora, podendo ser vistas pelo pequeno pátio de lazer do lado esquerdo do corredor de entrada.

Como não podem ter acesso à internet, ao celular e a itens eletrônicos, os pacientes costumam fazer atividades terapêuticas, direta ou indiretamente com toda a equipe multiprofissional – sendo nutricionista, farmacêutico, assistente social, psicólogo – durante o dia para passar o tempo. Monitorados 24 horas por dia, eles recebem jogos, praticam atividades nas aulas de Educação Física, participam das rodas de conversa, canto e violão e até fazem a tarde do chimarrão.

Eles fazem o que podem para ocupar a mente e se distrair de tudo o que a perturba, e muitos esperam ansiosos para falar com a família nas sagradas ligações de terça e quarta-feira.

São cerca de 15 profissionais atuando dentro da clínica, sejam médicos, psiquiatra, psicóloga, enfermeiras, assistente social e outros, que estão ali sempre para dar apoio e suporte aos pacientes que entram semanalmente para iniciar o tratamento e tentar recomeçar.

A clínica iniciou as atividades em saúde mental no ano de 2002, pelo fundador Deolindo José Baggio, para proporcionar tratamento e recuperação de pessoas com transtornos mentais e dependência química. Ela é a única na região que oferta o programa Tabaco Zero, onde os pacientes recebem o tratamento para deixar o vício do cigarro.

Atuando há mais de 20 anos no município de Ponte Serrada, passando por algumas transições de gestão, até hoje já abrigou e cuidou de mais de 500 pacientes por ano, que sofrem com alcoolismo, drogas, depressão, ansiedade, bipolaridade, entre outros transtornos mentais.

No local são atendidos pacientes de mais de 50 municípios, sendo pelo convênio do Sistema Único de Saúde (SUS), pelos fundos municipais de saúde e demais convênios, abrangendo toda a macrorregião de Chapecó em Saúde Mental, de Ponte Serrada até Dionísio Cerqueira.

A clínica também oferece as ligações para que os pacientes possam matar a saudade dos familiares. Esse contato acontece em forma de ligação de voz, chamada de vídeo ou mensagem, ficando a critério de cada um deles.

Durante as ligações, nota-se o quanto os sentimentos ficam à flor da pele, fazendo-os demonstrar tristeza por estarem longe da família, alegria por poderem dividir aquele momento com quem mais amam e tudo aquilo que dentro da clínica, longe dos parentes, não dá para sentir e nem viver.

Grande parte dos pacientes consegue conversar com a família, trocar ideias, relatar as melhoras que vêm tendo por conta do

tratamento, mas também há aqueles que preferem manter distância não só do telefone, como também de quem os espera do outro lado da linha. Alguns até culpam a família por estarem na clínica, o que dificulta ainda mais o pouco contato que têm com a mãe, esposa, os filhos ou irmãos.

Algumas ligações são rápidas, não duram um minuto se quer. Já outras, chegam a extrapolar o tempo máximo, que é de até quatro minutos, para poder dizer tudo o que está sentindo e o que espera da vida quando deixar a clínica. Geralmente as ligações mais demoradas são das pacientes mulheres.

Em diversos casos, também, há pacientes que apenas lembram de pedir por mantimentos que faltam, mas se esquecem de saber como a família está ou de falar sobre como ele próprio anda se sentindo com relação à internação.

Mesmo assim, percebe-se a alegria no rosto de quem está telefonando e de quem está recebendo a ligação. É através destas chamadas no viva-voz que eles conseguem reestabelecer vínculos familiares, mesmo que, muitas vezes, as lágrimas de saudade rolem depois do “alô”.

Figura 2 – Entrada da ala feminina na clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

De profissional para amigo

Assim como os pacientes que vivem na clínica de reabilitação em Ponte Serrada, os profissionais que ali trabalham tendem a seguir um cronograma estipulado por eles mesmos para distrair os pensamentos e melhorar a qualidade de vida de cada novo membro do grupo.

O Doutor psiquiatra Lírio Barreto, que atua na unidade há mais de dez anos, costuma chegar cedo na clínica de reabilitação. O primeiro trabalho é rever as prescrições de todos os pacientes, conversar com a equipe para saber quais deles estão mais desestabilizados, iniciando as reavaliações de cada um, tanto os que estão internados e os que estão com pré-alta, prestes a voltar para casa.

Dentro da clínica existem atividades diversificadas, onde os pacientes encaminhados de outros municípios — nos quais a clínica é referência —, precisam passar por diagnóstico porque, muitas vezes, nem sempre o diagnóstico enviado ao médico responsável, corresponde ao que ele foi realmente avaliado na clínica.

Logo após, atividades de reavaliação são feitas com os pacientes em geral, para saber o que precisa ser mudado, melhorado e entender como está seguindo o tratamento de cada um.

Lírio Barreto atua também junto à equipe da saúde mental em reuniões, tanto de grupos, como em coletividade, para discutir como são feitos os tratamentos desses pacientes que estão na clínica em busca de uma qualidade de vida melhor.

O Doutor cita que, além dos casos voluntários, de pessoas que entram na clínica por conta própria, também são presenciados casos de pacientes internados involuntariamente, também em situações em que alguns deles chegaram até a unidade contidos por serem ou estarem

bastante agressivos, em surto ou alucinando, muitos chegam por ordem judicial e na companhia da polícia. Isso tudo, para, de alguma forma, manter em segurança os profissionais e demais pacientes que estão na clínica.

Nesses casos, o profissional ressalta que não há como colher um diagnóstico inicial, por conta dessas situações normalizadas com medicações e com o passar do tempo. Mesmo assim, em nenhum caso de contenção até hoje, foi uma ameaça ou um problema para a equipe e para o médico, que trabalham de forma efetiva.

Lírio Barreto ressalta a importância de manter a “higiene mental”, dentro dos parâmetros da normalidade, quanto profissional, quanto ser humano, e, quando necessário, buscar por um profissional habilitado para que a doença não evolua e cause prejuízos maiores na vivência, na relação em sociedade e na família, e não acarrete problemas futuros.

O médico da ala de saúde mental, Erick Takahashi, testemunha diariamente a coragem e a resiliência dos pacientes que atende todos os dias. Para ele, a clínica não apenas trata sintomas, mas também constrói um percurso de cura e esperança para as pessoas.

“Aqui, cada crise é recebida não como um fim, mas como o começo de uma nova jornada de autoconhecimento e recuperação”, reflete.

Com a colaboração de uma equipe multidisciplinar, os profissionais proporcionam um acompanhamento que vai além do convencional, focando na pessoa como um todo.

“Nosso trabalho é pautado na compreensão de que cada ser humano possui uma história única, e é nessa individualidade que encontramos as chaves para uma terapia eficaz”, comenta.

A coordenadora Laísa de Lourdes Mendes atua na unidade desde 2014, quando aceitou o convite para realizar dinâmicas na ala de saúde mental. As atividades duravam cerca de 40 minutos, e ela tinha o compromisso de evoluir manualmente no prontuário dos pacientes.

No decorrer dos anos, passou por todos os setores do Hospital Santa Luzia, por três gestões, e atualmente se encontra à frente da coordenação.

Laísa descreve a profissão como uma “*tarefa difícil e árdua*”. No quesito de acolher, planejar e executar o serviço, seja ele interno com fluxos e processos com a equipe e os pacientes, seja trabalho externo com a comunicação e articulação com a rede de atendimento dos municípios, contato com regulação de leitos, convênios, reuniões, encontros, ofertas de campos de estágios, capacitações, grupos de estudos, seminários, entre outras funções.

Hoje, após dez anos, a profissional consegue identificar a real importância e a necessidade do trabalho que todos desempenham na linha de cuidado do paciente. Desde a equipe multiprofissional, enfermagem, serviços gerais, cozinheiras e demais colaboradores que entregam o seu melhor no dia a dia para a qualidade de vida dos pacientes.

“É tão gratificante visualizar a evolução da clínica, dos serviços ofertados no decorrer dos meses, anos. Todos que ali passaram fizeram e doaram o seu melhor, todos são e foram importantes para o aprimoramento e a expansão da ala de saúde mental”, enfatiza.

O objetivo diário de Laísa é garantir o cuidado com o paciente, com o atendimento e a intervenção profissional na abordagem e o encaminhamento com o paciente, a família e as equipes dos municípios no ato da internação e o encaminhamento para a pós-alta hospitalar, para que o ciclo não se rompa, que se consiga despertar o interesse e

observar a necessidade de manter o tratamento ambulatorial lá no seu município de origem.

A definição de EQUIPE na saúde mental se resume em empatia e gratidão. É assim que a coordenadora descreve. Isso porque, a EQUIPE é o pilar do paciente, base do setor, são eles que acompanham a dor, a angústia, a raiva, a saudade, o desespero da família sobre o paciente, o amor, o perdão, o medo, a insegurança, a esperança, a alegria e demais sentimentos despertados no período de internação, com ênfase na expectativa da recuperação do paciente.

“Na coordenação, a palavra é CONTORNAR, para dias mais leves, outros nem tanto, porém com o intuito de filtrar, amenizar, proporcionar condições de trabalho, atingir metas, trazer o novo, conservar o já existente e assim entregar resultados positivos para a direção e todos que usufruem do serviço ofertado, e incansavelmente defender que saúde mental não é ‘frescura’, é uma busca de equilíbrio com nosso ser emocional, físico, espiritual e mental”, destaca a coordenadora de saúde mental.

Mateus de Macedo é educador físico na unidade há mais de cinco anos. Em todos esses meses de ensinamentos, ele presenciou de tudo, escutou muitas histórias, divertiu-se bastante e leva para a vida muitas experiências que já viveu ali.

O profissional de Educação Física trabalha 20 horas semanais na clínica, iniciando seus afazeres às 13h, chamando todos para fazer aulas de aeróbica, com alongamentos e outras atividades físicas, tudo dentro do limite de cada paciente, até mesmo por pessoas mais debilitadas que sofrem com problema na coluna, no joelho e outros, por exemplo. São atividades diversificadas, e ocupam o tempo deles de uma forma mais leve.

O professor pratica caminhadas com os pacientes pelas ruas e em alguns pontos turísticos da cidade. Durante esse período de diversão, eles realizam atividades ao ar livre e alguns pacientes até

aproveitam para pagar suas promessas, subindo de joelhos as enormes escadarias de pedra do Morro das Cruzes, local religioso onde está localizada a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

O profissional também trabalha musicoterapia, com auxílio de um violão, criando paródias e incentivando os pacientes a cantarem com ele, como uma forma de ajudá-los a relaxar.

Em dias de sol, o profissional auxilia os pacientes na horta do hospital, onde eles ajudam a cuidar das verduras e fazem a limpeza do espaço.

No decorrer desses anos, Mateus já chegou a ter conflitos com alunos da clínica, mas isso nunca o impediu de tentar ajudar de alguma forma. Mesmo ouvindo muitas histórias dos próprios pacientes que desabafam e tentam criar algum laço de amizade, Mateus tem uma história em particular que mexeu muito com ele.

Há pouco mais de um ano, um jovem de 16 anos deu entrada na clínica por conta do uso excessivo de drogas. Ele se envolveu muito cedo com o tráfico. O adolescente tinha em mente sair daquela vida e voltar a viver com a mãe no interior da cidade. Mateus recorda que o menino chegou na unidade bastante revoltado com a vida, mas que, no decorrer das semanas, criou um vínculo com todos ali dentro. O profissional o aconselhou muito antes de ele deixar a clínica, mas, um tempo depois, Mateus recebeu a triste notícia de que o rapaz havia sido morto por conta do envolvimento no tráfico.

Mesmo precisando lidar com essas situações corriqueiras, Mateus de Macedo passou a levar, da clínica de reabilitação, muito aprendizado. Ele começou a valorizar ainda mais a vida, a família e as pessoas ao seu redor, já que vivenciou muitos casos de pacientes que deram entrada na unidade de saúde mental por enfrentarem problemas familiares e acabarem no mundo das drogas e em outros caminhos ruins.

Para Mateus, não há nada mais gratificante do que receber a notícia de que um aluno dele está longe das drogas e vivendo da maneira que sempre sonhou.

Para a psicóloga Carolina Dalla Costa – que atuou na clínica aproximadamente oito meses, no ano de 2022 – a história segue no mesmo curso. Com apenas alguns meses de trabalho, ela já sentiu a dimensão que é trabalhar diariamente com pacientes da saúde mental.

Como todos enfrentam algum tipo de problema dentro da clínica, Carolina buscou trabalhar da forma mais tranquila que conseguiu, naquele período, deixando-os mais confortáveis a ponto de se sentirem seguros e mais confiantes.

Através da sua jornada de trabalho, que iniciava às 8h e terminava às 17h, Carolina desenvolvia com eles os grupos terapêuticos sobre dependência química e tabagismo, ansiedade, depressão, alcoolismo e outros temas que sempre estão em pauta. Além disso, ela realizava atendimento individual, todos os dias, para quem ainda sentia dificuldade em se abrir com os colegas.

Eram feitas rodas de conversas com o objetivo de compartilhar as histórias uns com os outros, e também técnicas de relaxamento, entre outros exercícios que a área dela permite.

O que mais abalava a profissional Carolina era saber que o histórico de vida dos pacientes que chegavam até ela era anormal ao que estava acostumada a ver do lado de fora, de jovens frequentando a escola e tendo parentes presentes na vida. Para ela, todo problema que acontecia na clínica era resolvido com diálogo, sem precisar gritar ou ficar de mal um com o outro, e isso era algo que ela costumava reforçar dentro da clínica.

A psicóloga trabalhou por anos em empresas no Recursos Humanos (RH), e não possuía experiência alguma com saúde mental, apesar de já atender em seu consultório particular no tempo livre.

Ela relatou que a vida real que a saúde mental passa, é totalmente diferente do que a vida na literatura. Nada é igual.

O aprendizado que Carolina leva para a vida é ter empatia com as pessoas e ajudá-las independente do que fizerem para ela. Nunca julgar o próximo, até porque, nunca se sabe pelo que a outra pessoa passou.

Mesmo em alguns dias saindo da clínica completamente esgotada mental e fisicamente, a psicóloga sentia que em outros momentos saía agradecida por ter ajudado tantas pessoas. Saúde mental nunca esteve nos planos de Carolina, mas ela acredita que tudo o que passou lá dentro estava sendo sua missão de vida.

Carolina se desligou da clínica de reabilitação de Ponte Serrada há pouco mais de um ano, e esteve presente no período em que o livro estava em construção. Porém, esse trabalho ainda é desenvolvido na clínica, mas atualmente está sob responsabilidade da psicóloga Keyzi Natali Michelin.

Conforme Keyzi, durante o período de internação, o que auxilia nesse processo são as atividades diárias ofertadas, como, por exemplo, os grupos que possibilitam a troca de experiências vivenciadas por cada um, a empatia, além de estar agregando com informações e conhecimentos sobre diversos temas abordados durante o tratamento.

Vale ressaltar que os pacientes também têm a caminhada terapêutica, os grupos de socialização, rotinas e dinâmicas. Uma novidade agora na clínica de reabilitação de Ponte Serrada são as atividades das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICS), em que os oficinairos desenvolvem a aromaterapia, a orinoterapia e também a arteterapia. Essas são práticas integrativas que, cientificamente, contribuem com o tratamento medicamentoso e são reconhecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A psicóloga Keyzi ressalta que as PICS tiveram boa adesão ao serem associadas com o tratamento medicamentoso e as terapias, além de ser de forma gratuita em que pessoas com vulnerabilidade social muitas vezes nem conseguiriam ter acesso a esse tipo de tratamento.

A questão de ser ofertado também o tratamento para dependência do tabaco, tendo o programa Tabaco Zero, em que semanalmente são realizados grupos com o objetivo de ver sobre dependência relacionada à droga, dicas para cessar com o uso, malefícios do vício e suas doenças e os benefícios após parar de fumar, além de ser ofertada medicação, os adesivos e goma de nicotina que auxiliam na questão da fissura e abstinência do vício.

Para a profissional, as patologias muitas vezes podem ser semelhantes, mas cada paciente recebe um olhar único e humanizado ali dentro, procurando trabalhar com eles a questão de recuperação de quadro clínico, questões físicas, psicológicas, sociais, autoestima, vínculos familiares, reinserção social e reforçado principalmente sobre as mudanças de hábitos, bem como a necessidade de dar continuidade ao tratamento de forma ambulatorial.

A terapeuta ocupacional Patrícia Queiroz – que atuou na unidade durante quatro anos – viu a vida dentro da clínica da mesma maneira que os colegas citados acima. Trabalhar ali, mesmo que apenas duas vezes na semana, foi um aprendizado diário e que a fez pensar na vida como nunca tinha pensado.

Depois que passou a frequentar os corredores da clínica de reabilitação, e conviver com os pacientes que ajudou de todas as maneiras que conseguiu, Patrícia também aprendeu que nunca se pode julgar o próximo.

A terapeuta chegava por volta das 8h, nas terças e quartas-feiras, e muitas vezes foi responsável por tirar os pacientes da cama, puxando o cobertor que eles usavam para esconder o rosto quando

estavam indispostos ou com “preguiça” de participar das atividades que ela oferecia.

Em primeiro momento, Patrícia avaliava o lugar, os rostos, as expressões, o clima do ambiente, para saber o que exatamente trabalhar com eles na semana. Além disso, esperava receber o “bom dia” de cada um para tentar perceber na voz como a pessoa andava se sentindo.

No início da manhã, o trabalho era trazer a meditação guiada e a oração do “Ho’oponopono” — uma prática havaiana antiga, com vista à reconciliação e ao perdão — que foi algo que a profissional inseriu recentemente nas atividades dos pacientes. Isso porque, boa parte dos pacientes entram na clínica com vínculos e muitos atritos de experiências que aconteceram fora do ambiente de tratamento. Segundo Patrícia, quando eles se concentravam na atividade, a energia de cada um se modificava e o ambiente ficava mais agradável, leve, mais fácil de viver. Durante a prática de meditação, a terapeuta revelou que muitos até se emocionavam.

Dos trabalhos que ela também desenvolveu dentro da clínica de reabilitação, estão atividades de pintura, desenhos, recortes, palestras de conscientização, que envolvem todo tipo de vício que fez com que eles chegassem até a unidade, além da produção de mandalas, que faz com que os pacientes prestem mais atenção em si, em uma representação de quem são e fazendo-os olhar para dentro de si, já que geralmente eles têm dificuldade de se entender.

Dentro da terapia ocupacional, que Patrícia desenvolvia, eles tinham a chamada “relação tríade”, que é o terapeuta, a atividade e o paciente. Através das atividades, os pacientes se soltavam mais e acabavam descrevendo a vivência que tinham em casa antes de chegar à clínica, as dificuldades e os problemas enfrentados na vida. Depois disso tudo, eles voltavam mais centrados e mais organizados na rotina.

Dentre as histórias que costumava chamar a atenção de Patrícia na clínica, uma pertencente ao paciente Gilberto Gomes (*nome fictício*) despertou algo a mais na profissional.

Gilberto se internou há alguns anos e passou pelos trabalhos desenvolvidos por Patrícia no decorrer dos dias. Ele buscou atendimento na clínica por uso de drogas pesadas, mas estava se recuperando bem. O que chamou a atenção da terapeuta foi ouvir da boca dele, durante uma das tardes de atividades, que ele jamais “se mataria”, que nunca na vida iria pensar em cometer suicídio, usando a história de vida dele para “provar” o que dizia.

O jovem relatou à profissional que o pai já o havia atingido com uma martelada na cabeça de propósito, chamando-o de assassino porque o culpava pela morte da mãe, que não resistiu durante o parto dele. Em meio à história, Gilberto custou a dizer que, mesmo estando sofrendo nas mãos do próprio pai, nunca pensaria em tirar a própria vida.

Como uma forte ironia e ciente de que o garoto não tinha parado para pensar na vida realmente, causou-lhe um choque de realidade ao lembrá-lo de que era viciado em drogas e que esse vício poderia levá-lo ao suicídio. Isso fez com que Gilberto parasse e pensasse nas palavras da terapeuta. Depois daquela conversa, prometeu que sairia da clínica e lutaria para viver sem nenhum vício.

Dentro da clínica, mesmo quando não estava desenvolvendo seu trabalho, Patrícia aprendeu a não julgar, independente de quem seja, exatamente porque não sabe como foi ou como é a vida das pessoas que estão ali em busca de tratamento.

Patrícia Queiroz se desligou da clínica de reabilitação de Ponte Serrada há pouco tempo e esteve presente no período em que o livro estava em construção.

A relação de profissional e paciente é movida pelo respeito. E isso foi algo que a enfermeira Luana Dondé Baggio — que atuou no hospital durante cinco anos, como responsável técnica da ala de saúde mental — costumava frisar sempre no ambiente de trabalho. Além disso, para ela, a transparência nas ações que foram realizadas ali, acabavam dando um efeito muito positivo para a equipe e o grupo de pacientes.

Respeito e confiança são chaves fundamentais para que todos tenham uma boa convivência na unidade, mas Luana fez questão de enfatizar que a “confiança se conquista” e acaba se perdendo em poucos segundos.

Além de ter feito parte da responsabilidade técnica, Luana também realizava a parte assistencial da enfermagem, que envolve os cuidados desde a chegada até o término do plantão, dentro da clínica de reabilitação.

A rotina da enfermeira na clínica iniciava às 7h, auxiliando na medicação de cada paciente, nas intercorrências e na parte de higiene e cuidado das pessoas ali internadas. Além disso, a internação de cada um sempre passou pelas mãos da profissional, após terem sido atendidos por um médico clínico geral e o médico psiquiatra.

Luana fazia a entrevista do paciente, a finalização da internação, a primeira evolução deles, a primeira prescrição de enfermagem e dava orientações sobre as internações voluntárias, involuntárias e judiciais, além de regras de rotina, de visita e demais serviços.

Além de fazer a parte “burocrática”, Luana Dondé foi responsável pela organização de prontuários, fazia orientações para as técnicas de enfermagem, controle da aplicação de medicação injetável e atendia também algumas pessoas individualmente, juntamente com a psicóloga.

Em meio a tanto trabalho, Luana se deparava, todos os dias, com diversos casos bastante preocupantes e emocionantes. Um em específico, ocorreu há alguns meses quando, um paciente do sexo masculino — que já havia se internado na clínica em outras oportunidades por conta do alcoolismo — chegou até a unidade acompanhado da mãe. A enfermeira lembrou do rosto, da fisionomia daquela mulher porque não parou um minuto de olhar para ela e notar os hematomas, como fístulas, que apresentava nos braços. Ao questionar a mulher, Luana foi informada de que ela era uma paciente renal e que passava por hemodiálise há bastante tempo. Emocionada com a situação, Luana perguntou se havia algum filho ou parente que fosse compatível com ela para que pudesse fazer a doação de um rim e evitar que passasse ainda mais pelo procedimento doloroso. A resposta da mulher foi positiva, mas que ela não aceitaria esse rim — de um dos filhos dela que era compatível — porque no futuro, seu filho mais novo, que estava sendo internado na clínica naquele momento, talvez acabasse precisando e “não teria mais”.

Aquela, com certeza, foi a experiência mais avassaladora que Luana vivenciou ao ouvir as histórias dentro da clínica. Para ela, os ensinamentos foram diários, principalmente quando ela e a equipe conseguiam resgatar os vínculos familiares que antes muitos pacientes não tinham.

Mesmo já tendo passado por situações desesperadoras dentro da clínica, em situações em que até mesmo chegou a ser ameaçada, a enfermeira Luana seguiu firme nos trabalhos que desenvolveu, pois nada era mais gratificante do que ver os pacientes deixarem a clínica em situações muito melhores de como entraram.

Luana Dondé Baggio também se desligou da clínica de reabilitação de Ponte Serrada, recentemente, e esteve presente no período em que o livro estava em construção. A profissional, inclusive,

foi importante para que esta obra ganhasse vida. Através do incentivo dela diante da minha proposta, pude adentrar a clínica e entregar esse trabalho emocionante.

O trabalho da fisioterapeuta Marcell Marchesini, que atualmente atende na clínica de reabilitação, acontece de forma individual e em grupos. Ela permanece em tempo integral na unidade, iniciando os trabalhos às 7h e finalizando às 19h.

Os pacientes que a profissional atende chegam até ela através da prescrição médica ou após as avaliações. Eles recebem sessões de fisioterapia neurofuncional, respiratória e psicomotoras.

Através do trabalho, Marcell vai combinando atividades motoras e psicológicas para promover o desenvolvimento da coordenação, da percepção corporal e da expressão emocional através das atividades, e as palestras com finalidade educativa.

A abordagem dos grupos dura em torno de um hora, em que os pacientes são todos convidados a participar, e quando se negam mesmo com a insistência do profissional, acompanham o grupo, mas não realizam as atividades.

Conforme a profissional, a fisioterapia da saúde mental precisa lidar com a complexidade dos quadros clínicos, que exigem abordagens individualizadas e multidisciplinares e, por isso, o trabalho na clínica é feito de forma interdisciplinar. Muitas vezes, são feitas atividades junto com outros profissionais de saúde mental, como psicólogos, psiquiatras, assistência social e enfermagem, o que permite uma efetividade maior nos tratamentos, e da tomada de decisões como equipe.

Para Marcell, dentre tantas histórias e relatos que já acompanhou na clínica de reabilitação, a que mais chamou sua atenção foi a de um idoso que vivia em situação de rua e não tinha família. Esse senhor procurou a internação de forma voluntária por

HISTÓRIAS QUE EU OUÇO NA CLÍNICA

uso de drogas e disse não querer mais sair dali. Isso porque, sabia que recairia se voltasse para a convivência dos amigos.

“Se eu voltar, eu não posso me afastar deles, e voltando eu sei que em menos de uma semana eu vou recair e eu não queria, porque hoje estou bem, quero ficar limpo, ou eu vou morrer”.

Essa fala levou Marceli a pensar sobre como as pessoas que nos cercam podem influenciar a nossa vida de formas positivas e negativas, e o quanto é forte e difícil encerrar ciclos e cortar vínculos.

Figura 3 – Mensagens motivacionais nas paredes da ala de saúde mental



Fonte: Kiane Berté (2023).

Por que a diferença é considerada loucura?

Em todo o planeta terra, nós seres humanos, somos os únicos seres vivos a ter a capacidade de agir e raciocinar. Mediante isso, a sociedade nos cobra quando agimos diferente dos padrões tradicionais, padrões aceitos em determinada época. O aprendizado ao qual teremos que seguir se inicia em nossos lares, aprimorando-se nas escolas e é dada sua continuidade na sociedade propriamente dita. Muitas vezes, fugimos a esses ensinamentos ou padrões. Assim sendo, somos taxados de exóticos anormais, depressivos, loucos, alcoólatras ou dependentes químicos, e tantas outras definições, por termos alguns desvios de conduta.

Passamos a ser mais vistos por essa sociedade que nos criou e nos transformamos em pessoas diferentes a elas. Talvez a mediocridade ou ignorância deles falaram mais alto que a razão. Na maioria das vezes somos excluídos do nosso meio e, assim, caímos no esquecimento por sentirem vergonha de nossas atitudes e, até mesmo, de nós enquanto pessoas. Sendo que, em grande parte das vezes, os verdadeiros loucos não somos nós, mas sim, os que nos taxam de loucos.

A bebida e as drogas passam a ser uma constante e um refúgio aos nossos problemas, mas na verdade, elas nos afundam mais ainda, tornando-se uma falsa fuga. Muitos são dirigidos ao Centro de Atenção Psicossocial (Caps) ou para uma Unidade de Saúde Mental, e são atendidos por excelentes profissionais ligados à saúde mental que por aí estão. Mas isso se torna uma verdadeira loucura, pois quando isso não acontece, somos encaminhados a espaços que deveriam ser acolhedores e que, na verdade, passam a ser a reprodução da própria loucura.

Quando temos ótimos resultados, o céu é o limite, porém, muitas vezes, rumamos a uma loucura maior ainda. Passamos a ser prisioneiros de nós mesmos, de nossas neuroses, nossos vícios e de nossos medos. Com nossa alta, muitas portas são fechadas. As

portas de possíveis empregos passam a ser algo muito distante, até sorrisos cínicos a nós são dirigidos por aqueles que acham que nada entendemos. Geralmente, estamos muito atentos, e muito atentos mesmo. Nossa liberdade de expressão continua viva. Uma fagulha de esperança para dias melhores. Loucos ou não, temos um ponto de vista, mas uma coisa é certa: somos loucos de razão, do coração e da alma. Enquanto outros, talvez só de uma falsa razão.

Se eu não fosse tão polêmico quanto sou, talvez seria apenas um pobre mortal como tantos outros que por aí estão na sua ignorância, por não querer saber, no seu pobre ponto de vista, por não querer opinar ou na sua pobreza de espírito, não querer acreditar. Em suma, um pobre mortal, mas prefiro ser louco dentro da minha razão, do que lúcido dentro daquilo que é vulgar. Como já dizia o cantor Tim Maia, “o que eu quero? Sossego!”.

*O texto acima foi escrito e autorizado pelo paciente da clínica de reabilitação **Fernando José Vidori**.*

Figura 4 – Trabalho desenvolvido pelos próprios pacientes, dentro da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

ATENÇÃO: as histórias a seguir possuem gatilhos.

É importante salientar que todos os nomes utilizados nesta obra são fictícios, para preservar a privacidade e o respeito de todos os indivíduos.

Qualquer semelhança com nomes reais, tanto de pessoas vivas quanto falecidas, é mera coincidência e não deve ser interpretada como uma referência intencional.

Meu irmão foi o meu maior inimigo

As primeiras palavras que saíram da boca de Ana Júlia Vieira vieram acompanhadas de lágrimas densas e bastante carregadas de sentimentos desesperadores. Relembrar o passado não é algo que ela queria fazer com frequência, já que de lá, nada de bom pode ser extraído.

Com apenas dois anos de idade e sem entender quase nada da vida, vivendo na companhia dos quatro irmãos, pai e mãe, no interior de um município com pouco mais de 9 mil habitantes, os pesadelos começaram a acontecer. Rita e Ricardo, os pais dela, se ausentavam para poder trabalhar na roça, acompanhados das demais filhas, mais velhas que Júlia, enquanto a criança permanecia em casa, na companhia do irmão Tomas, de 20 anos, que ficava responsável por cuidar dela.

Sem entender o que realmente acontecia e sem saber que, na verdade, era vítima de um crime, Ana Júlia era abusada seguidamente por Tomas, seu próprio irmão. Os abusos perduraram por muito tempo, até que ela chegasse à adolescência, com 16 anos. Mas ainda aos 10, passou a entender que aquilo tudo era o inferno que fora submetida sem saber.

“Me machuca bastante falar desse momento, porque foi um momento que eu vivi pequena, hoje imaginando minha filha que tem dois anos”.

Ana tentava fugir, se soltar, se defender daquele cara que deveria ser seu porto seguro, mas sempre era impedida por ele e pela força que ele tinha no corpo, prendendo-a e não a deixando escapar de suas garras.

Muitas vezes, a menina era amarrada na cama para não conseguir se soltar, e acabava sendo agredida pelo irmão, até mesmo com um facão, o que acabou causando lesões em sua pele sensível e que hoje a fazem lembrar de tudo, somente olhando e analisando as cicatrizes que jamais sairão de seu corpo.

Em algumas ocasiões, ela se recorda de ter sido violentada por ter recebido um “presente” dele, como um caderno, por exemplo. Ele a presenteava e depois queria algo em troca: o sexo forçado, sem consentimento.

“Eu não tive infância. Eu não podia sair, brincar, nada. Eu era mantida como se fosse casada com ele”.

Ana Júlia era obrigada a fazer coisas contra a sua vontade, somente para satisfazê-lo, e tudo era relatado aos pais quando ela começou a perceber que era errado, mas nunca acreditavam em sua versão. Era chamada de louca por eles, que acreditavam no agressor, apesar de Tomas sempre a tratar diferente das irmãs. Ele sempre foi mais carinhoso com ela na frente das pessoas, dando um tratamento diferente das demais irmãs e, mesmo assim, a situação era escondida e abafada, como se faz com a poeira quando é jogada para debaixo do tapete.

As coisas só foram mudar quando, aos 16 anos, Ana Júlia resolveu fugir de casa e ir morar na cidade, junto com uma amiga. A jovem arrumou um emprego em uma padaria e ali passou a ter independência, ganhando o próprio dinheiro e se livrando dos pesadelos que a atormentavam na casa de Rita e Ricardo.

Dois anos se passaram e ela conheceu Rodolfo, o atual companheiro, com quem divide a vida há mais de dez anos.

“Quando eu ia transar com o meu marido, eu travava. Imaginava Tomas e sentia medo daquilo”.

Rodolfo questionava as atitudes da esposa, porque achava estranho ser ignorado por ela naquele momento, sabendo que durante o dia tinham uma relação boa e amorosa. Mas ela nunca se abria, nunca falava sobre o assunto, e dizia que estava tudo bem.

Depois de um tempo, ambos foram morar com os pais de Rodolfo, porque ele havia perdido o emprego e precisava começar do zero. Na casa dos sogros, Ana era tratada como princesa por eles e acabou engravidando do primeiro filho, sendo acolhida e bem cuidada durante a gestação. Porém, no quarto mês, quando o bebê já estava se formando, Ana Júlia descobriu que o feto estava preso às trompas e que não poderia seguir com a gravidez, por conta do risco que ela correria. Foi um choque para Ana, para o marido e para a família de Rodolfo.

A mãe recebeu uma injeção para que o aborto fosse concretizado e acabou tendo a pior experiência depois disso. Ao sentir dores estranhas na barriga, já em casa, foi ao banheiro sozinha e trancou a porta, do mesmo jeito que fazia quando precisava usar o cômodo no dia a dia.

“Quando eu sentei no vaso sanitário, desceu tudo, meu bebezinho... Para mim foi um choque tremendo”.

Rodolfo, escutando os gritos de desespero da esposa, precisou quebrar a porta do banheiro para ter acesso ao que estava acontecendo e encontrou Ana Júlia caída no chão aos prantos.

No hospital, a jovem precisou passar por uma curetagem e foi avisada de que não poderia engravidar novamente dentro de um ano, pois teria uma gestação de risco. O que ela não esperava era descobrir a chegada do segundo filho, em apenas um mês após o ocorrido.

Durante esse quadro de gravidez de risco, Ana Júlia já passava por uma depressão bastante preocupante, que veio à tona após tantos anos de tortura por parte do irmão mais velho e, também, pela primeira gestação que acabou não seguindo até o final.

As tentativas de suicídio estavam se tornando constantes, em que Ana já não podia mais ser deixada sozinha em casa. Em uma dessas situações acabou deixando marcas em seu corpo, na região do pescoço, pois ela tentou perfurá-lo com uma faca de cozinha, resultando em cinco pontos. A cicatriz protuberante é inevitável de ser ignorada.

Ana Júlia sentiu a melhora quando a pequena Jhenifer, hoje com três anos de idade, chegou ao mundo. Tudo se tornou diferente e ela voltou a sorrir, talvez, de uma maneira que antes nunca tinha sorrido na vida.

“Quando a Jhenifer nasceu era tudo às mil maravilhas. Eu tinha me esquecido de tudo. Ela preencheu aquele vazio que o meu irmão deixou em mim no passado”.

Os três anos seguintes foram incríveis para ela. A família estava completa e Ana tinha, ao seu lado, pessoas que a apoiavam em tudo, que lhe davam amor e carinho que ela sempre necessitou e nunca recebeu no passado.

As situações corriqueiras de não conseguir passar à noite com o marido retornaram e a jovem mãe procurou uma psicóloga com o apoio de uma amiga. Na primeira consulta, já com Rodolfo ao seu lado, o passado retornou e ela precisou se abrir com o marido sobre

as coisas terríveis que foi submetida, quando era apenas uma criança, um ser indefeso.

Rodolfo, como já esperado, reprovou a atitude da esposa de não ter contado nada, mas a apoiou naquele momento, dando o total suporte que ela tanto precisava.

Os meses foram se passando e Ana Júlia percebeu que alguma coisa estava errada, diferente. Seu corpo passou a ter mudanças e aquilo começou a preocupá-la. Já desconfiada de que poderia estar grávida, pediu ao marido que comprasse um teste de gravidez. A surpresa foi tamanha ao descobrir que o resultado era positivo, mas o que mais chamou a atenção do casal e o que mais o preocupou foi saber que a gestação já estava em fase final, no oitavo mês. Eles esperavam outra menina.

A depressão retornou, junto com a preocupação de esperar um filho que nem sequer recebeu um tratamento adequado durante os nove meses em que esteve na barriga da mãe. Se negando a aceitar o bebê que preenchia seu interior, Ana Júlia procurou por chás que fizessem o trabalho de um aborto e tentou de tudo para acabar com aquilo, mesmo sabendo que poderia colocar a saúde da filha em risco, trazendo-a ao mundo com alguma deficiência.

“Eu rejeitei minha própria filha, queria distância dela”.

A bebê Manu não estava recebendo o carinho que merecia da mãe. Ana não queria aceitar a própria filha e fazia de tudo para ignorá-la dentro do hospital, nem mesmo amamentando-a como a criança precisava. Com apenas 20 dias de vida, Manu foi esmagada pelo corpo da mãe, que a colocou sobre a cama e deitou em cima dela, por alguns minutos, até ser interrompida pelo marido que chegou a tempo para evitar uma tragédia.

Ana também tentou contra a vida de Jhenifer, colocando um cadarço ao redor do pescoço da menina para matá-la. Por sorte, foi impedida pela sogra.

O tempo foi passando e a mãe recebendo todo o suporte necessário de uma psiquiatra, com auxílio de medicamentos fortes que a faziam tomar controle da situação e evitar os pensamentos maldosos que assombravam sua mente.

Rita e Ricardo voltaram a se aproximar da filha, mas acabaram trazendo lembranças ruins para ela, inclusive reprovando todas as atitudes que ela vinha demonstrando. Ana Júlia foi avisada pela psiquiatra de que os pais estavam sendo uma péssima influência na vida dela, trazendo problemas que estavam prejudicando-a, depois que, em uma conversa entre mãe e filha na sala da profissional, Rita anunciou que a filha estava se fazendo de vítima e que fingia um problema que nunca existiu.

Os remédios para a depressão já não estavam mais fazendo efeito e a vida de Ana Júlia estava se apagando aos poucos. A coisa toda se complicou quando ela e o marido foram avisados de que ela precisava se internar em uma clínica, para buscar um tratamento adequado. Caso isso não acontecesse, as duas meninas seriam tiradas da família, por estarem correndo risco de vida ao lado da mãe que precisava imediatamente de ajuda.

“Isso me deixou ainda mais abalada, porque as meninas são tudo para mim. Só Deus sabe a falta que elas me fazem aqui”.

Estar na clínica tem sido bem difícil para Ana Júlia. Não ver as filhas e o marido acaba dando mais trabalho na recuperação, mas só de saber que logo vai poder vê-los e abraçá-los, com uma saúde totalmente renovada, o coração se enche de esperança.

“Quando eu voltar, vou cuidar mais das minhas filhas, do meu marido, e ser uma nova mulher. Me renovar. Quero ser diferente por eles e também por mim. Vou me tornar uma nova pessoa.”

Figura 5 – Corredor da ala masculina da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

Meu ex-marido droga o meu filho de dois anos

São 21 anos nas costas e muita história para contar.

É como se Kiara Cristina já tivesse vivido mais de 30, por conta de tantas coisas que aconteceram em sua vida nos últimos anos. A história da jovem está bem longe de ser invejada por outras pessoas, pois desde criança vem sofrendo com as desgraças da família e as drogas que passaram a fazer parte da sua vida há pouco tempo.

Nos braços de Kiara, qualquer pessoa pode notar as marcas esbranquiçadas, de cicatrizes já antigas, causadas por uma pequena lâmina de barbear que ela usava no banheiro de casa.

Aquelas marcas, que ela, às vezes, tenta esconder com blusas de manga comprida, também estão presentes em suas coxas. Todas são resultado das torturas físicas e psicológicas que sofreu e vinha sofrendo até algumas semanas atrás.

Mas não foram feitas por outras pessoas, e sim, por ela mesma. Era uma maneira de acalmar a dor interna que sentia.

“Quanto mais eu me cortava, mais sangue escorria, e mais minha dor aliviava”.

A infância de Kiara foi tranquila. Os pais sempre foram separados, desde o dia em que ela nasceu, mas nada daquilo a afetava como criança. As coisas passaram a mudar quando, aos nove anos de idade, foi abusada sexualmente pelo próprio primo, um homem, na época, com 32 anos.

Naquele dia inesquecível, a mãe Joice foi a uma festa com amigos quando à noite chegou. Em casa, na companhia da outra irmã

mais velha e da avó que dividia a moradia com elas, Kiara dormia profundamente quando, de madrugada, uma figura masculina estranha adentrou a casa pela porta da frente que estava aberta.

A avó de Kiara havia deixado um colchão na sala para que Joice pudesse dormir quando voltasse e não acordasse as demais.

Foi naquele colchão que Kiara foi jogada após ser tirada da cama, ainda sonolenta, por aquele homem que ela reconheceu quando seus olhos se abriram.

O primo, que vivia no bairro vizinho e quase nunca as visitava, tapou seus lábios com força e tirou a sua roupa. Ele a abusou e depois foi embora como se nada tivesse acontecido. Ela sabia que aquilo não era apenas um pesadelo. Só não imaginava que aquele homem, pertencente à família, tivesse tamanha crueldade para ferir alguém tão pequena e tão inocente quanto ela.

Depois do primeiro abuso, o primo passou a se aproximar ainda mais da família, coisa que não fazia há muito tempo. Tudo era estratégia da parte dele para conseguir o que queria, quase todos os dias. Estuprar Kiara, se satisfazer e ir embora.

Ele a violava sob muita ameaça, tanto de morte, quanto de agressões, e demais torturas psicológicas, fazendo com que aquele inferno perdurasse por três longos anos.

"Aos 12 anos eu não aguentei mais e contei para a minha mãe".

Joice sabia que aquela história poderia ser verdade. Ela acreditou na filha, mas não permitia que a menina espalhasse aquele caso grave. Na escola, Kiara chegou a contar sobre os abusos que sofria para uma psicóloga que frequentava a unidade. Depois do desabafo, Joice foi chamada na escola, na companhia da filha, mas chegou preparada, causando medo na menina e fazendo-a se calar.

A mãe levou consigo um pedaço de galho, de quase um metro de comprimento, o qual usava para bater nos filhos. Aquela “varinha” serviu para amedrontar Kiara, ameaçando-a de que bateria nela na frente das professoras caso contasse a verdade.

Kiara, então, negou que os estupros estavam acontecendo, dizendo que havia mentido sobre aquilo. A história foi abafada. Nenhuma professora, diretora, psicóloga ou funcionária da escola sequer pensou em investigar o caso.

A jovem acredita que a mãe omitia os crimes por medo de que o pai de Kiara matasse o sobrinho abusador. Os abusos somente cessaram quando Kiara percebeu que poderia denunciá-lo. E disse claramente a ele que abriria a boca para o mundo caso não parasse com aquela tortura.

Kiara recorda que, um tempo depois, o primo acabou preso por abusar da própria enteada, de oito anos. Para ela foi um alívio, o homem não estar mais em circulação, livre para cometer atos tão covardes.

O tempo foi passando e Kiara Cristina completou 14 anos. Ela ainda sentia os traços da depressão em sua mente, mas a doença aflorou ainda mais quando sua avó, com quem se dava muito bem, veio a falecer. Foi uma grande perda para ela, e tudo foi piorando.

Sua mãe namorava um homem e, um dia em que Kiara estava na casa dele, conheceu Jonas, o primo do padrasto – na época com 27 anos, 13 anos mais velho do que ela – por quem se apaixonou e iniciou um relacionamento, ainda muito nova.

O namoro dos dois permaneceu da melhor forma possível durante alguns meses, e ambos resolveram morar juntos e construir uma família. Kiara acabou engravidando e o casal ficou ainda mais unido por conta da criança que estava a caminho. O que a jovem não esperava, era um castelo desabando sobre sua cabeça.

Quando completou cinco meses de gravidez, Kiara passou por uma ultrassonografia e descobriu que esperava por uma menina. Ela estava muito feliz pela notícia e esperava que o esposo ficasse também, porque era o filho dos dois.

Ansiosa para revelar o sexo da criança a Jonas, Kiara preparou uma surpresa em uma caixinha pequena, colocando roupinha de bebê e o resultado do ultrassom. A caixinha cheia de amor estava sobre a cama de Jonas, esperando-o voltar do trabalho.

Quando o homem colocou as mãos no presente e o abriu, o sorriso se desfez e ele teve a pior reação possível. Com diversos golpes, espancou Kiara por saber que o filho não seria um menino, e levou a namorada ao chão, sangrando e perdendo a consciência.

Uma semana depois, meio grogue e com a cabeça pesada, a jovem acordou no hospital. Estava na UTI há uma semana e quase perdeu a vida. Por sorte, ela conseguiu sobreviver àquelas diversas agressões, mas o filho que esperava havia partido, sem que ela pudesse fazer alguma coisa.

Foram mais de dez dias recebendo até transfusão de sangue, quase que à beira da morte, e mesmo estando frágil e sem poder se defender de nenhuma maneira, Jonas a fez uma visita, ameaçando-a caso contasse para alguém o que tinha acontecido.

Mentir para os médicos e pessoas curiosas era fácil. Ninguém iria acreditar naquela baboseira de que foi agredida de propósito, para que perdesse o bebê. Então, o jeito era transformar a história trágica em uma simples queda: Kiara perdeu o bebê ao cair da escada de casa.

Assim que deixou o hospital, Kiara voltou para a casa da mãe, para se ver livre do homem que a tinha feito tanto mal.

“Se eu não voltasse para casa com ele, ameaçava ‘tacar’ fogo na casa, com a minha mãe dentro”.

As ameaças passaram a ser diárias, e Joice sabia o que tinha acontecido com a filha. Sabia das agressões e tudo o que ele fazia com ela. Mas, por se tratar do primo de seu namorado, fez a cabeça da filha para que ela voltasse e perdoasse o esposo.

Kiara retornou para casa. Nada havia mudado e Jonas continuava agressivo. Ele era usuário de drogas e quase sempre voltava para casa de madrugada, bastante alterado pelos entorpecentes, e descontava na mulher a raiva que sentia, sem que ela tivesse feito alguma coisa.

Os meses foram passando e Kiara acabou engravidando novamente, um ano após a perda da menina. O marido, para se certificar de que dessa vez ela daria à luz um menino, acompanhou a esposa no exame de ultrassom. Para a sorte de Kiara, o resultado mostrou um feto masculino, saudável, que foi aceito por Jonas.

“Ele disse: ‘então vamos esperar, se for piá eu deixo, se for menina, eu te faço abortar de novo’”.

A criança cresceu e se desenvolveu na barriga da mãe, vindo ao mundo quando Kiara completou 16 anos. Mesmo sabendo que dessa vez o filho teria uma chance, ela temia que alguma coisa acontecesse com ele.

Ela lembra muito bem da cena, quando Jonas preparava as carreiras de cocaína em um prato para poder ‘cheirar’, e depois raspava o conteúdo que havia sobrado e depositava na boca do filho pequeno. Isso aconteceu por diversas vezes.

“Uma vez deu convulsão nele e ele quase morreu”.

Kiara chegou a contar para a sogra, mas a mulher disse não acreditar nela, pois pensava que Kiara só estava tentando arranjar motivos para deixar o marido.

Perturbada com o que estava acontecendo com o bebê, Kiara foi até a delegacia e contou tudo à polícia. Uma viatura chegou a ir até a residência da família, mas Kiara afirma que Jonas pagou propina em droga para os policiais, que logo deixaram a casa e nunca mais apareceram.

Já não aguentando mais as agressões que acabaram sendo ainda mais frequentes, a jovem mãe conheceu um homem pela internet, que vivia a 143 km de distância dela, e fugiu com ele, levando o filho pequeno.

Poucos meses morando com o novo namorado, que curiosamente tinha o mesmo nome do ex-esposo agressor, Kiara passou a sentir as mesmas inseguranças que tinha ao lado de Jonas. O novo companheiro também era usuário de drogas e sempre estava agressivo. Foi, então, que ela resolveu voltar para a casa da mãe. Não demorou muito para Jonas descobrir onde a mulher e filho estavam e os procurou, tirando o pequeno dos braços dela.

“Me arrependo disso, porque faz quatro meses que não vejo ele”.

Já com 18 anos e sem o filho por perto, Kiara precisava pagar pensão e não tinha emprego. Vivendo debaixo do mesmo teto que a mãe, a jovem recebia ofensas de Joice, dizendo que a filha não trabalhava e não ajudava em casa.

Transtornada com a situação e se sentindo culpada pelas coisas que a mãe havia dito, Kiara tentou ajudar a mãe de algumas formas que conseguia, até que foi pega de surpresa pelo dono de uma

sorveteria na cidade onde vivia, chamando-a para trabalhar em uma boate da qual também era proprietário.

“Foi a única solução que eu encontrei”.

Kiara já não sabia o que fazer para arranjar dinheiro para sustentar o filho e poder calar a boca da mãe. Foi, então, que resolveu aceitar o convite do homem desconhecido, na esperança de mudar de vida.

Na cabeça da jovem, o trabalho que ela prestaria no ambiente era servir mesas e dançar sobre um palco, mas tomou um choque de realidade ainda no primeiro dia, quando foi obrigada a fazer programa com todo tipo de homem que aparecia no estabelecimento.

O que mais a deixou traumatizada naquele lugar foi encontrar o próprio pai no local. Quando a viu, o homem rapidamente se prontificou em pagar um programa com Kiara. Desesperada pela situação, ela explicou tudo à responsável pelas garotas da boate e a mulher expulsou o pai do local.

O emprego novo durou apenas dois dias e meio. Era torturante para ela se sentir humilhada por aqueles homens mais velhos e sem nenhum pudor. No terceiro dia, Kiara foi até a boate no horário de início do serviço, apenas para pegar o acerto. Não queria mais ficar por ali. Não queria mais ser humilhada.

Cansada da vida que estava levando, a menina passou a se envolver com drogas, indo de maconha a substâncias mais pesadas, que causavam alucinações e diversos efeitos colaterais fortes.

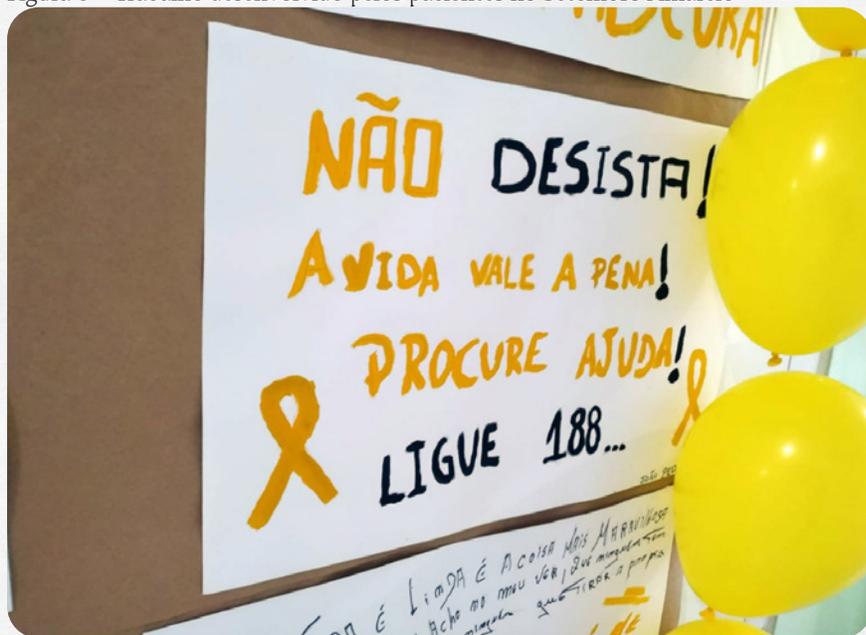
“Eu queria ter uma overdose”.

Kiara Cristina não chegou a ter uma overdose por conta do uso excessivo de drogas, mas desenvolveu doenças psicológicas das quais luta dia após dia para conseguir se curar, como ansiedade, bulimia, claustrofobia, bipolaridade, epilepsia, e demais problemas de saúde.

Quando já não via mais solução para continuar vivendo, Kiara usou 11 comprimidos para tentar se matar, ingerindo-os e parando no hospital. Depois disso, Joice percebeu que a filha precisava mesmo de ajuda. Era dar a mão para ela ou deixá-la se acabar por completo.

Agora, quando resolveu buscar por ajuda, Kiara só quer saber de melhorar, para assim conseguir recuperar o filho que não vê a mais de quatro meses. Com emprego já garantido do lado de fora da clínica, Kiara tem esperanças de conseguir um bom advogado e provar na justiça que o seu filho – hoje com quatro anos – está sendo drogado pelo pai irresponsável.

Figura 6 – Trabalho desenvolvido pelos pacientes no Setembro Amarelo



Fonte: Kiane Berté (2023).

Era para ser um conto de fadas

Naquele dia em que a Milena Costa conheceu o esposo Robson, as coisas estavam prestes a mudar em sua vida. O cheiro de amor no ar, aquela vontade imensa de poder beijar e tocar o companheiro era nítida no rosto dela. Ambos estavam aparentemente apaixonados.

Era para ser o início de uma vida juntos, porque Milena sempre sonhou com o príncipe encantado, o sapatinho de cristal e o anel de diamantes no dedo anelar da mão direita.

Milena era muito nova quando começou a namorar Robson. Aos 16 anos, passou a desfrutar de uma paixão gigantesca ao lado de um cara mais velho, que prometeu amá-la incondicionalmente.

Eles se conheceram no ano de 2012. Ambos trabalhavam no mesmo local e se esbarraram pelos corredores na empresa, em um dia qualquer.

“Ele disse que foi amor à primeira vista”.

Milena passou a ficar encantada pelo colega. As palavras bonitas que ele usava para conquistá-la sempre davam certo. E isso acabou acarretando em um relacionamento completamente errado e conturbado.

Seis meses depois de terem se conhecido e embarcado em um namoro à velocidade da luz, Milena e Robson se juntaram como um casal. A mãe de Milena era contra o relacionamento dos dois. Algo no novo genro não a agradava, pois conhecia a família dele e sabia que acabaria trazendo problemas para a filha mais nova.

A jovem relembra do início do namoro como algo dos sonhos, algo perfeito, e que ela não imaginava que acabaria do jeito que acabou.

“Ele era o amor da minha vida”.

Robson era um doce de pessoa. Tratava Milena como uma princesa, o que a fazia ficar ainda mais encantada com o castelo que estava construindo ao lado do marido. Depois de um tempo, pouco antes de engravidar do primeiro filho, Milena passou a sentir as mudanças de comportamento do amado, que acabou ficando mais agressivo nas palavras e demonstrava estar incomodado com alguma coisa.

Não demorou muito para descobrir uma traição dele. Esse foi o motivo da primeira desavença do casal. Um dos cinco términos deles durante o relacionamento que durou oito anos.

No último rompimento do casal, Milena saiu de casa e passou a morar com a mãe, em outra cidade, para poder trabalhar e seguir a vida com outra pessoa que havia conhecido.

Pouco tempo depois, Robson voltou a procurar a ex-companheira. Ela relembra que as promessas dele eram sempre as mesmas: iria mudar por ela; a amava muito; precisava dela ao seu lado. Milena pediu demissão do emprego e voltou para casa. Voltou para os braços do marido.

Não demorou muito para que ela engravidasse de Robson e desse à luz uma menina – hoje com quatro anos. A pequena Lari veio ao mundo para fazer companhia para Luiz, seu irmão mais velho, de seis anos de idade, também fruto do casamento de Robson e Milena.

“Ali eu percebi que não existia mais amor. Existia convivência”.

Apesar de amar a filha com todas as forças, Milena não tinha planos de engravidar. Já não sentia mais atração pelo esposo, e descreve o quanto sofria quando era tocada por ele, beijada por ele, e outras coisas mais. O amor que antes era sentido de forma suave se transformou em repulsa e, logo mais, em tortura física e psicológica.

O sexo passou a ser mecânico da parte dela. E violento da parte dele. Ela fechava os olhos, imaginava coisas que a fizessem sair daquela zona de tortura que estava sentindo, mas a dor não a deixava esquecer em nenhum momento. Ele, por outro lado, se satisfazia por completo, ignorando todo o trauma que estava prestes a desencadear na amada Milena.

O casal frequentava a igreja, mas Milena, muitas vezes, ia sozinha.

“Para ter o refúgio de Deus”.

Sempre calada e guardando para si, chorava no caminho e tentava esconder, em casa, o que sentia realmente. As falsas promessas sempre voltavam a ser feitas por ele quando ela deixava a casa. Ele não a queria longe, mas sim, bem perto, para que ele pudesse controlar, manipular e obrigá-la a coisas absurdas que a machucavam muito: o sexo forçado, também conhecido como estupro ou abuso sexual.

“O que mais me dói, eram os abusos que ele fazia. Mesmo eu não tendo vontade, ele forçava”.

A frase acima foi dita por ela aos prantos. Qualquer pessoa que estivesse por perto, escutando o relato doloroso de uma mulher que já sofreu ou sofre abusos, se comoveria.

O dia 26 de fevereiro foi marcado por um acontecimento doloroso na vida de Milena. Nessa noite, durante uma das relações sexuais mecânicas do casal, a jovem mãe foi violentada pelo marido, chegando a gritar, mostrando que estava sentindo desconforto e que a machucava. Mas ele não parou!

No dia seguinte à noite de tortura, Milena passou a sangrar fora do período menstrual, indicando que alguma coisa estava errada. O sangramento era tamanho, que nem mesmo absorventes noturnos conseguiam suprir. Aquilo mostrava as marcas de um abuso doloroso, e que hoje a faz chorar ao se lembrar.

“Se eu fizer queixa, ele vai preso. Então, eu prefiro aguentar, para as crianças não sofrerem”.

Milena se arrumava para o marido, mas ele dizia que ela estava ficando bonita para ir atrás de outros homens. As consultas semanais com a psicóloga eram motivos de desconfiança de que ela teria um amante. Os motivos para as brigas do casal eram sempre frequentes e, muitas vezes, sem sentido algum.

Milena não segurou as lágrimas ao descrever as cenas que lhe vinham em mente, principalmente quando o filho mais velho precisou passar por uma cirurgia de emergência devido ao rompimento do apêndice. No hospital, enquanto passava os dias e noites ao lado de Luiz, passando fome, sem dormir direito e completamente cansada, recebia ligações do esposo, que a deixava completamente desanimada. Eram sermões o tempo todo, durante os oito dias de internação, mas

nenhuma visita ao filho, que poderia ter morrido por uma infecção generalizada.

“Você é ingrata!”

Essa é a frase que ela mais lembra que era dita por ele. Ao ver o pai repetir a fala à Milena, o pequeno Luiz reprisou as palavras ditas por Robson, na inocência, o que deixou a mãe extremamente triste.

O menino é muito religioso, assim como a mãe, e costuma dobrar os joelhos para orar e pedir pelo bem da irmã mais nova. Milena contou que o menino passou a ir à psicóloga por conta das várias separações do casal, e que orava diariamente pedindo para que ela voltasse para casa e para que Deus salvasse o casamento dos pais. Robson, por outro lado, culpava Milena pelo filho precisar de ajuda.

Em uma noite, em uma briga por causa de mensagem de celular, Robson perdeu a cabeça e passou a tentar agredir a mulher. Lembranças dessa noite estão com a jovem até hoje, pois, enquanto tentava escapar dele, Milena acabou caindo sobre uma cadeira no quarto e sofreu um corte na região da virilha, resultando em uma cicatriz.

Milena perdeu a cabeça, e pegou o esposo pelo pescoço, ameaçando-o e decidindo que acabaria com aquilo. No medo e na adrenalina do momento, Robson conseguiu acalmar a companheira até a manhã seguinte. Não demorou muito para as brigas iniciarem novamente, e Milena chora ao relatar que Robson alega que ela agrediu a filha durante os excessos de raiva da noite anterior, mesma ela tendo a sã consciência de que aquilo não era verdade.

A pressão psicológica era tamanha, que na saída de Robson de casa, Milena tomou uma grande decisão: acabaria com a própria vida. A primeira coisa que passou em sua cabeça foi usar uma faca

de cozinha, mas pelo medo que sentia em ver sangue, decidiu que a melhor opção era tomar todos os remédios que conseguisse encontrar pela casa. Em um primeiro momento, Milena pegou uma cartela de Nimesulida – medicamento anti-inflamatório e analgésico – e tomou todos os comprimidos.

O esposo Robson chegou logo em seguida, por sorte, para levá-la ao hospital e evitar que algo pior acontecesse.

“Socorro!”

Ela gritou pedindo ajuda quando o desespero bateu. Com a ajuda de um vizinho, Milena foi levada ao pronto-socorro, mas abandonada pelo marido nos corredores.

Até explicar para o médico plantonista o que havia acontecido, Milena respirou fundo e se abriu com ele, deixando claro que aquela era a melhor decisão que ela havia tomado em sua consciência.

“Eu só quero acabar com o meu sofrimento, com a minha dor que ninguém consegue tirar. Nem mesmo Deus!”

Milena passou por exames para saber se a quantidade de medicamentos ingeridos não prejudicaria sua saúde, e depois permaneceu em observação no hospital até o dia seguinte. O médico, em uma conversa sincera e aberta, queria saber os motivos que a levaram fazer aquela atrocidade com a própria vida. Depois de relatar que já havia tentado se suicidar antes, e que o pensamento de morte vagava sua mente o tempo todo, Milena foi surpreendida pelo profissional com o pedido de internação.

Rejeitada pela mãe, que ficou extremamente irritada e confusa com a tentativa de suicídio da filha, Milena decidiu que estar em uma clínica de reabilitação seria a melhor escolha no momento.

Milena deu entrada voluntariamente na Clínica de Reabilitação em Ponte Serrada no dia 1º de abril de 2020. “Parecia uma mentira”, como ela mesma disse.

Foi depois de uma das tentativas de suicídio, que ela foi obrigada a tomar uma decisão na vida. Esgotada psicologicamente e completamente sem chão, a jovem de 26 anos só queria acabar com o sofrimento que não ia embora de jeito nenhum. Pensava nos dois filhos que tem, mas não era o suficiente, porque a dor, a angústia e a vontade de não sentir mais nada de ruim, não a deixou pensar direito. O trauma das coisas horríveis que vinha passando era algo amedrontador e que a deixava frágil e vulnerável demais.

No primeiro dia de Clínica, Milena ficou assustada com o que viu do lado de dentro. As pessoas ao seu redor – uma em particular – lhe causou medo por estar bastante dopada e fora de si, mas relata ter sido bem recebida pelas enfermeiras, médicos e outros profissionais que ali trabalham.

Milena realizou um pequeno tour pelo espaço, conhecendo melhor as alas masculina e feminina, e sendo apresentada para os demais pacientes que estavam ali, buscando pela mesma coisa que ela: a cura.

A jovem mãe, uma mulher falante, de fazer amizades rapidamente, se viu um pouco retraída, mas não demorou muito para que fosse se enturmando com as outras pessoas ao seu redor. Alguns dias depois de sua estadia, por meio da bíblia sagrada que fica na clínica para que os pacientes possam orar e ter algum contato com Deus, Milena se aproximou de Eliza, outra paciente que já estava naquele lugar há mais tempo que ela. Loira e religiosa, Eliza, vizinha de quarto, foi a salvação para os dias de tédio de Milena. Ambas

passaram a conversar mais, desabafar, orar sempre juntas, fazer as atividades sempre perto uma da outra, e dar apoio e suporte quando as coisas não estavam boas.

“Ela é a pessoa que está sempre do meu lado”.

Milena diz não saber que rumo tomar sem a amiga por perto quando precisar deixar a clínica, pois até nos sonhos diz ter Eliza ao seu lado, levantando-a quando uma recaída lhe atinge.

Apesar de estar com medo do que a espera do lado de fora, Milena já tomou uma decisão importante para quando deixar a clínica: ficará com sua mãe e lutará pelos seus direitos e pelos seus filhos.

Figura 7 – Desabafo feito por um dos pacientes no mural do Setembro Amarelo



Fonte: Kiane Berté (2023).

Quero entender o que as vozes dizem

Não é fácil conseguir superar a morte de alguém conhecido e amado, do dia para à noite. Ninguém é de ferro para conseguir suportar o peso da dor interna que chega para ficar e perturba nossos pensamentos a todo o momento.

Aline Vasconcelos está há mais de 20 anos tratando uma depressão que chegou do nada e que agora não quer mais ir embora. A doença veio em estágios, mas se agravou, ainda mais, quando a mulher foi obrigada a ficar de luto.

Primeiro foi uma de suas irmãs, que adoeceu devido a uma doença grave chamada leptospirose, conhecida também como doença do rato. Depois dela, pai e mãe vieram a falecer de câncer, mais tarde, sua sogra.

Para Aline, na época com 20 anos de idade, não foi nada fácil ter de aceitar essas situações desesperadoras, até porque, todas essas mortes repentinas aconteceram dentro de apenas um ano.

Após as perdas, os primeiros sintomas da depressão apareceram, mas foram pouco notados. As mortes acabaram com ela, por dentro e por fora, de um jeito que Aline não esperava.

“É uma coisa que machuca bastante”.

Mas o tempo passou. Cheia de fé, Aline sentiu que poderia melhorar e buscar por novos horizontes com a família que construiu nos últimos anos. Morando no interior e vivendo uma vida tranquila, amava muito ficar ao lado do marido e do único filho, o Matheus.

O que ela não esperava era ter que sofrer a perda e o luto mais uma vez. Matheus, seu filho amado, aos 27 anos perdeu a vida em um grave acidente de trânsito. Para ela foi como se o mundo desabasse, porque dela foi tirado um pedaço muito grande. Um pedaço que jamais poderia ser devolvido ou substituído por alguém ou alguma coisa.

“Andei fazendo besteira”.

Mário, esposo de Aline, foi bastante forte e conseguiu segurar a mulher o máximo que pôde. Com os dois braços disponíveis para ela, mesmo não tendo muito tempo para isso, ele passou a acompanhar cada passo de Aline. Ele era a própria sombra dela, pois temia que a companheira tentasse contra a própria vida.

Não demorou muito para que a mulher começasse a pensar em morrer. A dor era tamanha, que já não existiam soluções para ela.

Em uma manhã qualquer, depois do dia ter amanhecido sem que ela pregasse os olhos durante a noite, Aline sabia que aquele era o momento para colocar os planos que fazia mentalmente, em ação.

Nos fundos da casa do casal, Mário costumava guardar diversas ferramentas e utensílios que, geralmente, usava em sua propriedade para trabalhar. O plano de Aline começava por ali, quando ninguém estava olhando. Ela apanhou uma serra circular, chamada também de “makita”, e a colocou na tomada mais próxima. Depois, alinhou-a com o próprio pescoço e, sem nem ao menos pestanejar, apertou o botão para ligá-la.

“Eu queria me matar mesmo”.

Por sorte do destino ou problema no aparelho, a ferramenta não funcionou. O que deixou Aline bastante apreensiva, já que no dia anterior havia usado a mesma para cortar lenhas na propriedade. Ao se deparar com a cena, Mário correu até a esposa e a afastou daquela situação de perigo, antes que ela tentasse mais uma vez fazer alguma loucura.

Dali em diante, todos os passos de Aline eram controlados por Mário, que se via responsável por ela. Ele não a mantinha trancada, mas a seguia literalmente como uma sombra. Durante o dia, tudo era baseado no que Aline estaria fazendo e se estaria bem.

Em qualquer descuido, qualquer passo que o esposo dava para longe de Aline, era uma brecha que a mulher encontrava para extravasar a dor e a angústia. Em uma das oportunidades, enquanto ambos faziam o trabalho no campo, de onde tiravam o sustento, Aline encontrou uma corda usada para prender as vacas no curral. Com ela já em mãos, fez um tipo de armadilha simples e bastante perigosa.

Os movimentos foram precisos e rápidos, e ela conseguiu fazer um nó de carrasco, chamado também de nó de forca, e o colocou no pescoço.

Não havia sentimento naquele momento. Ela não sentia nada além de uma dor. Aline só queria mandá-la para longe. Assim que se deu conta do que estava se passando, Mário correu até ela e a socorreu, evitando que o pior acontecesse, mais uma vez.

“Eu só chorava. Eu só queria me matar”.

Exausto daquilo tudo, Mário precisou convencer Aline de que querer morrer era uma loucura, já que ambos já tinham se tornado avós e precisavam também dar amor e carinho à neta, única filha que Matheus deixou antes de partir.

Aquele simples conselho pareceu iluminar os pensamentos de Aline sobre tirar a própria vida. Mas não demorou muito para que ela começasse a despertar um incomodo com tudo o que acontecia ao seu redor.

Já não conseguiu mais se deitar ao lado do marido, pois o ronco dele a deixava irritada demais. Mesmo à base de remédios fortes, Aline não conseguia dormir. A única coisa que fazia os seus olhos se fecharem durante à noite era um vulto de um homem sem rosto, pendurado por uma corda no pescoço, que a visitava quase todos os dias.

“Quando vinha para o meu lado, eu me gelava toda. E eu corria”.

As alucinações passaram a ser frequentes. Eram dias sem conseguir dormir, noites em claro, tentando entender o que aquilo significava, até que vozes estranhas passaram a persegui-la. Elas não falavam palavras concretas, eram como códigos trazidos, que Aline precisava decifrar.

Depois que se internou na clínica de reabilitação, onde está há poucos dias, Aline chegou a cair da cama por ouvir as vozes amedrontadoras ao seu redor. Nessa queda, ela machucou o braço.

“Eu só queria ter a resposta para essas vozes”.

Dentro da clínica, Aline prefere ficar no quarto, deitada na cama, ou na sala de TV, onde quase sempre está vazio e ela pode ter paz. Nos lugares onde tem muita gente, como o refeitório, por exemplo, as vozes a visitam com mais frequência, deixando-a perturbada demais. Então, prefere ficar isolada em lugares onde o silêncio reina.

Ali na clínica, Aline relembra do passado. Se lembra da infância sofrida que teve ao lado dos pais e dos irmãos, e de quando a família passava por necessidades. Apesar disso, ela diz sentir muita falta de tudo, principalmente da companhia daqueles que já se foram.

“Eu queria tanto que aquele tempo voltasse”.

Mesmo estando em tratamento contra a depressão, Aline Vasconcelos sente que pode se recuperar, apesar de muitas vezes não ter forças para isso.

“Eu não sei se existe felicidade”.

É uma situação difícil para Aline, pois toda vez que toca no nome do filho ou se lembra do que aconteceu, o choro vem sem que ela precise fazer qualquer esforço. É uma sensação de perda que não tem como curar tão cedo, até porque, a morte de Matheus ainda é bastante recente.

Aline tinha muita fé em Deus. Tinha. No passado.

Era bastante religiosa, mas depois que sofreu com a perda do filho, o mundo desabou e a fé que empachava sua alma foi se desfazendo aos poucos, porque ela acreditava que o filho seria um protegido de Deus e que jamais aconteceria algo de ruim com ele.

Aline se internou na clínica com a ajuda de Mário. Estar ali para se recuperar da dor que não quer ir embora está sendo um pouco complicado, mas devagar, mesmo que a passos lentos, ela quer se renovar, porque cansou de erguer um fardo que não tem forças para carregar. Mesmo que demore.

Figura 8 – Mensagem motivacional escrita por paciente da clínica no Setembro Amarelo



Fonte: Kiane Berté (2023).

Meu amigo me abandonou

Eliza Soares é uma jovem loira, de 29 anos, que desafia os limites para se sentir bem. Muito apegada a Deus, ela sente falta da igreja e tenta se conectar com Ele para poder vencer a nova batalha que começou recentemente.

Ela já passou por poucas e boas nos últimos anos. Está na Clínica de Reabilitação de Ponte Serrada pela segunda vez, e agora, mais do que nunca, necessita de ajuda para se manter em pé.

Usuária de múltiplas drogas, Eliza foi diagnosticada com depressão, bipolaridade e ansiedade, e por esses motivos, foi levada para uma clínica, no início de 2019, permanecendo por apenas quatro dias no local. O motivo ocorreu pelo simples fato de estar socializando com uma pessoa do sexo oposto, já que é proibido dentro de qualquer outra clínica.

Segundo a jovem, a chamada “alta administrativa” ocorreu porque ela e um amigo estavam falando de peso. Ele disse à Eliza que pesava mais do que ela, e para comprovar, ela o tocou na cintura e o levantou. Foi nesse momento que uma das enfermeiras do local flagrou-a e separou os dois. Ela afirma não ter tido nenhum contato afetivo com ele.

Mesmo sendo levada para outra cidade, Eliza se sentiu aliviada, pois não gostava de ficar naquele lugar. Depois, ela foi encaminhada para a Clínica de Ponte Serrada, onde permaneceu por 20 dias.

Eliza se adaptou fácil com os novos colegas, e quando recebeu alta, deixou o local curada e sem mais nenhum vício. Pelas circunstâncias que encontrou no caminho, a jovem acabou caindo nas drogas mais uma vez. Uma recaída que trouxe mais problemas.

“Fiquei 20 dias perdidamente perdida”.

Eliza experimentou o sabor das drogas pela primeira vez aos 14 anos de idade. Emancipada pela mãe, ela se casou com um homem mais velho e que trabalhava como caminhoneiro. O casal passou a viajar junto pelas cidades e Estados brasileiros, e a jovem passou a conhecer, mais a fundo, os vícios que o companheiro tinha e que ela desconhecia até aquele momento. Em uma das viagens do casal à São Paulo, dentro do caminhão, ele ingeriu cocaína pela primeira vez na frente dela, deixando-a irritada, porém, curiosa. Em um momento em que o marido desceu do veículo e a deixou sozinha, Eliza foi instigada pela curiosidade e fez o uso da droga pela primeira vez na vida. Ela não se recorda de como foi, e da sensação que ficou, mas diz ter sido a única vez naquela época.

O relacionamento dos dois durou cinco anos e, depois disso, Eliza começou a trabalhar em uma empresa da cidade onde reside para poder ter sua independência. Lá, ela fez amigos novos e passou a conhecer a maconha, droga da qual fez uso excessivo durante anos. Um tempo depois, Eliza ingressou em um novo relacionamento, e permaneceu nele por quase dois anos. Nesse pequeno período do novo casamento, ela ficou sã e “limpa”.

Sem se sentir influenciável, na nova fase da solteirice, a jovem passou a sair mais com os amigos, o que acabou sendo mais uma porta aberta para as demais drogas que chegaram em seguida. Eliza participava de diversas festas, *raves*, shows, e tudo o que a desse um sentimento de liberdade.

“Euforia, acho que essa é a palavra certa”.

Eliza perdeu o pai muito jovem, e uma coisa que a machucou demais foi o fato de sua mãe ter encontrado outro namorado após a morte dele.

Foi na virada de ano de 2019 para 2020, que Esmeralda conheceu Jorge, e passaram a ter um relacionamento. Eliza acredita que a amizade entre ela e o padrasto não deu certo por ciúmes. Ela é filha única de Esmeralda, e Jorge também possui uma filha. Essa filha, da mesma idade de Eliza, mora em um apartamento na mesma cidade e sempre foi presenteada e bajulada pelo pai com carro, moradia e outras coisas mais. Já Eliza, não recebia ajuda, nem mesmo com a mensalidade da academia, que era algo que fazia bem para ela e não tinha um custo alto. Atestada pelo Centro de Atenção Psicossocial (Caps), Eliza não estava trabalhando, o que deixava Esmeralda e Jorge, incomodados.

Porém, as regalias que foram dadas à irmã por consideração, não foram justas, já que Eliza foi praticamente abandonada e deixada de lado pela mãe.

“Eu não sabia se era birra minha ou se era ciúmes. E acabava brigando com a minha mãe por causa dele”.

Além de ter se envolvido com maconha, cocaína, ter feito uso também de crack, LSD, e demais drogas, Eliza foi fumante por um bom tempo, e o vício pelo cigarro desapareceu depois que ela entrou na Clínica para se curar.

Antes de o pai morrer, Eliza foi presenteada por ele com uma casa nos fundos da casa de sua mãe e quando ela recebeu alta médica, precisou voltar para casa, mas não foi recebida como imaginava.

Sua mãe a deixou sozinha naquele lugar, onde Eliza costumava fazer uso das drogas, e que a lembrava de todos os vícios. Além disso, foi naquele mesmo lugar onde ela tentou cometer três suicídios.

Jorge é fumante e costumava fazer o uso do cigarro por toda a casa de Esmeralda. Eliza descreve que a casa é de madeira e não

é grande, então, o cheiro forte da fumaça do cigarro impregnava facilmente nos cômodos, chegando até ela, que havia largado o vício do cigarro recentemente.

“Acho que ele deveria me respeitar”.

Antes de Eliza retornar da clínica para casa, a prima da jovem, que é estudante de psicologia, informou à Esmeralda que a filha dela precisava ter um cantinho para dormir em sua casa, e quando a mãe de Eliza percebeu que não poderia deixá-la sozinha na casa ao lado, trouxe-a para morar com ela, em um quarto aos fundos para dormir sobre um colchão, no chão.

Eliza não encontrou problema e estava grata pelo gesto da mãe, mas foi colocada em um quarto onde cordinhas de varal estavam espalhadas pelas paredes. Aquilo lembrava-a, a todo momento, das tentativas de suicídio mal sucedidas.

A jovem foi estudante de farmácia por um período curto, e durante suas aulas, aprendeu a fazer uma combinação de remédios tarja preta, fortíssimos, para realizar a primeira tentativa de tirar a própria vida. Eliza precisou passar por uma lavagem estomacal de urgência depois disso e, por sorte, sobreviveu.

Depois de um tempo em casa, as coisas começaram a melhorar na relação dela com a mãe. Eliza passou a frequentar uma igreja evangélica, junto de Esmeralda, chegando até a se batizar. Não demorou muito para que Jorge começasse a entrar na mente da esposa, afastando-a da igreja e de Deus, dizendo que os pastores roubavam o dinheiro das pessoas.

“Ela foi abandonando a igreja e me deixando de lado”.

Eliza estava tão apegada à igreja e a Deus, que em suas redes sociais o que mais se via eram postagens sobre círculo de oração. Era rotina de sua semana estar dentro da igreja, dobrando os joelhos, pedindo ajuda e proteção para Deus, mas sem a companhia da mãe. Mesmo assim, Eliza se sentia acolhida naquela multidão de pessoas que queriam a mesma coisa que ela.

“O que eu mais sonho quando sair daqui é ir para a igreja”.

Não demorou muito para que Eliza e a mãe começassem a brigar. O motivo era sempre o mesmo: Jorge. Como a mãe dela preferia ficar sempre do lado do esposo, resolveu pedir medida protetiva contra a filha, alegando sentir medo de que Eliza tentasse alguma coisa contra o casal.

Nesse instante, Eliza Soares foi expulsa de casa.

Ficando alguns dias na casa de uma amiga, a menina precisou encontrar outro local para passar à noite. Quem a abrigou, em seguida, foi sua comadre, mãe do único afilhado de Eliza, mas a estadia também durou pouco tempo. Após isso, a jovem passou a ficar na casa de uma tia, onde não foi tão bem recebida quanto imaginava.

A pandemia chegou. Eliza não esperava que a vida dela voltasse a mudar novamente. Mas para pior. Ela não imaginava que, ao invés de subir degraus, desceria diversos outros, e precisasse começar do zero. O fechamento das igrejas em 2020 foi uma porta aberta para que Eliza retornasse para o mundo das drogas.

Ela tinha um amigo chamado Vagner, e pouco antes do fechamento das igrejas, Eliza o reencontrou. Vagner era usuário de cocaína, e mesmo sabendo da condição da amiga, que havia passado por uma desintoxicação recente, fazia o uso da droga na frente dela, sem se importar muito com o que poderia fazer com o psicológico de Eliza.

Eliza disse não se importar com a situação, pois estava bem e que as drogas já não a faziam falta. Ela se manteve firme até que a igreja que ela frequentava fechou as portas. Wagner, então, foi até a casa da tia de Eliza e levou com ele o pó branco que já havia sido extinto da vida da amiga. Ao ver aquela cena, Eliza não resistiu e pediu para que o amigo fizesse uma “carreira” para ela. Sem questionar, Wagner atendeu ao pedido da amiga e ambos fizeram o uso da cocaína juntos.

Ambos se aproximaram ainda mais depois desse encontro “amigável”, e Eliza passou a frequentar a casa de Wagner que morava com a mãe. Depois, o amigo de Eliza e a mãe dele estavam com suspeita de contaminação pela Covid-19, e a tia da jovem a mandou ficar isolada na casa do amigo para evitar que a contaminasse também. Nesse período de isolamento, o amigo e a mãe dele se mudariam para a cidade vizinha, e Eliza arrumou as malas para seguir junto.

Já viciada novamente pelas drogas, Eliza buscava por dinheiro para conseguir comprar cocaína e se satisfazer. Foram 20 dias difíceis em que a jovem cheirava, em média, três gramas de cocaína por dia.

Ainda sendo medicada com Quetiapina, Topiramato, Alprazolam e outros, Eliza tomava os comprimidos após fazer o uso da droga. Como o efeito era forte, acabava perdendo a consciência.

“Por isso me tornei tão imune aos remédios”.

Em uma noite, quando Eliza havia feito uso de cocaína e dos medicamentos prescritos pelo médico, acabou desmaiando sobre a cama da mãe de Wagner. Ao ver a situação da jovem, a mulher arrumou as roupas de Eliza em uma sacola, e a mandou para o hospital da cidade em que ela residia antes, deixando-a completamente sozinha na unidade.

Eliza Soares acordou no dia seguinte em um quarto estranho de hospital, e tomando medicamento na veia. Sem saber como foi parar

naquele lugar, foi amparada por uma das enfermeiras da unidade, que explicou a situação, deixando-a mais tranquila.

Eliza ficou magoada com a atitude da mãe do amigo, por ter sido praticamente jogada no pronto-socorro do hospital, sem quaisquer ajuda ou amparo. Vagner não procurou a amiga para saber como ela estava e se precisava de alguma coisa, apenas fingiu que nada tinha acontecido e seguiu a vida sem ela. Eliza diz não querer mais contato com ele, pois a mágoa continua intacta em seu coração.

Depois desse episódio no hospital, Eliza voltou para a casa da mãe, mesmo tendo uma medida protetiva contra si. Esmeralda sabia do vício da filha pelas drogas, e mesmo dizendo não o tempo todo, Eliza sempre pedia dinheiro para poder comprar a cocaína que lhe causava abstinência.

Ainda naquela tarde, Eliza estava com fissura pelas drogas, e foi surpreendida por uma viatura policial, com agentes armados, acompanhados de uma assistente social, em frente à casa da mãe. Eles estavam ali para levá-la ao Caps.

Depois disso, Eliza foi transferida novamente para a Clínica de Reabilitação em Ponte Serrada, pela segunda vez, e como já conhecia o lugar e os profissionais, sentiu menos dificuldade para se readaptar. Também conheceu Milena, a vizinha de quarto que se tornou uma grande amiga e que hoje deixa seus dias nublados mais iluminados e divertidos.

Figura 9 – Sofá da sala de televisão da ala feminina, de onde saíram grande parte dos relatos



Fonte: Kiane Berté (2023).

A solidão me adotou

Desde muito pequeno, Marcelo sempre foi um garoto quieto, tímido e solitário. Quando menor, residia com a família em uma casa bem pequena, na cidade de Porto Alegre (RS), onde viveu até completar oito anos de idade.

Filho do meio, em uma família de três irmãos, ele cresceu rodeado de inseguranças e medos, apesar de sempre ter companhia para brincar ou desenvolver as atividades que gostava de fazer.

Os dois irmãos mais velhos de Marcelo – Cristiana e Cristiano – são filhos de outro pai, fruto do primeiro casamento da mãe dele, a Valéria. Apesar de não terem uma ligação tão grande, Marcelo diz ser muito apegado a eles.

Marcelo veio ao mundo depois que a mãe conheceu o segundo marido e com quem ficou por pouco tempo. Com ele, Valéria também teve outro filho, o Lucas, que se tornou o caçula da família.

Mesmo não sendo filhos dele, o primeiro marido de Valéria passou a cuidar de Marcelo e Lucas depois que ela se separou. Os dois não tinham mais nenhuma ligação como casal, exceto pelos dois filhos que tiveram juntos no passado. Apesar disso, Marcelo se lembra dele como um pai de verdade, já que o biológico, praticamente, abandonou-o, bem como, seu irmão mais novo.

“Eu considero ele como um pai mesmo, porque foi ele quem me criou”.

O tempo passou e Valéria, já solteira, resolveu se mudar de cidade, levando os filhos com ela para outro Estado. A família acabou em uma cidadezinha no interior de Santa Catarina e, nessa cidade, a mãe de Marcelo cuidaria da avó dele, que estava debilitada.

Com a mudança repentina, Marcelo acabou ficando deprimido, pois havia se separado dos poucos amigos que tinha na cidade antiga. Começar do zero para ele, ainda criança, foi um desafio muito grande.

Muito tímido e sempre olhando para baixo durante a entrevista, Marcelo contou que sempre sofreu por causa de um problema que tem na voz. Portador de dislalia, que é um distúrbio da fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, o jovem – hoje com 19 anos – relembra que chegou a sofrer *bullying* na escola por causa disso.

“Eu lido bem com isso hoje em dia, mas quando era mais novo, sempre me zoavam na escola”.

O problema na voz acabava afastando os colegas, deixando-o sempre sozinho e isolado, criando a partir dali, um problema sério que ele enfrenta hoje.

Marcelo não fazia amigos, e isso deixava-o sempre desanimado e sem vontade para ir à escola. Ele, por muitas vezes, inventava desculpas para não precisar frequentar as aulas. O que ele mais queria, era poder ficar em casa, longe de tudo e se sentir livre.

Marcelo relembra que sofria “zoação” até mesmo da família. Como ele não via aquilo como uma brincadeira, e sim, algo ruim, acabava ficando decepcionado. As brincadeiras acabaram desencadeando traumas em sua vida.

“Mesmo que eles não estivessem falando sério, me magoava muito e sempre fazia eu me isolar mais”.

Na escola, quando criança, também acabava recebendo sermões das professoras, que não faziam ideia de que a dificuldade

dele para pronunciar o sobrenome que continha a letra “R”, era devido a um problema na fala.

Ainda em Porto Alegre, Marcelo entrou na escola um ano mais tarde do que o necessário, e acabou repetindo o ano letivo duas vezes por causa de faltas. A maior tortura para o menino, na época, era ter de sair de casa e ser motivo de piada na escola.

“Eu achava que iria ficar sozinho, não fazer nenhuma amizade. Eu tinha dificuldade de aprender”.

Marcelo nunca tinha lido um livro por completo na vida. Depois que foi internado de forma involuntária da Clínica de Reabilitação de Ponte Serrada, teve a oportunidade de ler, pela primeira vez, um livro que chamasse a atenção dele e despertasse a curiosidade: o meu pé de laranja lima.

Ciente de que sempre foi apaixonado por literatura, ele nunca teve oportunidade de buscar por um livro que gostasse de verdade. O que o afastou do mundo mágico dos livros foi o fato de não ter condições para comprá-los, além de ser obrigado a ler livros “chatos”, na concepção dele, na escola.

O tempo foi passando, e os traumas e inseguranças de Marcelo cresceram junto com ele. As brigas em casa eram constantes e o jovem passou a ficar, ainda mais, isolado em seu quarto, evitando manter contato com quem fosse.

Na escola, as coisas até mudaram de figura, e ele conseguiu fazer alguns amigos. “Estava se dando bem”, mas ainda assim, preferia ficar sozinho.

Ele já estava se acostumando a sair com os amigos e com o irmão mais novo, mas aí a pandemia chegou em 2020 e atrapalhou a vida de Marcelo.

O que antes era “sair com colegas”, se tornou o “ficar em casa”, e tudo voltou à estaca zero. Sozinho, sem poder ir à escola, trancado no quarto tentando achar maneiras de passar o tempo, Marcelo começou a se sentir esgotado.

A rede social favorita dele, o Twitter, passou a servir para desabafos. Além de tudo, Marcelo conheceu amigos virtuais com quem podia conversar, contar coisas sobre sua vida e deixar receber a atenção que não estava recebendo em casa.

As aulas on-line, que passaram a acontecer há um ano quando as escolas fecharam, já não eram atrativas para ele. Marcelo havia repetido de ano por causa das inúmeras faltas e, também, não via motivo algum para frequentar as aulas pelo computador.

“Eu tinha desistido da vida, eu desisti de tudo. Só ia para a escola de vez em quando”.

Devido às repetições na escola, Marcelo chegou à nona série com 17 anos. Aquilo também se tornou torturante para ele, já que se sentia envergonhado por estar tão acima da idade, de todos os demais colegas.

A segunda opção de Marcelo era frequentar o EJA (Educação para Jovens e Adultos), que é um programa do governo que visa oferecer o ensino fundamental e médio em um tempo menor. Mas a pandemia atrasou tudo e ele acabou desistindo.

Era como se o universo conspirasse para que ele não saísse do chão. Já esgotado e tendo que presenciar certas coisas em casa,

Marcelo acabou tendo um excesso de raiva e quebrou muitas coisas dentro da casa da mãe.

As recordações dele são da avó doente assistindo a um programa evangélico a todo volume na sala, e sendo advertida pela filha Valéria, de que o som a estava incomodando. Ambas começaram a brigar e gritar uma com a outra, desferindo ofensas em bom tom, e deixando Marcelo irritado.

Não demorou muito para que Valéria chamasse a polícia para conter o filho. Uma viatura foi até a residência da família e escoltou Marcelo até o hospital da cidade. Na unidade, ele foi medicado, passou por exames e no outro dia, sem se lembrar de muita coisa, acordou na clínica.

“Eu estou me sentindo bem nesses últimos dias. Durmo bem, me alimento bem, e comecei a fazer exercícios”.

Os três primeiros dias que Marcelo passou na clínica, não trazem muitas lembranças para ele, já que acabou sendo medicado e ficava sonolento o tempo todo. Apesar de ser um lugar diferente, Marcelo diz estar contente por estar ali, pois agora tem com quem conversar, desabafar, e passa por diversas atividades junto com os colegas de recuperação.

Ainda sem conseguir se abrir direito com as pessoas, Marcelo aprende dia após dia que precisa se comunicar e interagir com os demais. O que antes era algo solitário para ele, agora passou a ficar divertido.

Marcelo conheceu o Pablo, um jovem da mesma idade dele e que está internado na mesma clínica. Pablo era colega de quarto de Marcelo, mas depois de um tempo, ambos foram separados e colocados

lado a lado, no mesmo corredor. Mesmo assim, eles se divertem juntos e dividem suas histórias um com o outro.

Não faz muito tempo que Marcelo pôde fazer contato com a mãe pela primeira vez, desde que entrou na clínica. Um pouco emocionado, se lembra do áudio que enviou a ela pelo *WhatsApp* pedindo para que trouxesse algumas coisas para ele, e falando que a amava, pela primeira vez, em anos.

“Foi muito importante para mim e para ela”.

Marcelo sairá em poucos dias, e se sente confiante com o que o espera do lado de fora. O desejo maior é poder se sentar na companhia da mãe Valéria, para poder tomar chimarrão. Arrumar um trabalho, ser mais sociável e estudar psicologia para ajudar as pessoas, também são metas que ele tentará alcançar do lado de fora da clínica.

Figura 10 – Uma das camas do dormitório feminino



Fonte: Kiane Berté (2023).

Minha mãe também tem culpa no cartório

“Deus, devolve ela, por favor”.

O pai de Fernanda Alba implorou aos céus que salvasse a menina dele da morte.

Era quase certo que Fernanda morreria se não houvesse atendimento rápido, e certamente o pai Acácio choraria, sem parar, pela perda.

Fernanda foi criada em uma casa humilde, no interior do Rio Grande do Sul, junto com os outros quatro irmãos, sendo três outras mulheres – apenas uma mais velha que ela – e um homem, caçula.

A menina sempre sofreu muito quando era mais nova, e com apenas 11 anos de idade, teve uma morte de espírito bastante dolorosa: um estupro por parte de um tio.

Tio Valdo era pastor de uma igreja no município vizinho. Dono de uma frota de caminhões, era casado e tinha filhos com a esposa. Um homem bem sucedido e que pregava a fé pelos quatro cantos da cidade.

Fernanda via o tio como uma pessoa boa, companheira, e que sempre presenteava a menina com doces, brinquedos e até bicicleta. Ele estava conquistando a sobrinha aos poucos. Ele era pastor, afinal. Uma pessoa de fé e de boa índole.

Jamais imaginaria que aquele mesmo homem marcaria a sua vida para sempre.

“Eu sentia nojo dele”.

Ainda quando criança, Fernanda fazia todas as tarefas em casa. Era responsável por limpar, lavar roupas e outras coisas mais. Coisas estas que os irmãos mais novos não tinham compromisso algum. A mãe de Fernanda a via como a empregada que nunca teve.

Em um dia qualquer, quando a menina foi até um pequeno riacho que ficava a 2 km de distância da casa da família para lavar as roupas dos irmãos e dos pais, ela foi surpreendida pelo tio.

Fernanda questionou Valdo sobre os motivos de ele estar por perto, já que nunca antes esteve.

“Bem ‘carudo’, ele me disse ‘hoje em vim para te tornar mulher’”.

A menina foi segurada pelos braços e teve a boca tapada por uma das mãos grandes que o homem tinha. Sem fazer muito esforço, Fernanda foi ao chão e teve as roupas rasgadas. Mesmo tentando se livrar do tio asqueroso, ela não conseguia se mexer. Eram mais de 90 kg contra um corpo de pouco menos de 40 kg.

“Não gosto nem de lembrar disso”.

Sob ameaças de morte, Fernanda foi deixada jogada ao chão sem saber o que fazer. Desesperada, chorando, e com o que restava dos pedaços de pano no corpo, ela se levantou, pegou uma das mudas de roupas que estavam para lavar e voltou para casa, sem terminar o serviço que havia começado.

Fernanda estava machucada e sangrava pelas pernas, mas tentava disfarçar o máximo que conseguia, pois, as vozes do homem maldoso ainda rondavam sua mente.

“Se você contar para alguém, eu vou matar os seus pais na sua frente”.

Era impossível ter coragem naquela hora. Uma criança não pensa em brechas para fugir, ela apenas se cala, apenas absorve o medo e tenta seguir o mais normal possível.

Os abusos do tio monstruoso ocorreram outras cinco vezes, conforme as lembranças que vem à mente de Fernanda. A menina tinha medo de ficar sozinha. Já não andava mais sem companhia, e literalmente vivia seguindo os passos da mãe. Onde a mãe Jandira estava, Fernanda virava sua sombra, sem que a mãe questionasse o porquê de toda aquela aproximação repentina.

Mas os estupros não eram a única coisa que Fernanda sofria. Jandira sempre foi difícil de agradar, e a cada dia que passava, a filha dela a entregava ainda mais desgostos.

Os desgostos que faziam Jandira desabrochar a raiva e a tensão eram os deslizos de Fernanda nas tarefas de casa. Fernanda fazia o pão, limpava a casa, e até acendia o cigarro para a mãe. Mesmo assim, era uma filha desobediente e que merecia ser castigada.

“Ela tentou me matar quando eu tinha três meses”.

Fernanda não descarta que a mãe possa ter tido uma depressão pós-parto, mas acredita que ela estava em sã consciência, querendo se livrar da filha que teve e que não conseguia aceitar.

O bebê foi salvo pela madrinha, que é tia por parte de mãe. Fernanda, então, passou a ser criada pela segunda mãe, na casa dela, longe da violência que nem sabia que a esperava depois de alguns anos.

Não demorou muito para que Fernanda voltasse para casa. Talvez a mãe quisesse mesmo uma empregada, então, a menina retornou e passou a fazer as vontades de Jandira.

“Ela nunca estava contente com nada do que eu fazia”.

No pedido de uma máquina de lavar roupas ao pai, porque as mãos doíam por conta do inverno forte que ali passava, Fernanda acabou despertando a fúria da mãe.

As cicatrizes no braço e na perna mostram marcas de agressões com fio de luz e também uma queimadura grande causada por ferrete, aquele pequeno ferro usado para marcar gado.

Jandira também vivia fazendo ameaças à filha. Não permitia que Fernanda falasse sobre as agressões com o pai. Fernanda relata que as ameaças da mãe também chegavam a ser de morte. Então, o que restava a ela era se calar mais uma vez.

“Cadê a minha princesa, meu anjinho?”

O pai chamava por ela quando chegava em casa do trabalho cansativo na roça. Ao contrário de Jandira, Acácio respeitava os filhos. Todos eles. Os irmãos eram tratados todos da mesma maneira, mas Fernanda era o xodó dele, e isso consolava a menina que já estava doente da cabeça por conta da pressão psicológica que vinha sofrendo às escondidas.

Não demorou muito para que ela se abrisse com Acácio. O pai ficou furioso com as revelações da “Menina dos Olhos Dele” e acabou agredindo a esposa com um soco. Ambos se separaram por conta dos

maus-tratos contra a menina, mas voltaram a se relacionar algum tempo depois, porque Fernanda pediu.

“Quem sabe ela mude e seja diferente. Foi a mesma merda que era sempre!”

O tempo passou. As agressões e xingamentos por parte da mãe se acumulavam na lista de Fernanda, e a paciência estava se esgotando.

Com 15 anos de idade, já perturbada em um nível altíssimo, a jovem tentou partir. Fazendo uso de comprimidos que a mãe tinha em casa, juntamente com veneno para ratos, ela foi parar no hospital em estado grave.

“Eu senti que era um lixo na sociedade”.

Por sorte, os médicos conseguiram salvá-la, realizando procedimentos e lavagem estomacal, ela voltou para casa sã e salva.

Acácio foi informado pelo médico de que a filha apresentava um quadro grave de depressão, mas como nos anos 80 – época em que ocorreu os fatos – as ideias não eram evoluídas para esse tipo de doença, o pai achou que não havia necessidade. A depressão ia se curar sozinha, foi o que o pai de Fernanda imaginava.

“Nem isso ela faz direito!”

Foi o que Jandira disse para a filha quando ela chegou em casa do hospital. Nem mesmo as torturas acabaram depois daquele episódio triste. As coisas só vieram a piorar após um tempo. Fernanda acabou

perdendo o pai muito cedo, e ficou ainda mais doente, dependente de ajuda psicológica.

“Até hoje eu não acredito!”

Acácio veio a falecer aos 55 anos, vítima de uma queda grave e que custou a vida dele. Sem o pai por perto, Fernanda ficou sem chão, sem ter onde pisar e se segurar para poder ficar de pé.

A solidão passou apenas quando ela completou a maioridade e saiu de casa. Fernanda Alba acabou casando e tendo dois filhos com o esposo Josué que ela adora tanto.

Mas quando a mãe deu à luz a primeira filha – Joice, hoje com 15 anos – Fernanda voltou a sofrer com a depressão.

Ela expressa o amor dos filhos em forma de tatuagens pelo corpo. Um símbolo do infinito e um nome acompanhado com coração azul demonstram um afeto de mãe, que Fernanda não teve com a dela.

A chegada de Fernanda à clínica de reabilitação foi recente. Ela tentou tomar os comprimidos que tinha em casa, mas foi salva pela filha e pelo esposo, que chegou a tempo de a companheira fazer uma besteira.

Depois desse novo episódio, a melhor escolha para a família foi internar Fernanda Alba, pois pouco tempo antes, ela também tentou ingerir soda cáustica, o que a mataria com certeza.

As dores da jovem mãe vêm de família. Dos irmãos que só a procuram quando precisam de alguma coisa, da mãe que insiste em ignorar os filhos dela e dar atenção apenas para os netos que são filhos dos demais filhos dela, ou daquele tio violento que abusou dela quando era criança e que acabou voltando à cidade após a morte do pai de Fernanda.

Valdo retornou há cinco meses à vida de Fernanda, e trouxe com ele todas as lembranças ruins que o tio havia levado com ele, além de desencadear toda aquela insegurança que a sobrinha já possuía.

Os trágicos episódios que Fernanda viveu no passado com Valdo, ficaram para trás e sempre em silêncio. Ela não contou a ninguém sobre o ocorrido, nem mesmo ao esposo.

O segredo do estupro está guardado a seis chaves. Uma delas foi aberta durante uma conversa informal e bastante emotiva em uma noite fria de quinta-feira. Agora, conhecerá a história de Fernanda Alba apenas quem ler esse relato emocionante.

Figura 11 – Trabalho desenvolvido pelos pacientes, exposto nas paredes da clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

As cicatrizes que carrego em meu braço são fruto da dor que sinto

As marcas que aparecem no braço esquerdo de Olívia Farias e que são escondidas pelas mangas compridas da blusa, ainda estão rosadas, indicando que são recentes.

São cicatrizes que ela precisa esconder da família e dela mesma para não se lembrar de tudo o que aconteceu no passado. Elas iniciam no antebraço, seguindo até o pulso, feitas por uma faca de cozinha afiada e que estava dando bobeira sobre a pia.

Aos 52 anos, ela foi internada na Clínica de Reabilitação de Ponte Serrada para tratar a depressão profunda em que se encontra, e também em relação ao uso de drogas.

A depressão seguiu com ela durante anos. Olívia sentiu os primeiros sintomas ainda quando nova, adolescente, ao conhecer o primeiro marido, o Bernardo, aos 16 anos.

Bernardo era basicamente o contrário do que se espera de uma história de princesas, dos contos de fadas. Ele era o príncipe que virou sapo.

Olívia se lembra dele como um bom namorado. Ele a agradava e a cuidava o tempo todo, talvez tentando ganhar a confiança dela para depois destruí-la da pior forma possível, para que jamais pensasse em deixá-lo.

“Fiquei muito tempo sofrendo com ele. Mais de 20 anos”.

Bernardo passou a mudar depois de um tempo. Olívia não sabia, mas o marido conheceu outra mulher, com quase o dobro da idade dele, e a traía às escondidas.

“Se eu não ficasse com ele, ele disse que me mataria”.

Olívia lembra exatamente do dia em que foi maltratada pela primeira vez por ele. Além de agredi-la fisicamente, lhe acertou uma pedrada no olho direito, quase deixando-a cega, porque a esposa saiu para visitar uma irmã. Bernardo só não fez pior, porque um dos familiares de Olívia a socorreu.

A primeira vez em que Olívia fez o uso de drogas foi com uma amiga, uma vizinha da família, que era alguns anos mais nova do que ela. Ao ver a situação da Olívia, Gislaine convidou-a para tomar um chimarrão, coisa que elas sempre costumavam realizar juntas nas tardes em que se encontravam sem nada para fazer.

Gislaine podia ver, através dos olhos e também das atitudes de Olívia, que as coisas não estavam muito bem. A amiga já imaginava que a tristeza sem fim de Olívia não era apenas uma tristeza, e sim, uma doença que estava evoluindo dentro dela.

Para tentar amenizar a dor que Olívia sentia, Gislaine lhe ofereceu um ‘breu’ – um dos nomes dados à maconha.

Mesmo consciente de que aquilo podia mudar a sua vida, Olívia usou e se sentiu livre, feliz, como se a raiva, a angústia e a dor interna tivessem deixado o seu corpo. O que ela não esperava, era que a droga a levaria para o fundo do poço mais depressa, talvez, sem conseguir sair a tempo.

Quando descobriu sobre o “passatempo” da esposa, Bernardo passou a obrigá-la a usar drogas com ele. Olívia sabia que naquela mistura que ele dava a ela não continha só maconha, e sim, uma droga mais forte, que a deixava incapaz de tomar as próprias decisões.

Era usar ou morrer, e Olívia preferiu não arriscar as ameaças do esposo. Por causa da droga pesada, ela passou a emagrecer demais, pois não comia mais nada. Não sentia fome e também não se sentia viva.

“Eu só tomava chimarrão e fumava”.

As drogas eram misturadas com medicamentos. Remédios controlados para dormir, para ansiedade e depressão, e também para ajudar a não ter convulsões – problema de saúde que ela sofre até hoje.

Ela passou a ser vigiada. Não podia sair de casa para trabalhar, para caminhar, e nem para ver amigas das quais ela sentia muita falta. Além de maltratar a companheira, Bernardo fazia ameaças de morte, como se fosse algo que estava planejando há bastante tempo.

“Se eu te matar não custa nada. Para mim não vai existir cadeia”.

As agressões e ameaças não foram as coisas mais pesadas que Bernardo fez Olívia passar. As três primeiras crianças que Olívia deu à luz, eram filhas de Bernardo. Hoje, Olívia é mãe de cinco, mas a primeira criança que veio ao mundo acabou morrendo com um mês de vida. Até hoje Olívia não sabe o que aconteceu com a filha, mas desconfia que ela possa ter nascido com algum problema de saúde.

Na gestação do segundo bebê do casal, ainda tentando superar a perda do primeiro, Olívia levou uma surra bem grande, de deixar marcas, e quase abortou a filha.

Após chegar em casa bêbado, cheio de ódio nos olhos e decidido a acabar com Olívia, o marido espancou a mulher e depois pisou na barriga dela. Foi um milagre a criança sobreviver àquilo tudo.

Mesmo assim, Olívia o defendia, porque o coração falava mais alto sempre, mesmo precisando sentir a dor na pele.

“Eu acreditava nele, porque eu o amava. Parecia que quanto mais ele me batia, mais eu gostava dele.”

O homem gostava de beber. Olívia conta que ele chegava a passar a noite no meio do mato, voltando desnordeado para casa. Muitas vezes, agressivo, outras, de ressaca.

Com o passar do tempo, Olívia passou a entender que estava sofrendo demais e que não merecia passar por tudo o que estava passando. Ao anunciar um possível término entre os dois, Bernardo se enfureceu. Passou a perseguir Olívia por todos os lados, fazendo-a recuar.

Quando finalmente conseguiu a liberdade, Olívia já se via abandonada. O esposo a deixou na rua, sem nada, até mesmo sem roupa.

“Ele me ameaçava, dizia que se eu não entregasse meus filhos para ele, acabaria me matando”.

Mesmo com medo, a mãe não renunciou aos filhos, hoje adultos. Bernardo acabou se casando com a suposta amante da época, depois que Olívia deixou de vez a casa da família junto dos filhos. Mas ele também acabou abandonado pela outra mulher um tempo depois, porque resolveu descontar a raiva na nova companheira.

Olívia ouviu boatos de que a amante do marido também estava apanhando e sendo ameaçada.

“O que ele fazia pra mim, fez pior pra ela. Ele quase a matou com um tiro”.

“Bem diferente do outro”, é assim que Olívia descreve Samuel, o novo companheiro com quem se juntou após a separação com Bernardo, e que é pai dos seus outros dois filhos.

O novo integrante da família é gentil, atencioso, uma pessoa que vê o melhor de Olívia em tudo o que ela faz. Os remédios que ela ingere são todos comprados por Samuel, que controla a saúde de Olívia com a maior preocupação.

Apesar de Olívia não ter fome e não conseguir comer, Samuel faz de tudo para que a esposa melhore dessa tempestade.

“Eu não queria comer mais, eu só queria morrer”.

A pressão psicológica que sofreu do antigo marido, ainda ficou presente na vida de Olívia. As decisões difíceis que ela havia tomado sobre tirar a própria vida, sempre acabavam dando em nada, apesar de nunca desistir da ideia.

Quando ela utilizou uma corda para tentar se enforcar, percebeu que não teria forças para continuar com o plano.

Samuel chegou a chorar na frente da companheira, demonstrando não estar contente com a decisão dela. Ao perceber que aquilo poderia significar um surto por falta de drogas e cigarro, Samuel entregou dinheiro nas mãos de Olívia para que ela comprasse a droga e o cigarro, e ficasse bem.

Os medicamentos já não faziam mais efeito, porque eram misturados com drogas e bebidas. A cabeça de Olívia já não funcionava nas melhores condições possíveis. Em um dia em que ela estava sentada na área de casa, tomando chimarrão junto dos filhos e de Samuel, um surto bateu à porta da consciência, induzindo Olívia a fazer besteiras.

Rapidamente, a mãe correu até a cozinha e apanhou uma faca de serrinha que ainda estava por ali, já que Samuel havia escondido todas as outras depois que Olívia ameaçou se ferir. Já com os braços fora da roupa, retalhou a pele fina, deixando diversos cortes espalhados

pelo antebraço. Ao presenciar a cena, os filhos e o esposo correram para evitar o pior e chegaram a lutar com a mãe para desarmá-la.

“Eu não podia ver sangue, eu tinha medo. Mas naquele dia, eu não tinha medo de nada”.

Os filhos choravam pelo acontecido, e Olívia permanecia em choque pelas coisas que havia feito na presença deles. Samuel enrolou o braço dela com alguns panos que encontrou pela casa e depois tentou acalmar a companheira.

“Ele me disse que eu lambia o sangue que saía do meu braço, mas eu não me lembro de nada”.

Agora, Olívia anda somente com blusas de manga comprida. Tudo o que ela quer é esconder as marcas de dor que a fazem se lembrar de coisas tristes. Apesar de saber o que tem por baixo dos panos, no braço, ela evita deixá-los à mostra para que os filhos também não vejam.

Depois desse episódio, Olívia deu entrada na clínica de forma voluntária, para melhorar e dar orgulho à família. O maior motivo para que ela aceitasse se internar foi por medo de que tentasse contra a vida dos filhos ou do esposo.

Quando Olívia chegou à clínica, o surto pela falta do cigarro e da droga foi grande. A paciente andava desesperada pelos corredores, sem dormir à noite, tendo alucinações exageradas e vendo bichos pelas paredes. O que ela mais se recorda de ter visto pelos corredores foram cobras, que também são frutos de traumas do passado.

Hoje, às vésperas de deixar a clínica de reabilitação, Olívia se sente aliviada por estar prestes a ver a família novamente. Uma nova pessoa que se tornou nas últimas semanas, Olívia deve usar seu dinheiro para fazer um churrasco e reunir a família novamente, para que todos fiquem felizes com a sua volta.

“Não vejo a hora de ir para casa e ver meus filhos”.

Figura 12 – Bíblia sagrada exposta na biblioteca da clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

Cresci em um lar regado de violência

Uma infância muito problemática, cheia de inseguranças e medos, que até hoje são difíceis de curar.

Cores como as do arco-íris já não faziam mais parte da vida de Junior Vargas, um jovem com 22 anos, que sonhava em partir da vida desgastante e obscura para conseguir liberdade e dias menos nublados.

Junior cresceu dentro de um lar de muita violência. A depressão da qual ele se trata até hoje foi crescendo, ainda mais, ao presenciar crimes dentro da família.

Filho mais novo em uma família com cinco irmãos, Junior sempre foi alvo das brincadeiras de mau gosto. Era motivo de risos, de piada e de agressões frequentes por parte dos dois irmãos mais velhos, hoje com 38 e 40 anos.

“Eles eram violentos”.

Flávio e Cleber são usuários de *crack*, e a droga sempre os deixava fora de si. Além de brigarem com outras pessoas por conta de desavenças que até hoje Junior não sabe o motivo, os irmãos roubavam estabelecimentos, porque tinham muitas dívidas com traficantes do bairro em que Junior vive atualmente com a mãe.

O ambiente familiar era regado com violência, desentendimentos e muito sangue. A casa era alvo de tiros por parte dos traficantes, que passavam avisando de que os irmãos de Junior estavam na mira dos criminosos.

“Vi meu irmão levar um tiro nas costas”.

Junior era muito pequeno, mas já entendia toda a situação. Com 12 anos, quase presenciou a morte do irmão, que enfrentou um traficante e deixou rastros de sangue e dor pelo caminho.

A depressão de criança passou a ficar mais pesada no início da adolescência, deixando-o completamente sem chão, sem ter onde se segurar. Não havia suporte algum, e a mãe, a única pessoa que poderia ajudá-lo naquele momento, não entendia o pedido de socorro do filho caçula.

“Minha depressão era tipo ‘dark’. Eu era do escuro mesmo, em todos os sentidos”.

O preto não era só uma cor. Fazia parte de Junior, da cabeça aos pés. Ele estava preferindo viver em um mundo fechado, onde não existisse luz para ser ligada. Com o passar do tempo, Junior passou a se tornar uma pessoa ruim, rude, cheia de ódio e incertezas, que o faziam dizer e pensar coisas que o assustavam.

“Minha defesa era minha arrogância”.

As pessoas mais próximas não o entendiam e não acreditavam no que ele falava. Violavam as suas leis e a sua honra, deixando-os descontrolados e passando a ter surtos psicóticos. Ele se via como uma pessoa esquizofrênica, por todos os momentos de medo e terror que viveu e pelas tragédias das quais presenciou e não quis falar sobre.

Junior era alvo de agressões por parte dos irmãos Cleber e Flávio após o uso excessivo de drogas, mais precisamente, o *crack*.

Após as ameaças e os socos e tapas que davam no caçula, deitavam para dormir como se nada tivesse acontecido. Os momentos de euforia que os grandalhões tinham por conta do uso do *crack*, passavam, mas a raiva e a mágoa interior de Junior só cresciam, cada vez mais.

Enquanto os irmãos descansavam depois de descarregar a raiva, Junior seguia até a cozinha, apanhava uma faca e ficava em pé, ao lado deles, olhando e pensando em como seria fácil acabar com a dor e o sofrimento.

“Eu pensava: ‘agora está em minhas mãos’”.

Ao cair em si e se dar conta de que aquilo era errado e que poderia lhe trazer consequências severas, o jovem deixava de lado a imaginação e retornava para o quarto e permanecia no escuro, bebendo o café preto forte que passou a ser seu único alimento durante muito tempo.

Desacreditando que pudesse existir uma força maior no céu, um Deus que pudesse o proteger e o ajudar, se questionou se ele existia.

“Eu pedi para ele que me fizesse feliz”.

O menino foi crescendo, mas sem poder viver de verdade. Foram sete anos dentro do quarto, trancado, sem comer direito, e sofrendo por conta de uma gastrite que foi resultado do excesso de café dos últimos anos.

“Eu não tinha ânimo, não tinha cor na minha vida. Era só preto”.

O desespero interno era tão grande, que Junior chegou a fazer pactos com forças malignas, invocando-as, tentando achar uma saída para a porta interior que não se abria.

“Eu conversava com eles à noite e eu queria saber quem eram eles e porque eles queriam estar ali comigo”.

Mesmo relatando não ter visto o rosto dessas criaturas perversas, se sentia atraído por elas, porque, assim como a escuridão em que ele mesmo estava, elas viviam da mesma forma que ele.

“Eu ficava louco, dominado. Eu parecia um zumbi”.

Seu coração era fechado pela dor, pela escuridão, e não havia mais solução para aquilo que ele estava sentindo.

A única coisa que acalentava o seu interior era olhar pela janela do quarto, à noite, para observar a lua e as estrelas. Não sabia o porquê dessa fascinação pelos pequenos pontos de luz há trilhões de quilômetros de distância, mas ali habitava uma paz que ele nunca havia sentido antes.

Os questionamentos sobre o porquê de ter nascido, do porque estar na terra, se a única coisa que fazia era sofrer, sempre acabavam em mais perguntas sem sentido e sem respostas.

“Nesses 22 anos parece que eu vivi 40”.

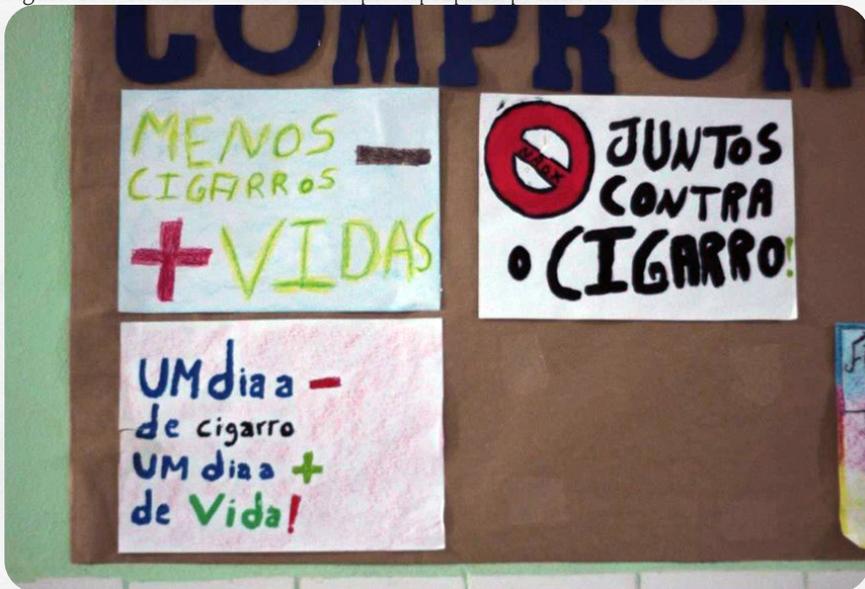
Junior chegou a um ponto em que não conseguia conversar, se expressar e se comunicar com ninguém. Mas a única coisa que não o

deixou desistir de viver foi a ajuda de uma psicóloga que conversava com ele através de desenhos em uma folha de papel.

Com total apoio dela, que nunca deixou de ver o lado bom de Junior, o jovem veio parar na clínica de reabilitação para se recuperar e começar uma nova vida. Uma vida de cor, que brilhe mais do que as estrelas no céu durante à noite escura.

“Ela não desistiu de mim. Deus talvez me enviou ela. Até hoje ela cuida de mim”.

Figura 13 – Trabalho desenvolvido pelos próprios pacientes da clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

“Quem bate não se lembra, mas quem apanha nunca esquece”

Dos quatro casamentos em que Rita Izabel teve nos últimos anos, apenas um não trouxe traumas desgastantes para ela. Com 47 anos, boa parte de sua vida foi vivida de forma triste e bastante torturante, principalmente na infância, quando precisou abandonar a escola por ter sido motivo de piada nos corredores, por conta do cabelo crespo.

Rita não consegue falar muito sobre isso e chora de perder a voz ao ter que relembrar do trauma que foi, ser alvo de *bullying* naquela época.

“Me chamavam de cabelo de Bombril”.

O que também deixou Rita triste, foi ver que as pessoas que zombavam dela na época, passaram a trabalhar em escritórios ou em outros trabalhos dos quais ela nunca teve sorte de ser chamada.

O cabelo de Rita hoje é escondido por um chapéu pequeno, para que ela passe despercebida pelas pessoas. Rita Izabel cresceu achando que aquela seria a situação mais difícil que viveria na vida, mas ao se casar pela primeira vez, percebeu que estava enganada.

A bebida entrou na vida de Rita ainda quando jovem, ao frequentar as discotecas da época e jantares que fazia com as poucas amigas que tinha. Não era nada em exagero, mas sim, tudo na medida, sem passar da conta, mas depois que conheceu os companheiros, a bebida servia como um analgésico.

“Eu não sou homem de uma mulher só”.

Era o que o primeiro marido de Rita Izabel dizia a ela, mesmo depois de terem se tornado pais, juntos, pela primeira vez.

Mesmo não tendo sofrido nenhuma violência física por parte dele, Rita Izabel ficou decidida a abandoná-lo, pois temia pela traição e por ser vítima de violência doméstica, caso houvesse uma briga em casa.

Amparada pela mãe, dona Noemia, Rita Izabel se mudou com o filho de colo. Não demorou muito tempo para que ela conhecesse outro homem, meses depois. O rapaz era “mal-encarado” e Noemia sabia que aquele era um péssimo negócio para a filha, pois observava atentamente como ele tratava Rita Izabel na frente das pessoas. Eram xingamentos, palavrões e agressividade, o que deixava Noemia extremamente irritada com o futuro genro.

Quando passou a morar junto com ele, depois de ter engravidado do segundo filho, ela foi agredida pelo companheiro e derrubada no chão, sendo espancada por ele com as “costas” de um facão. Rita não se lembra dos motivos que levaram o homem a agir daquela maneira, mas sente arrepio só de tentar voltar ao passado.

“Quando eu engravidava, parecia um azar. Eles me batiam estando grávida”.

Com medo de que a situação piorasse ainda mais, Rita disse ao marido que pretendia visitar sua mãe, que vivia em outro Estado. Desconfiado de que a mulher não retornasse, fez ameaças para que ela voltasse para casa.

Rita pegou o dinheiro das mãos do esposo e partiu com os filhos quando o homem não estava por perto. Ao relatar à Noemia sobre as agressões, a mãe de Rita Izabel trancou-a em casa, não a deixando sair e proibindo-a de voltar para o casamento infeliz em que a filha estava.

O esposo de Rita foi procurá-la dias depois, para tentar tirar o filho dos braços da mãe, porém, Noemia o expulsou da casa e ele nunca mais voltou.

Quando conheceu o terceiro namorado, Izabel se mudou com ele e os filhos para uma casa no interior da cidade onde viviam. Todos sabiam que ele tinha amantes na cidade, menos Rita, que dividia o mesmo teto com ele.

Nas noites em que saía para beber com amigos, o novo companheiro de Rita costumava visitar as “outras opções” que tinha, chegando a passar à noite fora de casa, deixando-a sozinha com os filhos, no escuro, e desamparada.

“Ele sempre prometia que iria mudar e eu gostava dele e ficava com ele”.

As promessas amorosas do companheiro sempre acabavam em mentiras. Quando voltava para casa embriagado, ele ameaçava Rita e chegava a quebrar os móveis, causando medo nas crianças e também na mãe, que não podia fazer nada para se proteger do homem maldoso.

Quando o conheceu, Rita imaginava que ele seria um pai perfeito, um homem honesto e que traria boas vibrações para a casa da família, mas no momento em que descobriu que estava sendo traída, as coisas mudaram. As agressões que sentia na pele também foram motivos para que Rita tomasse uma atitude.

“Por mais que eu gostasse dele, eu sabia que não dava mais”.

Izabel “andava na linha” com o marido e não o desobedecia, mesmo em situações que precisava ter pulso firme. A mulher trabalhava como faxineira para uma família rica da cidade e, muitas vezes, ia para o trabalho machucada, tentando esconder as marcas, dizendo que havia sofrido um acidente doméstico.

Na boca, se percebe uma cicatriz na região do lábio inferior, causada por um soco que levou do marido quando estava alcoolizado. A sobrancelha esconde outra cicatriz que foi feita por um golpe que ela também levou quando ele estava zangado com alguma coisa.

Ao perceber que o olho de Rita Izabel estava roxo, a patroa questionou Rita sobre a agressão que sofreu. Mesmo dizendo que havia batido o rosto no tanque enquanto lavava roupas, a chefe não acreditou na falácia da empregada e aconselhou-a a procurar a polícia.

Mesmo tendo provas suficientes para incriminar o marido, Rita Izabel preferiu se calar, pois era ameaçada de morte por ele, e temia pela vida dos filhos.

“Quem bate não se lembra, mas quem apanha nunca esquece”.

Quando já não aguentava mais, Rita o denunciou e fugiu com os filhos da casa onde vivia com o homem. Mesmo apresentando provas que o incriminassem, o agressor não foi preso, o que deixou Rita bastante abalada.

Com o passar do tempo, longe dos agressores e da vida sofrida em que estava, Rita Izabel criou os filhos e seguiu com a vida. A filha mais velha dela conheceu um rapaz e passou a namorá-lo. Na convivência diária com a família do genro, Rita foi apresentada ao pai dele, Bento, que também estava solteiro e disposto a engatar em um novo relacionamento.

Meio retraída por conta do desastre que foram os demais relacionamentos que teve, Rita Izabel ficou com medo de se envolver novamente e sofrer com as represálias.

Arriscando todas as cartas que tinha, Rita Izabel diz ter se dado bem. Em meio ao caos em que estava, Bento veio para trazer tranquilidade e paz para a sua vida.

“Ele é bem querido pra mim”.

De tanto apanhar da vida, Izabel precisou aprender a ser forte, mesmo com os sintomas clássicos da depressão, que foram aparecendo com o decorrer dos anos. Algo que aliviava as dores internas que vinham da alma era arrancar os fios de cabelo. Puxar o cabelo com força aliviava, mas pouco funcionava.

Outra coisa que ajudava a tranquilizar a mente era um copo de cachaça, o que se tornou rotina na vida dela, mesmo depois de conhecer um homem bom.

*“Comecei a me afastar das pessoas, e queria ficar só dentro de casa.
Sozinha!”*

Com oito anos a mais do que Rita Izabel, Bento chegou na vida dela para fazer uma revolução positiva. Ele ficou responsável pela casa e por visitar os filhos dela, agora que Rita se encontra em uma clínica de reabilitação para se tratar.

No decorrer dos anos, entre uma agressão e outra que sofria, a vontade que tinha em beber cachaça pura e outras bebidas alcoólicas só crescia. O copo sempre estava ao lado dela, fazendo-a ficar embriagada e trazendo problemas para a sua vida.

Depois de quase um minuto de silêncio, sem conseguir dizer uma só palavra, Rita Izabel desabafou sobre as consequências do alcoolismo. Além de perder amigos por conta da bebida, ela se viu desesperada ao ter seus filhos menores levados pelas autoridades.

Até que ela não deixe o álcool de lado, Izabel terá de se manter afastada dos filhos, que aguardam ansiosos pelo retorno dela.

Já dentro da clínica, em uma ligação que fez ao atual marido para saber como as coisas andavam, Bento só tranquilizou a companheira, dizendo que a única coisa que ela precisa se preocupar, no momento, é a saúde dela e nada mais.

Figura 14 – Quartos pertencentes à ala masculina da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

Não aceitei a amante dentro de casa e levei um tiro

Nas profundezas do passado, Patrícia Portugal guarda as piores lembranças que alguém pode ter. A vida perfeita que sonhava, existiu pouco tempo com ela. Os dias difíceis que passou na infância e na adolescência estão guardados em algum lugar lá, no escuro da alma, para que ninguém saiba e também para que ela não se lembre do que passou.

São coisas que as fazem pensar em besteiras, e levam sua mente para a dor e o sofrimento, mas essas coisas, ela não conta para ninguém.

É claro que ela nunca irá esquecer o que passou, mas tenta deixar isso o mais oculto possível, para não sofrer ainda mais. As dores do passado deixaram-na doente. Uma depressão bastante pesada, que não se cura com qualquer remédio ou qualquer palavra de conforto.

Sofrendo em segredo, ela passou a ter desilusões amorosas com o ex-esposo, com quem foi casada por 14 anos e teve três filhos. Essas desilusões deixaram-na ainda mais perturbada.

Patrícia sempre foi uma pessoa companheira, amiga, que estava sempre lutando pelo casamento e deixava isso em primeiro lugar. Já o esposo Eduardo, parecia não se importar muito com Patrícia. Os vizinhos, os amigos e as pessoas mais próximas alertavam-na de que Eduardo a traía. Cega pelo amor, e defendendo “com unhas e dentes” o relacionamento que construiu nos últimos anos, Patrícia se negava a acreditar nas falácias do povo.

Em uma manhã qualquer, há 11 anos, Eduardo bateu no peito e tomou uma decisão que abalaria de vez a vida da esposa. Ao adentrar a casa na companhia de outra mulher, a qual dizia ser a “segunda

companheira”, ele exigiu que Patrícia a aceitasse como um novo membro da família e que ambas precisavam conviver juntas, embaixo do mesmo teto que ele.

As especulações das pessoas, dizendo que o esposo tinha amantes, passaram a fazer sentido para Patrícia, que se viu preparada para tomar uma atitude.

“Eu não divido o que é meu”.

Enraivecida pela situação, sem saber o que fazer, avançou na amante do marido e passou a agredi-la. Não demorou muito para que fosse ameaçada por Eduardo, que logo sacou uma arma – da qual Patrícia nem sabia que o esposo tinha – e atirou em sua direção.

O disparo atingiu a região do peito de Patrícia, próximo ao braço esquerdo dela, atravessando as costas e causando um grande estrago. O sangue jorrou na hora, assustando os filhos do casal, na época com sete, 10 e 11 anos.

Eduardo não se importou com o que fez com a mulher, apenas pegou na mão da “amante” e saiu de carro com ela, sem prestar qualquer ajuda à Patrícia.

“Não vou dizer que ele era uma pessoa ruim, porque todo mundo tem suas qualidades. Ele era um homem bom, um trabalhador”.

Ao ouvir o disparo e depois os gritos de socorro e o choro dos filhos de Patrícia, um dos vizinhos da família se aproximou da casa e foi averiguar o que estava acontecendo. Foi ele quem a socorreu e a levou para o hospital. Se não fosse por ele, Patrícia poderia ter perdido a vida ali, no chão da cozinha.

Foram vários dias de internação. Dias em que ela só pensava nos filhos. Depois que recebeu alta, Patrícia precisou retornar para casa. Sabia que ali vivia o perigo, mas ela precisava ficar com os filhos.

Ela chegou a denunciar o marido pelo crime que ele havia cometido, mas toda a confissão às autoridades, não resultou em nada mais do que apenas dor de cabeça para ela.

“Passei por louca, eles me internaram em uma clínica”.

Mesmo tendo provas na pele de que o tiro foi real, a procura pela arma na casa do autor não foi bem-sucedida, o que deixou Patrícia ainda mais perturbada.

“Existe um Deus lá em cima. Se os homens da terra não fazem justiça, aquele lá já fez até demais”.

Patrícia passou mais de 15 dias em uma clínica de reabilitação em outra cidade e, apesar de estar ali sob pressão e injustiça, fez amizades e se sentiu protegida pelas pessoas que cuidavam dos pacientes, no local.

De volta ao lar onde tudo aconteceu, Patrícia fez as malas e partiu dali, indo morar com os pais e se vendo livre de um casamento que só trouxe dor de cabeça.

Não demorou muito para que seus pais a mandassem deixar a casa, pois eram contra a separação do casal. Ela, então, se mudou para outra cidade, onde viviam alguns parentes, para trabalhar e cuidar dos três filhos.

Sem dar conta das despesas sozinha, Patrícia precisou fazer um acordo com o marido para que ele pagasse pensão aos filhos, como é regido por lei, o que não ocorreu. No Fórum, ao lado do marido,

eles entraram em um acordo de que Patrícia trabalharia fora e Eduardo ficaria com os filhos dela, em casa. Todos os bens que o casal construiu junto, ficaram com Eduardo. E os filhos, que estavam sob responsabilidade dele, voltaram a morar com a mãe um tempo depois.

Patrícia sempre deixou claro para os filhos que a culpa da separação dos pais foi por culpa de Eduardo. Eles presenciaram a cena de dor da mãe ao levar um tiro, e por conta disso, levaram um tempo até se adaptar à nova vida.

“Eu nunca traí ele, nunca levei outro homem para dentro de casa”.

Hoje, os três estão grandes, seguindo suas vidas trabalhando, estudando ou construindo uma família, e apoiando a mãe em tudo o que ela necessita. Dois anos após a separação, Patrícia precisou ser forte mais uma vez. Por meio de exames de rotina, descobriu que estava com câncer no útero, o que a levou a fazer quimioterapias e duas cirurgias para a retirada do útero e ovários.

Com isso, veio a perda de cabelo, de peso, e o sofrimento.

“Eu fiquei totalmente arrasada, mas tudo passa”.

Com 24 anos a mais do que Patrícia, Adriano conquistou-a com carinho e afeto, coisa que ela não teve muito, no antigo relacionamento. Foi Adriano quem cuidou de Patrícia nos momentos de dor por conta do câncer e das cirurgias a que se submeteu.

Hoje, Patrícia está curada da doença, mas o que não está curado ainda, são as cicatrizes da alma. Aquelas que a fazem ter pesadelos à noite, e a atormentam a todo o momento.

Na semana anterior, pouco antes de dar entrada na Clínica de Reabilitação de Ponte Serrada, Patrícia tomou diversos comprimidos

que fazia uso para dormir. Ela tinha acabado de receber a notícia da morte de uma parente e estava bastante abalada com a situação. Os medicamentos do qual tomou em exagero, acabaram deixando Patrícia desnorteada, bastante perdida.

Por conta da dose forte que estava em seu organismo, ela passou a ouvir vozes e ver vultos, dos quais eram seus pesadelos do passado, por conta de situações desesperadoras que viveu na infância e de que não quis falar a respeito, por se tratar de algo bastante grave.

A depressão voltou. A dor do passado retornou, e a única solução foi se internar para melhorar.

“Se eu fico nervosa, eu vejo coisas, ouço vozes, vejo vultos”.

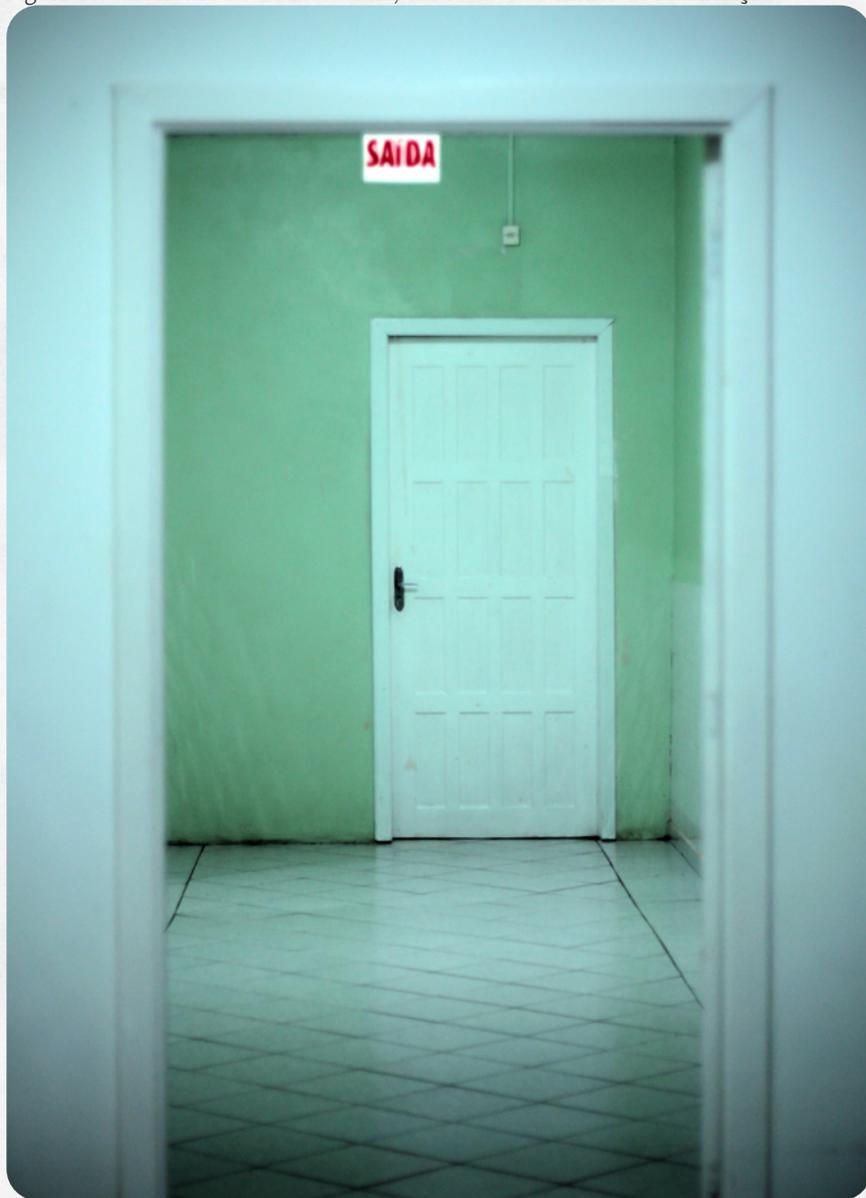
A única coisa que ela espera dessa internação, é voltar para casa bem e poder cuidar dos bichos de estimação que possui e do atual esposo, que aguarda ansioso para vê-la.

Figura 15 – Um dos refeitórios existentes na clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

Figura 16 – Corredor da ala masculina, aos fundos da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

Vendi meu carro por 120 gramas de pó

O fundo do poço chegou cedo na vida de Adilson Lucas.

Foi basicamente com 23 anos, a idade que ele tem hoje.

Vindo de uma família bem estruturada, mesmo com a morte do pai há 10 anos, Adilson vive no interior, junto da mãe Joana e do padrasto. Lá, eles se revezam para cuidar das vacas de leite e da propriedade que construíram com tanto esforço e de onde tiram o sustento da família.

O jovem nunca pensou que a vida poderia ser tão difícil. Ele teve uma infância bem tranquila, ao lado dos amigos e do irmão mais velho, apesar de ter sofrido com a perda do pai aos 11 anos de idade, quando ele teve complicações por conta da varicela.

A adolescência seguiu normal, sem muita rotina e sem muitas obrigações, até entrar no último ano do ensino médio, o tão esperado “terceirão”. Durante o dia, ele passou a ajudar um dos primos, em uma oficina na cidade, e com o trabalho que desenvolvia, precisou estudar no período da noite.

Adilson tinha 16 anos na época e se recorda muito bem dos encontros que tinha com os colegas, que se diziam amigos, dentro do banheiro da escola. Na companhia deles, o rapaz teve acesso à maconha, pela primeira vez.

Ele se recorda que era uma droga leve e que apenas lhe fazia sentir sensações prazerosas e muita tranquilidade. E como os “amigos” passavam por essa experiência quase todas as noites, em um encontro às escondidas no banheiro, como uma espécie de clube secreto, Adilson acompanhava os parceiros e quase toda noite fumava a maconha que para ele era preciosa.

O tempo foi passando. Os anos foram seguindo e ele conseguiu um emprego de segurança em uma empresa conhecida da cidade, por intermédio de um dos seus primos mais velhos, o Roni.

Eles costumavam trabalhar nos mesmos horários e, muitas vezes, passavam horas acordados para manter a segurança do local.

Em um dos dias de maior exaustão por conta do horário, Roni, dentro do carro na companhia de Adilson, apanhou um pacotinho contendo pó branco e fez o uso dele, oferecendo em seguida para o primo, que olhava àquela cena surpreso e com um pouco de desaprovação.

Adilson, até aquele momento, só havia usado maconha e não conhecia as demais drogas que existiam. Presenciar aquela cena do parente foi estranho para ele, mas com tamanha insistência da parte de Roni, usando como argumento de que a droga o faria ficar acordado à noite toda e que o sono iria embora, ele caiu em tentação. Aquele foi o começo para a vida dele desmoronar aos poucos. O problema daquilo tudo, era que Adilson não sabia que teria consequências.

“Eu era bobo aquela vez”.

A alegria momentânea chegava rápido. Era como uma mágica, e deixava Adilson bastante contente e realmente leve. Mas, horas depois, quando a substância se evadia aos poucos do organismo, o cansaço batia, e a consciência pesava.

Depois daquela primeira experiência negativa, o jovem nunca mais deixou de lado a droga de cor branca. No trabalho, em casa, na companhia de amigos, em festas... Qualquer local era uma oportunidade para que ele fizesse uso da cocaína e sentisse coisas que na vida real não poderia ter.

“Eu não ficava alucinado, eu usava só porque gostava”.

Quando o salário começou a cair na conta, Adilson começou a sair mais, conhecer novos amigos, e usar ainda mais entorpecentes dos quais adorava tanto. Ele chegou a experimentar outras drogas como LSD e também *crack*, mas não o suficiente para se viciar. Isso, de alguma forma, o deixa aliviado nos dias de hoje, porque poderia ser ainda pior.

Joana sabia que o filho andava estranho, mas nunca o questionou do porquê estar agindo daquela forma.

Em um dia qualquer, quando já não aguentava mais guardar para si aquela situação, Adilson se abriu com a mãe. Em uma conversa informal, como se estivesse jogando conversa fora com amigos na rua, ele contou tudo a Joana.

Sem muita reação, Joana se sentou e começou a assimilar a conversa que teve com o filho caçula. Ela sabia que ele estava em um caminho errado e que, se não fosse tratado depressa, a coisa poderia se agravar ainda mais.

Foi nesse momento que Adilson resolveu se internar pela primeira vez em uma clínica de reabilitação. E nessa decisão, ele não foi sozinho. Roni, o primo que o havia viciado nas drogas pesadas, também se internou, ficando os mesmos 30 dias que Adilson, tentando se livrar do vício sem fim.

“Não quero mais isso pra minha vida”.

Adilson acabou ficando três meses em tratamento, voltando para casa tranquilo e com outra mentalidade sobre a vida. Mas, apesar

disso, ele passou a sentir as recaídas seis meses depois, precisando retornar para a clínica.

Esse processo de internação perdurou por mais duas vezes, sendo quatro num total, durante apenas dois anos.

“Eu poderia estar bem, estar viajando pelo mundo a fora, mas estou aqui”.

Há pouco mais de um ano, antes de se internar pela terceira vez em uma clínica de reabilitação, Adilson se viu perdido no mundo das drogas. A falta que ele sentia de poder usar cocaína era tamanha, que não pensou duas vezes antes de vender o próprio carro, um Corsa Sedan, em troca de 120 gramas de pó.

Adilson simplesmente entregou a chave do carro em troca de um pacote razoável de cocaína. O equivalente a R\$ 9 mil.

O jovem usou e abusou da substância. Boa parte ele dividiu com os colegas com quem costumava sair nos finais de semana, e outra, vendeu para poder comprar bebida alcoólica, da qual também passou a se viciar com o tempo.

Adilson estava feliz com a troca que havia feito, mas não tinha consciência de que aquilo era loucura. Ele somente percebeu que havia feito besteira quando a droga terminou.

“O arrependimento bateu, a ficha caiu quando eu percebi que não podia mais beber e usar drogas”.

Para a sorte de Adilson, o irmão mais velho conseguiu recuperar o carro, mas para isso acontecer, precisou dar bastante dinheiro para tê-lo de volta. Depois desse episódio, o jovem permaneceu mais de um ano sem usar nenhum tipo de drogas ou bebida alcoólica.

Ele não sentia falta, estava tudo seguindo da melhor maneira possível. Mesmo em casa, no interior, ajudando Joana com os trabalhos do sítio, ele enviou currículos para três empresas de escolta armada, da qual já possuía experiência, aguardando ansioso para ser chamado para trabalhar no ramo que mais gostava. Isso há 30 dias.

Meia hora se passou e logo uma das empresas telefonou, informando Adilson que estariam esperando-o para uma entrevista de emprego.

A felicidade foi tamanha, que ele queria comemorar de alguma forma. Sozinho em um bar, tomou diversas cervejas e ficou completamente alcoolizado.

Preocupado em como faria para se apresentar na empresa, faltando meia hora apenas, ele procurou uma solução ainda mais errada.

Com buchas de cocaína que comprou rapidamente, na intenção de camuflar o alcoolismo, ficou alucinado, bem fora de si, não tendo condições de ir à entrevista de emprego. A oportunidade que ele havia tido na palma da mão, escorreu como areia entre seus dedos. Aquele foi outro pico de desânimo, que o fez perceber que não dava mais para continuar. Antes de ser internado pela quarta vez, Adilson permaneceu cinco longos dias em função do seu vício pela cocaína. Em tão pouco tempo, ele perdeu 22 quilos e hoje não se reconhece mais.

“A vida significa trabalhar, ter uma família, ter sua casa, ter o seu descanso no final de semana, ter uma vida saudável, sem drogas”.

Hoje, estando prestes a deixar a clínica de reabilitação, ele diz estar realmente curado do vício e livre de todas as drogas que já fez uso até hoje.

Adilson quer poder voltar para casa e ver a mãe. Quer, também, colocar a cabeça no lugar e fazer um curso para transporte de valores, para poder se mudar para o litoral e começar uma nova vida.

“Eu renasci, com 23 anos”.

Figura 17 – Violão utilizado nas atividades diferenciadas da clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

Meu tio prometeu matar meu estuprador quando saísse da cadeia

A procura por ajuda psicológica não partiu, necessariamente, de Claudiane da Costa Silva, de 28 anos. Apesar de estar sofrendo muito com depressão, quem colocou na cabeça dela que deveria se tratar para melhorar a qualidade de vida, foi sua mãe.

A depressão foi um dos ícones que fizeram Claudiane estar internada no final deste ano, correndo o risco de não comemorar o Natal com a mãe, a filha pequena e a irmã caçula, de outro pai. Outro fator que contribuiu com tudo de ruim que passou nos últimos anos foi o uso excessivo de cocaína.

Claudiane teve seu primeiro contato com as drogas aos dez anos de idade. A jovem não chegou a conhecer o pai biológico, pois ele acabou falecendo um mês antes do nascimento dela. Por conta disso, o mais perto que ela tinha de um pai, era um tio materno.

Vizinha de Tiago da Silva, o tio que ela mais gostava e com quem era muito apegada, a menina descobriu todo o mundo do tráfico ao visitá-lo em casa e apreciar o homem montando as buchas de cocaína para vender. Tiago era um traficante bastante renomado na cidade e ganhava muito dinheiro mexendo com coisa errada.

Nesse vai e vem até a casa do tio para vê-lo e também brincar com a prima pequena, Claudiane foi incentivada a se “infiltrar” no tráfico de uma forma “inocente”. Tiago também adorava a sobrinha e passou a ensinar tudo o que sabia sobre as drogas. O primeiro passo foi apresentar a menina ao mundo do crime, dentro da própria casa e, depois, às drogas pesadas. Claudiane passou a usar cocaína durante o trabalho de embalar as buchas para o tio e acabou se viciando naquilo que hoje lhe traz pesadelos e que luta para se livrar.

Bem antes de começar a usar drogas e descobrir o que elas podiam fazer, Claudiane encontrou cigarros na casa do tio e passou a fumar como se não houvesse amanhã. Junto com a bebida alcoólica, o cigarro a acalmava, faziam-na levar os pensamentos para longe. Era uma maneira de espantar os pesadelos do passado que a assombravam. Isso porque, quando estava próximo de completar seis anos de idade, foi violentada pelo padrasto, dentro da própria casa.

“Eu fiquei com muita raiva, muito trauma por causa disso, porque a polícia nunca fez nada”.

O agressor vivia na casa de Claudiane, junto da mãe dela, desde quando ela era pequena. Antes, o homem nunca havia demonstrado ser uma pessoa ruim, mas quando foi pega desprevenida em casa, sozinha, enquanto a mãe trabalhava para sustentar a casa, o padrasto se aproveitou da ocasião para estuprar a menina.

Na escola, ao perceber que a menina estava sangrando, uma das professoras alertou Claudiane sobre comprar absorventes, já que estava “virando mocinha”. A criança, ao demonstrar inocência e completa desinformação sobre o assunto, chamou a atenção de outras educadoras, que chamaram a polícia e interrogaram a menina. Claudiane, então, ao ser questionada sobre possíveis abusos, acabou contando sobre os crimes que sofria em casa e uma viatura foi mandada para a casa dela.

Ao perceber a demora da enteada a voltar para casa, o abusador desconfiou que ela pudesse ter contado toda a verdade. Ele arrumou as malas e fugiu de carro sem dizer nada, retornando duas semanas depois, durante à noite, procurando pela mãe da menina para poder se explicar.

Ao saber sobre o estupro que a sobrinha havia sofrido, Tiago – que na época estava preso por tráfico de drogas – prometeu à

Claudiane que iria acabar com a vida do homem, assim que deixasse as celas da prisão. Com medo das consequências, o abusador fugiu para o Paraguai, sem dar mais notícias à família ou a quaisquer pessoas que pudessem abrir a boca e contar onde ele havia se escondido. Após dois anos vivendo fora do Brasil, a família dele recebeu a notícia de que havia sido assassinado por traficantes. Claudiane recorda que a mãe do padrasto recebeu fotos do filho esquartejado em uma vala. O motivo foi simples: havia se envolvido com a mulher de um dos traficantes do local.

Os anos se passaram. Claudiane continuava na vida das drogas. O vício era tamanho, que até nas festas em que frequentava era comum ir ao banheiro e fazer uma “carreira” para matar a abstinência.

Quando completou 16 anos, a jovem já estava completamente envolvida com o tráfico. Por onde ia na companhia do tio, carregava consigo as buchas de cocaína, escondidas dentro das roupas íntimas, sem a menor preocupação.

Em uma noite qualquer, bebendo com Tiago e outros amigos no pátio de um posto de combustível, Claudiane aproveitou para “dar um raio” no banheiro com a droga que havia levado. Enquanto sugava para dentro do nariz a substância branca e tóxica, ouviu tiros vindo do lado de fora. Na correria, percebeu que o tio havia sido baleado e o autor do crime era um funcionário dele e que fazia a entrega das drogas quando necessário.

Claudiane se recorda que o homem atirou contra Tiago porque havia cheirado toda a droga que lhe fora entregue. Para não ser cobrado por aquilo depois, resolveu matar o chefe e se livrar de um problema.

Tiago foi levado ao hospital em estado grave, com 12 perfurações de bala pelo corpo. Claudiane e a família de Tiago se deslocaram para o hospital em busca de notícias. Com policiais rodeando toda a unidade, a sobrinha de Tiago se sentia desprotegida, já que escondia com ela mais de R\$ 2 mil em drogas.

Tiago permaneceu no hospital por três dias, ficando intubado e reagindo no último momento, querendo falar com Claudiane e dizer as últimas palavras.

“Ele disse para mim terminar com o corre, sair dessa vida, e pagar um traficante que ele estava devendo”.

Um pastor foi chamado no hospital a pedido de Tiago, e ele morreu logo em seguida, deixando a sobrinha e a família completamente perdidas.

Claudiane usou uma das seis armas de fogo que o tio tinha, para poder pagar a dívida de drogas que Tiago havia pedido. O restante das drogas que ela carregava dentro das roupas, foi usado por ela para esquecer dos problemas da vida. Os mais de R\$ 2 mil em cocaína foram usados em questão de horas, com Claudiane correndo risco de ter uma overdose.

O uso excessivo de drogas, cigarro e álcool acabou desencadeando depressão e uma doença chamada Borderline, que faz com que Claudiane perca a cabeça em alguns momentos e tente contra a própria vida. As marcas que ela carrega em seus braços, são a prova de que o fundo do poço havia chegado.

Os cortes profundos e rosados, que indicam terem sido feitos recentemente, só vão ser escondidos por roupas de manga comprida, já que as cicatrizes são inevitáveis. Todas as mutilações que Claudiane sofreu dela mesma, foram feitas com uma lâmina de gilete e alguns chegam a ter até cinco centímetros de comprimento. Em uma das agressões, a mais recente e que foi feita há duas semanas, fez com que a jovem perdesse os movimentos dos dedos por alguns dias. Aquelas são marcas de uma vida bastante sofrida, de uma vida com bastante

violência, além de tudo, de dores internas que não se curam apenas com medicamentos.

Claudiane é mãe de Yasmin, de sete anos. A jovem conheceu o pai da menina aos 21 anos, mas ambos eram amigos antes de tudo. Claudiane percebia como Rudinei tinha ciúmes dela, mas nunca pensou que aquilo pudesse virar uma paixão. Quando Rudinei decidiu se declarar e abrir o jogo com a amiga, ambos decidiram tentar. Com uma casa alugada quase no centro da cidade, Claudiane pediu para que o novo namorado levasse os móveis e se juntasse a ela na nova vida que estavam construindo. Foram oito meses de uma vida regada a drogas e álcool, em que ambos usavam e abusavam dos entorpecentes sem se preocupar com o amanhã.

Algum tempo depois, ao passar mal e ficar preocupada, a jovem descobriu que estava grávida de Rudinei. Quando contou ao namorado que estava esperando um filho, ele surtou, gritou e disse que jamais assumiria aquela criança. Claudiane, então, expulsou Rudinei de casa e voltou a morar com a mãe, criando a filha sozinha e sem depender do ex-companheiro para nada.

“Ele nunca pagou pensão e ele nunca conheceu a minha filha”.

Aquele foi um episódio muito dolorido para ela. Apaixonada por Rudinei, Claudiane procurou por ele depois que a filha veio ao mundo, mas não teve sucesso em fazer o ex mudar de ideia. Com o desprezo de Rudinei, a jovem caiu nas drogas de uma forma mais pesada e, dali em diante, chegou a ser internada em clínicas por três vezes.

Nos últimos meses deste ano, Claudiane estava tranquila e “limpa”. Havia deixado de lado a droga e o cigarro, tentando buscar uma qualidade de vida melhor a pedido da mãe que estava bastante preocupada com a saúde da filha.

Por algum motivo que ela não soube explicar, acabou tendo uma recaída e foi nesse momento que saiu de casa para comprar drogas e tentou usar. A mãe, ao perceber as atitudes da filha, procurou por ela e a impediu de colocar as drogas para dentro do organismo. Mesmo assim, para evitar que Claudiane caísse no mundo das drogas novamente e se perdesse de vez, a mãe da jovem orientou-a a procurar por ajuda, pela quarta vez.

Mesmo preocupada em não conseguir deixar a clínica de reabilitação antes do Natal, Claudiane fez um esforço pela família e pela filha pequena, e aceitou se internar.

Agora o que ela quer é poder ficar bem para ver a pequena Yasmin e torcer para conseguir passar o Natal em casa, ao lado das pessoas que mais gosta.

“Quero voltar a trabalhar, quero reconquistar o amor e carinho e, principalmente, a confiança da minha mãe”.

Figura 18 – Material utilizado para desenvolver trabalhos de arteterapia na clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

Flagrei minha irmã casada na cama com o meu marido

A menina Victória Ramos, de 19 anos, teve uma infância bastante traumática. Os pais dela, Silvana e Acácio, trabalhavam fora durante todo o dia e só voltavam para casa no final da tarde. Nesse tempo em que Victória era deixada sozinha pelos pais, ela fazia companhia para as irmãs mais velhas, Rafaela, hoje com 25 anos, e Manuela, com 20.

Apesar de estar com outras duas crianças em casa, ela se sentia sozinha. Na maior parte do tempo não conseguia brincar, porque sempre estava fazendo os serviços domésticos, que era obrigada pelas irmãs.

Aos cinco anos de idade, Victória costumava limpar a casa, fazer comida, e outras coisas que, para a idade dela, não eram basicamente proibidas. As tarefas eram dadas a ela por Rafaela e Manuela quando os pais saíam para trabalhar.

Enquanto a criança fazia o serviço que era obrigada, as irmãs mais velhas se ocupavam com os desenhos que passavam na televisão.

Uma pequena cicatriz na barriga dela mostra um pouco do resultado do “trabalho escravo” que foi obrigada a prestar. Victória, em uma das tentativas de mexer uma panela com comida no fogão à lenha, acabou se encostando e se queimando na chapa quente.

Nos dias em que não precisava fazer os serviços domésticos, as irmãs até que brincavam juntas. As brincadeiras não eram exatamente saudáveis, até porque Victória era “engolida” pelo corpo das irmãs quando se jogavam em cima dela para realmente tentar machucá-la.

Gorda, baleia, feiosa. Esses eram alguns dos apelidos que Victória recebia de Rafaela e Manuela. Nem de longe eram apelidos carinhosos. Elas usavam as palavras para ferir. Podiam não machucar sua pele, mais o interior, o psicológico, ficava cada vez mais doente.

Victória era pequena e não sabia como se defender. Ao invés de buscar por ajuda, chorava na esperança de amenizar a dor interna. Não resolvia o problema. Em uma das vezes que tentou falar com a mãe sobre as coisas que era obrigada a passar, Silvana dialogou com Rafaela e Manuela, no intuito de resolver o problema apenas com uma conversa amigável.

As brigas continuaram até que ela passasse dos 10 anos de idade. Mas como amava muito as irmãs, apesar de tudo, resolveu não tocar mais no assunto com a mãe. O problema não havia sido resolvido mesmo...

“Hoje elas estão todas casadas e moram longe, graças a Deus”.

Com 12 anos, Victória já estava depressiva. Nessa época, Silvana havia parado de trabalhar para poder ficar mais perto das filhas. Foi nesse momento em que percebeu que alguma coisa estava errada com a filha caçula. Victória só chorava, por qualquer coisa, muitas vezes, por nada. Era uma tristeza sem fim, que podia ser notada a quilômetros de distância.

A partir daquele momento, a mãe buscou por ajuda psicológica para a filha. Era um passo à frente para uma vida mais merecida.

Com o passar do tempo, Victória se encantou por um rapaz chamado Arthur, que conheceu em uma rede social que já estava viciada. Ambos conversaram bastante e decidiram se encontrar para

comer uma pizza. Mal sabia ela que aquele jantar seria o início para o fundo do poço que estava prestes a começar.

Por exatos 30 dias, o casal permaneceu namorando. Depois disso, resolveram morar juntos e construir uma família. Foram quatro anos de muita tortura física e psicológica.

“Ele gritava muito comigo, brigava muito comigo”.

Victória passou a ser proibida de se arrumar, de sair de casa sozinha, e de olhar para outras pessoas na rua. Nem mesmo a roupa que ela escolhia para passear era permitida pelo abusador Arthur.

“Homem nenhum tem que definir a roupa que uma mulher quer usar”.

Victória recorda que os motivos para tamanha covardia do homem eram a menina ser mais nova do que ele, e não saber fazer comida e limpeza da casa direito, apesar de ter sido “escrava” das irmãs durante um bom tempo.

Mais recordações negativas assolam os pensamentos de Victória, já que não consegue esquecer de quando o amado a trancava dentro do quarto como uma forma de “castigo”. Com 10 anos de diferença do marido, ela era mesmo tratada como uma criança, fora as agressões físicas, que Victória não tem como esquecer. São feridas que grudam na alma como goma de mascar quando cai em um tapete peludo. São difíceis de tirar.

Assim como em qualquer outra residência, na casa de Victória havia uma caixa de remédios que eram usados para as situações de emergência. Ela já andava de olho naquele coquetel de comprimidos que ficavam dando bobeira ao seu redor.

Em um dia em que já estava esgotada com tamanha maldade e pressão psicológica que vinha sofrendo, tomou todos os remédios e acabou no hospital, sofrendo três paradas cardíacas, quase indo a óbito.

A menina foi encontrada pela sogra, que morava nas proximidades, e que por coincidência foi até a casa da nora para ver se ela tinha feijão cozido para emprestar. Ela avistou Victória caída sobre a cama.

Por sorte, a jovem não sofreu com efeitos colaterais e nem ficou com sequelas dessa primeira tentativa de suicídio, apesar de ter ficado por vários dias internada, com a mãe e o pai bastante perturbados.

Victória não queria voltar para a casa do marido. Estava bastante abalada com tudo o que tinha acontecido. Arthur, na esperança de trazer a esposa de volta para poder manipulá-la mais um pouco, tatuou o nome de Victória no antebraço.

“Acabou! Vai bater em outra, vai brigar com outra, vai gritar com outra...”

Com o tempo, a jovem acabou cedendo às chantagens emocionais de Arthur. Ela ainda tinha medo, mas burlava o sentimento e tentava se manter firme ao lado dele. Isso, até ela sair para caminhar com o filho da irmã mais velha e voltar para casa e flagrar o marido com Rafaela na cama.

“Não sei porque ela fez isso, eu nunca fiz nada pra ela”.

Rafaela também era casada. Victória conta que o marido da irmã continuou com ela apesar de tudo e que até hoje finge não existir infidelidade por parte dela.

“Eles me diziam: não é o que você tá pensando, não é o que você tá vendo...”

Na raiva do momento, em saber que fora traída não só pelo marido, mas também pela irmã de quem sempre teve muito apresso, apesar de tudo, saiu correndo até a casa da mãe que ficava algumas quadras dali.

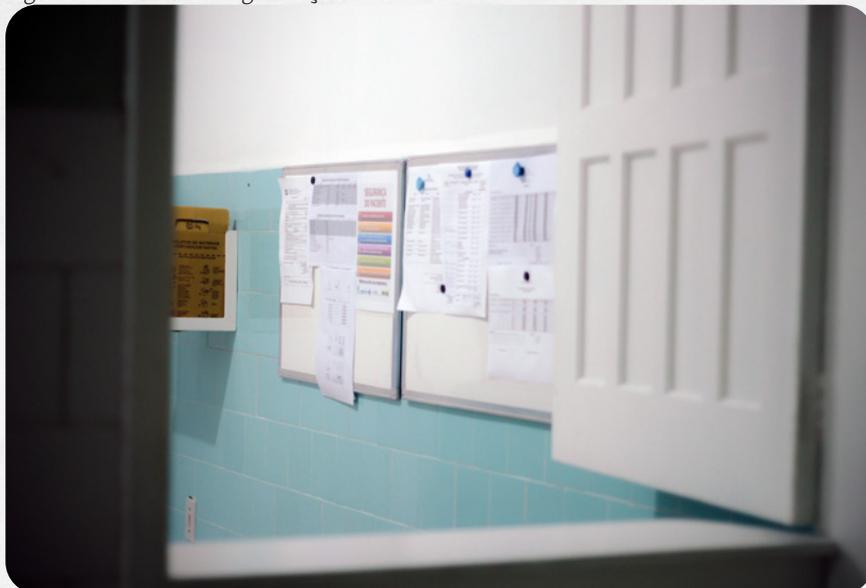
Ao contar o que havia acontecido, Silvana foi à procura dos amantes e bateu em ambos, como uma forma de criarem juízo e se arrependem do que haviam feito. Esgotada, Victória tomou outros comprimidos que encontrou pelos cômodos, na esperança de que a segunda tentativa de suicídio funcionasse.

Silvana encontrou a filha desfalecida e correu para pedir ajuda. A menina foi levada ao hospital e permaneceu alguns dias hospitalizada. Apesar do susto, ela sobreviveu e hoje se encontra na clínica de reabilitação, buscando por ajuda psicológica para conseguir retomar a vida que as pessoas faziam questão de estragar.

Victória está empolgada por estar na clínica. Ela diz ter conhecido uma pessoa muito especial ali dentro e busca reconstruir a vida ao lado dele quando deixar a unidade de saúde.

“Agora eu gosto de viver. Estou aqui para fazer duas pessoas felizes: meu pai e minha mãe, porque eles são o meu tudo!”

Figura 19 – Painel de organização da sala de enfermagem da clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

Fiquei revoltada depois que meu avô abusou de mim

Aquela sensação de aconchego, de ser cuidada e mimada pela mãe, nunca foi algo muito apreciado pela jovem Mariana Marques, de 16 anos. Os pais de Mariana se separaram logo quando ela nasceu, nos primeiros meses de vida e, durante quase uma década, a menina viveu sob os cuidados do pai, já que a mãe dela, Gabriela Mattos, não tinha condições de dar uma boa vida para a filha.

Ismael Marques, o pai de Mariana, na época, ficou com a guarda da menina por meio de uma negociação feita com Gabriela. O trato era simples: trocar a criança por um aparelho telefônico.

“Primeiro tu me entrega o celular, depois eu te dou a menina”.

Mariana viveu por sete longos anos ao lado de Ismael e da madrasta, a Geovana, em uma cidade um pouco longe da mãe, mas no mesmo Estado. Mesmo com uma distância razoável da mãe biológica, Mariana costumava visitar Gabriela em alguns finais de semana, quando o pai podia levá-la. Nesses poucos dias de visita, ela ficava também sob os cuidados dos avós maternos, que na época, quando ela era ainda bem criança, moravam na mesma casa que a mãe da menina.

Em algumas ocasiões, quando Gabriela precisava se ausentar, a filha era olhada pelo avô Antônio, por quem Mariana sempre teve algum apresso, um carinho que geralmente é esperado por pessoas da mesma família. Porém, com o passar do tempo, ela percebeu que ele a tratava diferente quando ambos se encontravam sozinhos em casa.

Mariana se recorda de algumas vezes ter sido “apalpada” pelo homem, que fazia aquilo “sem querer” ou “sem perceber”. Nas

vezes que as memórias do passado vêm à tona, a jovem se recorda de Antônio mexendo em suas roupas e dizendo que queria colocar dinheiro dentro delas.

Assustada, ela chegou a comentar as situações com a avó, mas sem que a mulher acreditasse nela.

O tempo foi passando e Mariana decidiu que seria hora de morar com a mãe, que já estava casada e tinha outro filho, e residindo em outra casa. Por azar, bem ao lado da residência onde vivia Antônio e a esposa.

A menina já estava com 10 anos de idade e acabava ficando com a avó quando a mãe precisava se ausentar, da mesma forma que era feito no passado. Mas as coisas começaram a ficar ainda mais assombrosas para a criança. Além de tocá-la, Antônio passava a baixar as calças na frente dela, expondo seus órgãos genitais e fazendo menção de que queria alguma coisa a mais com a menina.

A tortura psicológica feita por Antônio, forçando uma relação proibida com uma criança que era parte da família dele, foi tamanha, que durou quatro anos. Em outras situações, o idoso parava em frente à janela basculante do banheiro para poder assistir à neta tomando banho completamente nua e desprotegida. Durante esse tempo, Mariana chegou a ser violentada por ele.

Sabendo que a avó e a mãe – com quem já havia conversado sobre as coisas que vinham acontecendo – não acreditavam nela, resolveu se calar e guardar toda a mágoa e dor dentro de si.

Aos 14 anos, Mariana já não aguentava mais viver naquelas condições, sem poder falar por medo e sem poder confiar em ninguém, então, resolveu voltar para a casa do pai. Ismael nunca perguntou para a filha do porquê de ela querer mudar novamente de cidade, já que antes a decisão de viver com a mãe foi inteira dela. Mas a esposa dele, Geovana, entendia que aquilo não estava certo.

O caso só se tornou público e chegou ao conhecimento do pai Ismael quando, há dois anos, o avô Antônio abusou de uma criança de três anos, dentro da própria casa.

Conforme os relatos da jovem, que chegou a cuidar da menina vítima de estupro, a criança foi até o quintal da casa da mãe de Mariana para poder brincar com o irmão da jovem. Em frente à casa de Antônio, o idoso a chamou para entrar e ali aconteceu o pior.

A criança inocente voltou para casa chorando e contando tudo o que tinha acontecido para a mãe. Ao colocar a menina para tomar banho, percebeu que a filha apresentava sangramento nas roupas e partes íntimas, provas de que uma coisa terrível havia acontecido longe de seus olhos. A polícia foi chamada e o homem foi preso em flagrante, deixando todos ali na vizinhança abalados com a situação que era inacreditável.

Ao receber a notícia, Mariana percebeu que era hora de se abrir e contou tudo a Geovana, a única pessoa que lhe acolheu e a levou até a delegacia para registrar um boletim de ocorrência. O pai Ismael ficou sabendo das atrocidades apenas depois, porque a esposa resolveu colocar as cartas na mesa e abrir o jogo. Ele ficou revoltado com a situação.

“Minha mãe ficou triste comigo porque eu denunciei o pai dela”.

Antônio acabou sendo julgado pelo estupro que cometeu contra a criança, pegando nove anos de prisão. Já o caso de Mariana, que se comprovou, continua em andamento, esperando por uma nova condenação.

“Eu estou aqui porque me culpava bastante”.

Depois de ser vítima de estupro, Mariana ainda passou a sofrer com transtornos psicológicos, ficando bastante agressiva, passando a brigar muito com as pessoas a sua volta, e se tornando uma pessoa completamente revoltada com a vida.

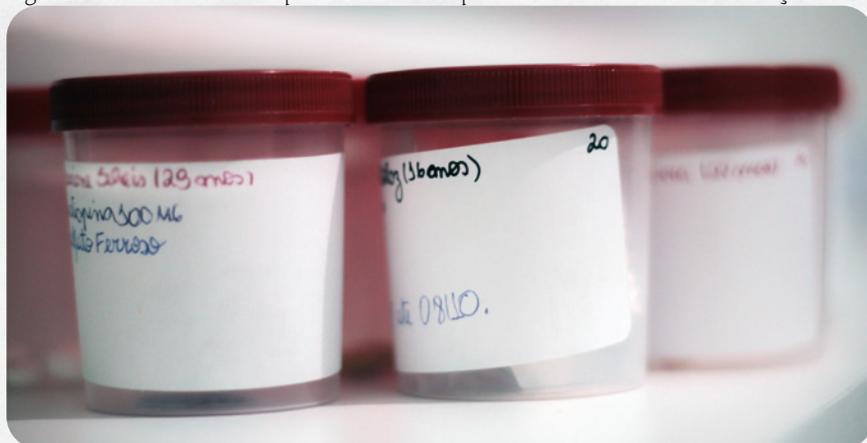
A dor interna é tamanha, pois tudo o que aconteceu na vida dela fez com que ela tomasse a decisão de se mutilar, machucar a si mesma, em busca de alguma cura para a sua dor sem fim. Uma dor interior que não tem cura e que está presente com ela em toda manhã.

“Fiquei transtornada com o mundo, mas agora voltei a sorrir”.

Faz pouco tempo que ela chegou à clínica de reabilitação, mas a sensação de ter se tornado uma nova pessoa parece já ter feito anos se passarem em sua vida. A decisão de buscar por ajuda psicológica veio totalmente de Mariana, que hoje sorri, como nunca, ao pensar que está sentindo as cicatrizes se fecharem.

“Quero poder aproveitar mais a minha família e me abrir mais com eles, porque eles me ajudam bastante”.

Figura 20 – Medicamentos pertencentes aos pacientes da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

Estou feliz que meu pai tenha morrido

A infância de Perla Dias foi algo que a traumatizou profundamente durante muito tempo. É difícil para ela olhar para trás e não relembrar o pesadelo que foi ter um pai por perto para acabar de vez com suas esperanças de uma criança sonhadora e feliz.

Quando criança pequena, sua mãe Ivete e seu pai Santiago se separaram e cada um foi morar com seus novos companheiros, porém, em casas muito próximas, na mesma cidade. Perla era irmã caçula de dois meninos e sempre a mais mimada pelo padrasto Israel. Porém, alguns anos se passaram e Ivete acabou falecendo de câncer, fazendo com que Perla e os irmãos precisassem se mudar para a casa do pai por ordem da justiça. Israel até tentou fazer o possível para segurar a guarda dos filhos de Ivete, porém, como o pai verdadeiro estava vivo, os menores foram obrigados a viver com Santiago. Santiago, da mesma forma, teve obrigação de aceitar os três em casa com ele. As mesmas crianças que ele rejeitou quando se separou de Ivete anos atrás.

Na casa de Santiago as coisas não eram nada fáceis para Perla. O pai que deveria dar amor e carinho, passou a dar desgosto e deixar marcas pelo corpo ainda nem formado, já que descontava na menina tudo o que os irmãos faziam de errado. Ele a machucava quase que diariamente, batendo nela com tudo o que visse pela frente. Em algumas das ocasiões, ele usou um cinzeiro de ferro para lhe deixar uma marca. Em outras, chinelo, chicote e, até mesmo, um facão. A esposa de Santiago, que deveria protegê-la e fazer o papel de mãe, encobria as covardias do marido contra a filha e ainda ajudava a machucá-la.

Em todas às vezes que sentia na pele a ardência de uma violência sem fim, pensava em Israel e em como ele cuidava e protegia-a de tudo.

“De patricinha eu virei a gata borralheira”.

Os anos se passaram e Perla foi vivendo em um pesadelo cada vez mais real. As atitudes do pai só pioravam com o passar do tempo. Era como se as atrocidades que cometia contra a filha lhe tornasse mais forte, mais poderoso. Um troféu do qual ele nunca tocou realmente.

Ao completar 13 anos de idade e se tornar mocinha, Perla teve a pior experiência vivendo na companhia do pai. Ele tentou abusar dela e ninguém estava ali para tentar ajudá-la. A menina, que já estava inserida nas drogas por conta das amizades que encontrou no caminho, foi se afundando cada vez mais, fazendo o uso de todo tipo de entorpecente que pudesse existir.

Aquele abuso psicológico e tentativa de estupro que sofreu do próprio pai foi o estopim para que ela fugisse e começasse a viver na rua, vasculhando as latas de lixo para encontrar alguma refeição e se abrindo debaixo de pontes ou nas esquinas de algum estabelecimento.

“A rua foi para mim uma escola. Eu apanhei, mas também aprendi a bater”.

Mesmo estando ao relento, passando fome, frio e medo o tempo todo, Perla se sentia mais segura ali, na rua, do que na casa em que foi criada e explorada de diversas maneiras. Pensar que estava longe do pai, longe da pessoa que lhe trazia perigo e dor, era como uma vitória. Lembrar das mãos dele tentando tocá-la lhe dava embrulho, uma vontade imensa de vomitar. A sensação era torturante e lhe causava náuseas.

Nada seria pior do que viver sob o mesmo teto que Santiago. Se ela voltasse para aquela casa, com certeza seria uma forma de suicídio.

“Um nojo, raiva, como se eu estivesse sempre suja”.

O medo acabou retornando depois disso, porque Perla acabou denunciando o pai às autoridades. Porém, como já havia se passado muito tempo, não houve flagrante e ele não foi preso. Como ficou sabendo da situação, Santiago procurou-a para matá-la, mas não conseguiu finalizar o ato. Algum tempo depois, Santiago foi assassinado em uma cidade vizinha e Perla, até hoje, não sabe o que aconteceu.

Perla permaneceu na rua por quase dois anos, vivendo dos restos que encontrava e das drogas que chegavam pelos amigos que viviam na mesma situação que a dela.

Em uma das suas rotinas, ela acabou reencontrando um antigo amor, um rapaz que morava na casa ao lado do pai dela. Ambos passaram a se encontrar e Perla acabou engravidando. Ela saiu das ruas e foi viver com ele, uma vida que prometia ser de amor e confiança. Com esse companheiro, ela sentiu na pele a experiência de viver em um relacionamento abusivo, totalmente tóxico, em que ela era exposta diariamente à pressão psicológica e agressões físicas, que iniciaram ainda na gestação, perdurando por cinco anos. Foram 1825 dias vivendo em um inferno constante, sem possibilidade de defesa.

“Ele me amava de verdade, mas o ciúme fazia ele perder a cabeça”.

Ao fim do relacionamento que nem deveria ter começado, Perla passou a ser perseguida pelo ex-companheiro. Ele não aceitava o fim do casamento e resolveu fazer ameaças de morte para intimidá-la e fazê-la entregar a guarda do filho.

Não demorou muito tempo para que a jovem mãe conhecesse um novo companheiro. A situação mudou de figura em alguns aspectos, mas Perla não havia dado tanta sorte assim. Depois de ter engravidado do segundo filho, ela começou a descobrir as traições do marido. Aquela foi mais uma fase difícil para Perla, que colocou um fim no casamento, pela segunda vez.

Esse foi um casamento triste, mas que, no fim das contas, não lhe deu problemas futuros. Ambos terminaram de boa e até se tornaram amigos. O que Perla não esperava era engravidar novamente e descobrir isso após o término do casamento. Por conta do afastamento do ex-marido, ela preferiu esconder o filho recém-nascido por alguns anos.

Dali em diante as coisas começaram a desandar de vez. Perla ficou bastante agressiva, depressiva e fazia uso constante de drogas, porque os casamentos que viveu lhe trouxeram lembranças amargas do passado, principalmente do pai abusador.

“Eu não tinha prazer de viver, procurava a morte a todo custo. Eu só queria morrer”.

Por conta da saúde em risco, Perla foi obrigada a tomar uma decisão. Se ela não aceitasse a internação em clínica, perderia a guarda dos filhos. Ela, junto com os três meninos, ficou abrigada por um ano e meio em uma clínica, buscando por tratamento para se livrar dos traumas do passado e também das drogas, nas quais estava completamente viciada.

Quando deixou o lugar de cura, Perla foi morar com uma irmã e levou os filhos com ela. A jovem mãe passou a trabalhar fora e pagava um pequeno salário para que a irmã cuidasse de seus pequenos, que já estavam com três, cinco e sete anos. Enquanto se esforçava para ganhar dinheiro e levar alimento para a mesa da família, Perla não

fazia ideia de que, dentro da casa onde havia deixado seus filhos, havia alguém que apresentava perigo.

Em uma das tardes em que estava trabalhando duro, recebeu uma ligação da irmã, desesperada, dizendo que havia saído e deixado as crianças aos cuidados do marido. Sem entender tamanha preocupação da familiar, a mãe questionou por telefone o que teria acontecido e foi bombardeada com a informação de que o homem havia tentado abusar do seu menino caçula.

Ao retornar para casa às pressas, encontrou o filho pequeno sendo amparado pela tia, ardendo em febre e apresentando hematomas pelo corpo, por conta da força que o abusador fez.

A criança foi parar no hospital e a polícia foi chamada, mas o suspeito acabou fugindo e não localizado. Perla precisou provar à polícia que pagava a irmã para que ela cuidasse de seus filhos, mas os agentes não acreditaram na história.

Por conta do ocorrido e do perigo que os menores estavam correndo estando naquela casa, eles foram tirados da mãe e adotados por outra família. Depois disso, Perla nunca mais os viu, nem mesmo uma fotografia, por 10 anos. Isso causou tristeza e dor por saber que talvez nunca mais tenha contato com eles.

“Eu me sinto como um lixo. Eu penso eu procurar por eles para pedir perdão por falhar”.

Perla precisou sair da casa da irmã, já que a mulher não pôs um fim ao relacionamento tóxico que tinha, mantendo o agressor dentro de casa. A jovem mãe voltou a morar na rua por um curto tempo, até conhecer a dona de um bordel na cidade vizinha e ser convidada a trabalhar na boate, como acompanhante.

Maravilhada pelo salário que começou a receber no lugar, Perla não via outra alternativa para se sustentar e construir uma vida boa e com condições financeiras adequadas. Ela nunca tinha ganhado tanto dinheiro, em tão pouco tempo, quanto ganhou naquelas primeiras semanas como garota de programa.

Lá dentro daquele bordel, rodeada de homens de todos os tipos, Perla passou a interpretar uma personagem. Entre as quatro paredes do local de trabalho, Perla era, na verdade, Malu, uma garota de 22 anos segura de si, cheia de confiança, poderosa e divertida, que sabia o que queria e que carregava consigo um sorriso de orelha a orelha e o único objetivo era satisfazer seus clientes. Todos os adjetivos citados não condiziam com a realidade da jovem. Ao contrário. Quando não estava em horário de trabalho, a depressão tomava conta de todas as partes do corpo de Perla, fazendo-a usar cocaína ao extremo. O único remédio era continuar dentro de um quarto, com um homem desconhecido a cada hora, e fingindo ser quem não era.

Dentro de Malu se escondia uma mulher cheia de traumas, medos e inseguranças. Aquela foi a forma que ela encontrou de mascarar um passado triste.

Com o passar do tempo, entre tantos clientes que ali passavam, Perla se encantou por um deles em especial. Roger se mostrou um homem romântico, educado e que transmitia paz para ela, coisa que nunca mais sentiu desde que sua inocência foi tomada, no passado.

Com Roger por perto, Perla se sentia apaixonada e disposta a largar tudo para viver um grande amor. Foi assim que ela deixou a boate para começar uma nova vida. Viver ao lado de quem ela apostou todas as fichas para fugir dos pesadelos que a perseguiram.

“Nos braços dele eu me sentia segura. Aquele vazio, aquele oco, sumiu. Um jardim brotou dentro de mim”.

Roger completou o que faltava na amada. Com a ajuda dele, Perla mandou os pensamentos ruins embora e se tornou uma nova pessoa. Mesmo longe dos filhos, ela passou a ter contato com o filho que Roger teve num antigo casamento. O filho dele, já adolescente, apreciou o novo relacionamento do pai e até chama Perla de mãe, já sentindo que pode fazer parte da nova família.

Prometendo que iria mudar de vez e buscar ajuda para construir uma nova história, Perla aceitou se internar na clínica de reabilitação, buscando por ajuda e tratamento para poder viver tranquila. O que ela mais quer agora é poder se renovar e viver com a nova família que construiu em meio a muito tumulto e confusão, mas que agora lhe traz paz e segurança.

Figura 21 – Atividade desenvolvida por pacientes da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

Criei um grupo no Whatsapp para me despedir

Os dias demoram a passar para Pedro Amaral, que está na clínica de reabilitação há poucos dias. Em menos de cinco meses, ele se internou duas vezes para poder conseguir se recuperar da vontade que tinha de tirar a própria vida.

Pedro tem 20 anos, mas foi no início da adolescência, aos 13, que a tentativa suicida passou a ser notada na vida dele. Porém, a depressão em si foi diagnosticada mais tarde, aos 16 anos de idade. Ele percebeu que andava muito triste, sem ter um motivo específico. Não comia direito, não fazia as atividades da rotina, e vivia cansado.

Cansado da vida.

Em uma breve pesquisa no Google, citando os sintomas que lhe causava desânimo, foi convencido de que era hora de buscar por ajuda. E foi isso que Pedro fez. O jovem buscou por ajuda no posto de saúde da cidade dele, escondido dos pais e com apoio de uma professora da época, que percebeu que Pedro não andava muito bem.

“Minha mãe veio a saber da minha depressão agora, quando eu fiz 19 anos. Meu pai também”.

Pedro não se sentia preparado para contar aos pais – já separados – que passava por problemas psicológicos. Um pouco era por medo da reação deles, mas ele não queria mesmo era preocupá-los, já que a mãe Jordana sofre de ansiedade e tem problema de coração e, o pai Valmir, tem pressão alta.

Jordana e Valmir colocaram um fim no casamento quando Pedro tinha três anos de idade. Valmir costumava beber bastante, era viciado em bebida alcoólica, o que acabou prejudicando o casamento que tinha com a esposa. Jordana, logo depois da separação, conheceu outro homem e iniciou um relacionamento, levando Pedro para morar com eles. O problema era que esse novo companheiro também bebia. Ele bebia muito mais do que Valmir e Pedro recorda das tantas brigas que a mãe teve com o padrasto, que ele presenciou tudo e chorava por medo de que alguma coisa ruim acontecesse.

“Ele chegava bêbado em casa”.

Nesse novo casamento, que durou pouco tempo, o filho de Jordana guardou muita mágoa, porque via pratos e copos sendo quebrados durante as discussões, e ninguém fazendo nada para evitar aquela confusão. O esposo deixava a casa logo depois da briga, geralmente à noite, e voltava no outro dia, como se nada tivesse acontecido.

“A minha mãe chorava e ficava lá comigo. Eu chorava também. Ela tinha medo”.

Quando as coisas pareciam querer mudar, logo depois que veio a separação de Jordana com o segundo marido, ela conheceu o terceiro. O desgosto foi ainda maior para Pedro. Esse terceiro companheiro de sua mãe também tinha o hábito de beber. E não era pouco.

Ambos brigavam bastante, discutiam na frente dos filhos, e deixavam marcas de um psicológico abalado sem ao menos fazer ideia disso. Enquanto Pedro tentava entender a decisão da mãe de se

relacionar com homens problemáticos, absorvia as coisas negativas daqueles relacionamentos tóxicos que entravam pela porta da casa dele e ali se estabeleciam, prejudicando-o e deixando-o doente.

Para a sorte de Pedro, esse relacionamento não vingou. Jordana decidiu pôr um fim no casamento complicado e deixou a casa do homem com os dois filhos pequenos. Pedro e o irmão, já cansados das tantas decisões erradas da mãe, decidiram morar com o pai. Pedro estava com 10 anos e nenhuma vontade de conversar com Jordana. Na escola, quando perguntavam sobre ela, ele dizia sempre a mesma coisa: que não tinha mãe.

Na casa do pai, no lugar onde achou que se sentiria mais à vontade e que receberia o carinho que lhe faltava, começou a ficar tristonho. O irmão estava recebendo mais atenção do pai e isso fazia com que Pedro se sentisse de lado, excluído, muitas vezes.

Valmir acabava enchendo Pedro de tarefas, por ser o mais velho, e acabava sendo grosso em algumas vezes, dizendo que ele não fazia as coisas direito, que “não prestava para nada” e que “não seria ninguém na vida”.

“Ele me falava essas coisas todos os dias e eu era pequeno. Fui absorvendo”.

Por conta da responsabilidade pesada que era jogada para cima dele e que não condizia com a idade de Pedro, ele não via outras saídas, não sabia o que fazer, não tinha esperanças e também não sabia para onde correr.

Quando alcançou os 13 anos, o menino já não conseguia suportar a pressão que recebia do pai. Em uma das ocasiões, ambos discutiram e Valmir acabou batendo em Pedro, usando um cinto, fazendo com que ele tomasse uma decisão muito dolorosa.

Pedro caminhou para fora de casa e encontrou uma corda pendurada no varal de roupas. Sem pensar muito nas consequências, pegou a soga e passou ao redor do pescoço, forçando com as duas mãos para tentar se livrar do sofrimento que sentia. Por algum motivo, antes de perder a consciência, conseguiu parar e chorou muito por ter pensado que aquilo resolveria o problema.

Depois disso, Pedro agia de uma maneira diferente, às escondidas, para que ninguém soubesse o que se passava na cabeça dele. Quando estava sozinho, fazia pequenos cortes nas pernas, em uma região em que ninguém poderia ver, e se aliviava ali, daquela forma, ao invés de chorar como sempre fazia. Era uma forma de mandar a dor embora. No fim das contas, a dor sempre permanecia, mas de uma maneira externa, já que feridas se formavam pelos cortes provocados intencionalmente.

Na escola já não tinha amigos ou companhia para se distrair e sair de casa quando necessário. Também sofria *bullying* por morar no interior, ouvindo piadas desnecessárias e maldosas, que o prejudicavam ainda mais. A única pessoa que ele tinha como companhia era uma menina, que inclusive, o auxiliou a buscar ajuda.

Com o tempo, Pedro fez outro amigo na escola. Esse amigo, já ciente de que ele não estava bem e que precisava de ajuda com urgência, foi a primeira pessoa a colocar na cabeça de Pedro que ele precisava de internação para tratar a depressão.

“Fui na casa dele para me despedir, porque seria a última vez que ele me veria. Eu iria me matar”.

O amigo, desesperado com a decisão de Pedro, o fez sentar e refletir sobre a vida que estava levando, sobre as decisões que estava tomando, e em como ele poderia se recuperar e viver uma vida

tranquila. Pedro ouviu o amigo e decidiu procurar ajuda, começando até a tomar remédios para a depressão. Porém, não demorou muito para começar a recair.

Esse amigo também acabou tendo acesso ao celular de Pedro, onde o jovem escondia, em um grupo de *WhatsApp* em que apenas ele era membro, diversos áudios com despedidas. Todas as mensagens, que explicavam o motivo do suicídio, seriam destinadas a uma pessoa importante para ele, quando partisse. Com uma imagem de capa toda preta, o grupo recebeu o nome de “FIM”, uma simples palavra, com um significado gigantesco e que resumiria a história de vida de Pedro. Por algum motivo, ele não excluiu esse grupo, tampouco, os áudios. Sente que aquilo faz parte dele e que não deve ser descartado assim, como qualquer foto que não goste na galeria.

“Eu me acostumei com aquilo. Se algum dia acontecer, vai estar lá”.

Nesse meio tempo, Pedro conheceu uma mulher, que já era mãe e morava na cidade vizinha. Eles iniciaram um relacionamento que durou seis meses, mas para Pedro, parecia uma eternidade de tortura psicológica. A mulher, por quem estava apaixonado, tratava-o muito mal, apesar de ele fazer de tudo para ela. Costumava xingá-lo, humilhá-lo e descontar nele os problemas que tinha no dia a dia, inclusive jogando na cara dele que Pedro não tinha as mesmas condições financeiras do ex-esposo dela.

A nova companheira também se aproveitava do jovem, já que ele passava o dia todo trabalhando e ainda limpava a casa para ela quando ia visitá-la, quase todos os dias. A pior parte da relação, foi quando a mulher começou a pedir dinheiro para Pedro. Ele, sem muito o que questionar da amada, chegou a fazer empréstimos de valores

altos, em uma agência bancária, só para satisfazer a namorada e vê-la feliz.

“Perdi meu emprego, me endividei. Estou devendo muito para o banco, por causa dela”.

Essa situação com a namorada e o fim do relacionamento logo depois, serviu para que Pedro ficasse ainda pior. Os pensamentos suicidas voltaram e ele não via outra alternativa. A única coisa que queria, era parar de respirar. Em uma das vezes, chegou a tomar 72 comprimidos de sertralina, o medicamento que fazia uso diariamente para a depressão. Pedro ficou tão mal, que passou cinco dias na cama, sem conseguir se levantar, numa ocasião em que nem Valmir, seu pai, soube o que fazer.

Valmir ficou irritado com a situação toda e resolveu mandar o filho para morar com a mãe novamente. Jordana recebeu o filho bem e ficou imensamente preocupada com a situação, já que não fazia ideia de como o filho estava. Nessa ocasião, Pedro foi internado pela primeira vez na clínica de reabilitação, onde permaneceu por 30 dias. Foram semanas importantes para ele, fazendo com que Pedro se renovasse e criasse esperança de se recuperar do pior.

Dentro da clínica, Pedro conheceu a jovem Eliza Soares, por quem se apaixonou e acabou burlando uma das regras mais importantes da clínica: não se relacionar com ninguém dentro da unidade.

Ambos iniciaram uma relação ali e Pedro foi se apegando muito ao sonho de poder levar uma vida com Eliza do lado de fora. A menina deixou a clínica antes dele e Pedro prometeu procurá-la quando também saísse dali. E foi o que ele fez. O casal passou a conversar e trocar mensagens durante um mês, se aproximando cada vez mais.

Pedro também conheceu a mãe de Eliza e a levou para a sua casa, para passarem o final de semana juntos.

Pedro começou a se sentir mal, porque acabou brigando com Eliza por não querer acompanhá-la na igreja. Ele se trancou no banheiro e usou o fio do carregador de celular para passar ao redor do pescoço e tentar mais uma vez tirar a própria vida. Nessa tentativa estúpida, acabou perdendo a consciência e deixando todos ali na casa preocupados, sem saber o que fazer. A ambulância foi chamada e Pedro foi parar no hospital, ficando por dez dias internado até que tivesse uma vaga disponível para ele em outra clínica de reabilitação.

Depois desse episódio doloroso, Pedro passou mais 60 dias sob tratamento, vivendo dias bastante cansativos. Esses dias também não serviram muito para fazê-lo repensar no que estava fazendo com a própria vida. Sete dias depois de deixar a clínica, viu que havia remédios sobre a mesa e tomou, todos os 80 comprimidos, sem pensar nas consequências, mais uma vez.

Foi a partir desse momento que ele retornou para a Clínica de Ponte Serrada, para a terceira tentativa de recuperar a vida que tinha. Apesar de saber que pode ser difícil, ele quer ao máximo se esforçar para poder ver a família novamente.

Uma pessoa em especial, é seu melhor amigo, que também está ansioso pela recuperação de Pedro.

Pedro, após deixar a clínica, quer voltar a trabalhar, quer criar uma rotina que o ajude a manter a cabeça ocupada, e quer respirar o ar puro que nunca apreciou de verdade.

Viver, a partir de agora, vai ser prioridade na vida dele.

Figura 22 – Trabalhos desenvolvidos na arteterapia pelos pacientes da clínica



Fonte: Kiane Berté (2023).

Um paraíso chamado drogas

A história de vida do jovem Kevin Marques não é diferente da dos colegas dele da clínica de reabilitação. Com 20 anos, ele foi internado para se tratar do vício excessivo de cocaína, droga que passou a usar e logo depois se envolvendo com o tráfico de drogas.

Há menos de três anos, aos 17, ele conheceu uma menina e iniciou um relacionamento. Logo depois, resolveu sair da casa dos pais e morar com ela para ter mais privacidade, pois a namorada acabou engravidando. Com um emprego que ganhava R\$ 1,6 mil por mês, se viu necessitado de um aumento para poder dar conta das despesas que tinha com a companheira, já que ela ganhava menos do que ele como professora estagiária na cidade.

Na companhia de amigos com má influência, Kevin comentou sobre a dificuldade que vinha tendo dentro de casa e em como precisava ganhar mais para ter a vida que desejava e, também, para sustentar a filha pequena. Os amigos, cientes da necessidade dele, ofereceram um pequeno trabalho de vender as drogas em troca de um bom dinheiro.

Kevin sabia das consequências que teria se entrasse de vez no tráfico, mas as necessidades do dia a dia o fizeram repensar na proposta feita pelos colegas.

“Eu pensava assim: não é porque eu ando junto, que me igualo, mas acabei entrando”.

Kevin trabalhava em uma mecânica e nunca lhe passou pela cabeça em pedir aumento para o patrão. O que ele queria, na verdade,

era dinheiro fácil. As vendas iniciaram devagar, com pouca mercadoria, mas que rendia um bom dinheiro no final do mês.

O bolso de Kevin ia aumentando e a ambição pelas notas de dinheiro cresciam junto. Ele acabou conhecendo pessoas mais “interessantes” e que pagavam caro por drogas “boas e diferentes”.

Os investimentos dele com os entorpecentes se tornaram maiores e ele chegou a fazer viagens à Argentina sozinho para poder buscar drogas, preparando-as para vender no banheiro de casa, num trabalho bastante cômodo e prazeroso. Em alguns meses, com o passar do tempo, Kevin passou a receber mais de R\$ 8 mil por mês com a venda fácil de drogas, o que fazia brilhar os olhos e cobiçar muito mais do que tinha.

Em suas viagens para comprar as drogas, conheceu muitas pessoas no mundo do tráfico e acabou entrando para uma facção criminosa, com direito a uma tatuagem, com um símbolo específico no polegar de uma das mãos.

Em uma madrugada, quando estava descansando dos seus trabalhos secretos, recebeu a visita de uma mulher, bastante jovem, desesperada por R\$ 300 em cocaína.

“Uma mulher tão bonita atrás de drogas. Quanta coisa dava para fazer com todo aquele dinheiro, e ela querendo em drogas”.

Kevin só tinha tido a experiência de vender os entorpecentes, nunca nem sequer pensou em usar as drogas que comercializava. Até que aquela visita repentina, na madrugada, o fez ficar curioso com o produto que vendia, chegando a experimentar, pela primeira vez, o pó branco que custa tão caro.

“Não sabia que era tão bom. Não conseguia dormir, uma euforia muito grande. Eu comecei a desandar”.

Foram 48 horas fazendo uso de cocaína, sem conseguir fechar os olhos, tudo por conta de uma curiosidade que não passou despercebida. Depois disso, em um mês sem consumir nada da droga, houve uma discussão com a esposa e o término do casamento. Aquilo acabou levando-o para “as carreiras” mais uma vez. Dessa vez, sem conseguir voltar atrás.

Sob ameaças da ex-mulher, que dizia o tempo todo que o colocaria atrás das grades e que tinha provas para o incriminar como traficante, Kevin se drogava cada vez mais. Era como se a cocaína anesthesiasse o sentimento de culpa e o medo que o perseguia.

Como estava solteiro, o círculo vicioso em que Kevin havia se metido ficou cada vez mais “interessante”. As drogas chegavam, o dinheiro entrava e as festas não paravam. Muitas mulheres aos seus pés quando ele pagava as bebidas nas festas mais badaladas da cidade, as roupas caras, o luxo que nunca pensou que teria, e as drogas para usar quando sentisse vontade.

Kevin estava completamente viciado. Vivia em festas, baladas, e bancava os amigos que tinha na época. Ou amigos que ele achava que tinha. Quando o dinheiro acabou, os amigos já não estavam mais por perto, ou quando ele começou a perceber que estava no fundo do poço...

Não havia amigo nenhum lá para socorrê-lo. Não tinha mais saída.

“Um dia eu acordei, me olhei no espelho e pensei: o que eu tô fazendo com a minha vida?”

O desespero bateu quando o reflexo de um rapaz jovem, bastante magro e apático, apareceu no espelho do banheiro. Aquela imagem pedia socorro e Kevin sabia que não teria outra alternativa, se não, buscar ajuda antes que fosse tarde demais.

O chefe do rapaz já tinha percebido que havia alguma coisa errada com ele e imaginava que as drogas estavam no meio daquilo tudo. Em uma conversa amigável, entre um desabafo e outro, o chefe incentivou Kevin, dando total apoio, a buscar por ajuda, contando a ele que também já havia sido usuário de cocaína quando trabalhava como motorista de caminhão e que tinha se internado em uma clínica de reabilitação para se recuperar e começar tudo do zero.

Kevin desistiu da vida do crime, mas, por conta do pacto que fez quando decidiu entrar para uma organização criminosa, ele é vigiado dia e noite para que não “saia da linha”. A partir de hoje, Kevin deve seguir o lado do bem, frequentando a igreja, trabalhando de forma honesta e jamais pensar em voltar para o tráfico ou algo ruim.

“Eu preciso honrar a minha masculinidade ou eu vou pagar com a minha vida”.

Em uma ligação rápida para a irmã mais velha, Kevin desabafou e disse que precisava de socorro.

Ao deixar a clínica de reabilitação, Kevin quer continuar trabalhando na oficina, onde possui oito anos de experiência, dando o seu melhor para que a vida comece a andar em um ritmo tranquilo novamente.

O aprendizado que ele teve até agora é que a vida do crime não compensa, apesar de ter vivido alguns meses em poder de muito dinheiro que nunca tinha tido igual.

“Eu vivi o paraíso, mas também, na maioria do tempo, vivi um inferno”.

A partir de agora, o paraíso que Kevin quer viver é na fé que alimentou durante os 30 dias de internação. Nada para ele vai ser mais importante do que cuidar da filha, dar o melhor no trabalho que tem e resgatar os laços com as pessoas importantes na sua vida.

Figura 23 – Medicamentos destinados aos pacientes da clínica de reabilitação



Fonte: Kiane Berté (2023).

A importância da clínica de reabilitação na vida das pessoas

Samuel Filipe Schmidt– atual psicólogo da clínica de reabilitação

“Todo diamante bruto lapidado se transforma em uma pedra preciosa. É dessa forma que enxergamos o paciente que diariamente temos a oportunidade de trabalhar.

Durante o período de internação, o paciente passa por diversas fases, e cada uma delas com suas particularidades. Desde a adaptação, desintoxicação e estabilização do quadro, até o empoderamento para alta hospitalar. Quando o paciente vê a clínica/tratamento como oportunidade de mudança, não apenas como punição, a evolução e estabilização do quadro ocorrem de forma mais rápida.

Precisamos enxergar os transtornos mentais como multifatoriais. Isso quer dizer que o adoecimento mental envolve várias questões, como fatores biológicos, psicológicos e socioculturais do indivíduo. Quando olhamos com esse viés, compreendemos porque é importante um tratamento que vá além da psiquiatria, tratamento multidisciplinar e humanizado.

O trabalho com a equipe multidisciplinar possibilita com que cada demanda particular do paciente seja atendida, potencializando os ganhos que podem ser obtidos no tratamento, dessa forma, trabalhando de forma complementar à abordagem clínica e aos tratamentos medicamentosos.

Olhar o paciente como um todo é preparar para a vida, estabilizar o quadro clínico durante a internação e empoderar para o enfrentamento das particularidades de cada indivíduo na sua vida cotidiana.

A rotina do psicólogo hospitalar em ala de saúde mental é dinâmica, desafiador, um duelo entre satisfação e frustração. Ouvir e acolher as

demandas, seja durante um atendimento individual, grupo e/ou surtos, é o que mais requer nesses contextos. De um lado vivenciamos a estabilização do paciente, de outro, a fragilidade do ambiente que retornara, com seus inúmeros desafios.”

Marceli Marchesini - fisioterapeuta

“O que nos motiva como fisioterapeuta na saúde mental é o impacto positivo que podemos ter na vida das pessoas. Encontramos satisfação em ajudar os pacientes a superar desafios físicos e emocionais, promovendo sua recuperação global e qualidade de vida. O desejo de fazer a diferença na vida das pessoas e contribuir para o bem-estar emocional e físico é uma forte motivação para nós fisioterapeutas.

Portanto, como colaboradora posso afirmar que as clínicas de reabilitação mental desempenham um papel vital na vida das pessoas, fornecendo suporte, educação e recursos para ajudá-las a gerenciar sua saúde mental e viver vidas mais plenas e significativas.”

Erick Takahashi - médico da ala de saúde mental

“Nossa missão transcende a prática médica; é uma vocação para restaurar vidas. A cada dia, almejamos que nossa clínica seja mais do que um local de tratamento, mas um lar temporário onde cada paciente possa se sentir seguro para enfrentar suas tempestades internas e emergir fortalecido, pronto para reconquistar seu lugar no mundo.”

Pamela Bento – assistente social

“A saúde mental é um movimento que culminou na desinstitucionalização do doente mental e dependente químico. O Hospital Santo Expedito vem tendo uma grande importância nas práticas integrativas de cuidado e terapêutico para as pessoas em sofrimento psíquico.

A clínica tem seu trabalho respaldado no atendimento especializado, para recuperação, reintegração social e possibilitar a continuação do tratamento ambulatorial.

A importância da clínica na vida das pessoas, está na conscientização que o paciente não é apenas um CID, é uma pessoa com garantias sociais e cidadania.

As pessoas não estão sozinhas, e/ou punidas, estigmatizadas pela internação.

A importância da clínica é fortalecer os vínculos familiares e sociais, valorizar e trabalhar seus potenciais em programas de reabilitação multidisciplinar. Saúde mental é coletiva.”

Daiane da Silva – técnica de Enfermagem

“A clínica é importante para ajudar as pessoas a realizarem uma desintoxicação no organismo, também oferece apoio emocional e psicológico que, na maioria das vezes, não recebem no calor do seu lar. Também são realizados trabalhos terapêuticos, artesanais, são desenvolvidas atividades ao ar livre (com pátio fechado para evitar eventuais fugas, tudo para afastar e exterminar com a vontade que os mesmos possuem, que muitos casos consistem em tirar a própria vida. O intuito das clínicas é transformar a vida dos pacientes para melhor, tentar com que eles aceitem seu tratamento,

saíam com a cabeça erguida e possam seguir em frente para construir um novo futuro.”

Juliana de Quadros – técnica de Enfermagem

“A clínica de reabilitação é importante pelo apoio que as pessoas recebem, pelos ensinamentos e pela reabilitação social, além de ajudar na tomada de decisões após internação.”

Viviane Euclides Ferreira – técnica de Enfermagem

“Considero um local para limpar o organismo, restaurar a mente e o corpo, com o propósito da vida. Este é um local onde o paciente não se sente sozinho, desamparado ou até mesmo, o fim da vida, pois é um local que temos e a equipe multidisciplinar e médica.”

Juceli de Queiroz – técnica de Enfermagem

“A importância da clínica de reabilitação, em ala de saúde mental, é o que define o bem-estar das pessoas, trabalhando o emocional, psicológico e social.

A importância da intenção é, muitas vezes, a busca em resolver a crise de forma mais rápida. Visando em si, um trabalho em equipe, com atendimento completo e humanizado, onde se proporciona o bem-estar, confiança e tranquilidade. Sempre com o foco de que a saúde mental é sempre

trabalhada com grupos terapêuticos e com a equipe de enfermagem, para que o paciente, durante a internação, vise seu bem-estar com ele mesmo para com a sua convivência com os outros.”

Silvana Siqueira – técnica de Enfermagem

“A clínica de reabilitação oferece terapias e auxilia o indivíduo no processo de aprender a lidar melhor com as questões psicológicas e sociais, garantindo seu suporte nas áreas em que a dependência química e/ou outras causas, afetou a questão psicológica, social e biológica, tratando a pessoa como um todo, visando melhorias dentro do contexto em que ele está inserido, dando a ele importância e não tratar o ‘problema’ como uma causa isolada.”

Marilaine da Costa – técnica de Enfermagem

“A clínica de reabilitação é uma oportunidade da pessoa dependente química ou mental, ter ajuda de um ou mais profissionais para voltar a ter uma vida normal, uma nova chance de retornar à sociedade, à família e ter um trabalho.

Fazê-los entender que podem viver sem o vício e ter uma autoestima boa,

recuperando o sentido da vida. Esse é um dos motivos e da importância dos trabalhos desenvolvidos no local das atividades físicas, palestras, os motivando a ter uma vida melhor. Tratar da parte espiritual também vai ajudar na recuperação, na participação em um todo, trazendo benefício para o paciente.

A família é a parte principal quando ele retorna para o lar. Receber conforto e carinho fazem com que ele tenha um propósito para voltar a se relacionar com os demais, para que a sociedade não trate o dependente como uma ameaça, ajudando com que ele não tire a própria vida ou até mesmo a vida de outros. Ele precisa saber que é útil e tem importância para as outras pessoas. Bons profissionais são de extrema importância, saber ouvir, impor regras, respeito e colaboração. Os pacientes precisam se sentir acolhidos e importantes, dando o melhor e se valorizar.”